



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
ESCOLA DE NUTRIÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ALIMENTOS, NUTRIÇÃO E SAÚDE.

Maria Albanita Paiva de Andrade

PREFERÊNCIAS ALIMENTARES ENTRE ADOLESCENTES:
ESTUDO DE CASO EM SALVADOR, BAHIA.

SALVADOR - BAHIA.

Fevereiro / 2009.

Apoio:



Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

MARIA ALBANITA PAIVA DE ANDRADE

PREFERÊNCIAS ALIMENTARES ENTRE ADOLESCENTES:
ESTUDO DE CASO EM SALVADOR, BAHIA.

Trabalho de conclusão apresentado sob forma de artigos científicos ao Programa de Pós-Graduação em Alimentos, Nutrição e Saúde, da Escola de Nutrição da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Alimentos, Nutrição e Saúde.

Orientadora:
Profa. Dra. Sandra Maria Chaves dos Santos.

SALVADOR - BAHIA

Fevereiro / 2009.

MARIA ALBANITA PAIVA DE ANDRADE

PREFERÊNCIAS ALIMENTARES ENTRE ADOLESCENTES:
ESTUDO DE CASO EM SALVADOR, BAHIA.

Trabalho de conclusão apresentado sob forma de artigos científicos ao Programa de Pós-Graduação em Alimentos, Nutrição e Saúde, da Escola de Nutrição da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Alimentos, Nutrição e Saúde.

APROVADA em: 12 de fevereiro de 2009.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Lígia Amparo da Silva Santos
Membro da Universidade Federal da Bahia - UFBA.

Profa. Dra. Denise Oliveira e Silva
Escola Nacional de Saúde Pública – FIOCRUZ - RJ.

Profa. Dra. Sandra Maria Chaves dos Santos
Orientadora – Universidade Federal da Bahia – UFBA.

A553

Andrade, Maria Albanita Paiva de.

Preferências alimentares entre adolescentes: estudo de caso em Salvador, Bahia. / Maria Albanita Paiva de Andrade. -- Salvador: UFBA / Escola de Nutrição, 2009.

151f.: il

Orientadora: Dra. Sandra Maria Chaves dos Santos

Dissertação (mestrado) – UFBA / Escola de Nutrição / Mestrado em Alimentos Nutrição e Saúde, 2009.

1. Preferências alimentares 2. Nutrição do adolescente 3. Educação alimentar e nutricional 4. Prática alimentares I. Santos, Sandra Maria Chaves dos II. Universidade Federal da Bahia, Escola de Nutrição III. Título.

CDU 612.395

DEDICATÓRIA

Dedico este estudo...

... à minha mãe Arlete e ao meu pai José Vieira, como retribuição pela competência de grandes mestres que representam na minha educação e na minha vida.

... à minha afilhada Beatriz, adolescente querida, pela luz que acendeu e deu sentido a este trabalho.

... aos meus queridos irmãos e irmãs, Solano, Vieirinha, Albaniza e Nira pelo apoio e compreensão da distância de minha mãe para a realização deste trabalho.

... aos meus irmãos Kênia e Ênio para expressar meu sentimento de carinho e partilha da realização deste trabalho.

... ao meu grande amor, Geraldo Leão, que se tornou mais especial e, mesmo à distância, mostrou-se presente e proporcionou incentivo constante para realização deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo espírito de fé durante todo o mestrado;

À Professora Sandra Maria Chaves dos Santos pela acolhida como orientanda, por me ensinar a estudar com sapiência e por depositar a credibilidade do desafio de realizar esta pesquisa qualitativa;

À Professora Maria do Carmo Freitas pelas contribuições, sugestões e por me mostrar a sabedoria e a ternura de saber ouvir através da pesquisa qualitativa;

Às Professoras Nilce Oliveira, Lígia Amparo, Sandra Pacheco e Denise Oliveira e Silva, pelas valiosas contribuições na qualificação do projeto e durante o mestrado;

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia - FAPESB - pela concessão da bolsa de mestrado, imprescindível para realização deste estudo e ao FNDE pela inserção deste estudo no projeto "SAN Escolar";

Aos diretores da Escola Municipal "Amélia Rodrigues", Professores Luís Alberto e João Gouveia pela receptividade e entendimento da responsabilidade social e científica desta pesquisa;

Ao Professor Elton, Coordenador da Escola, que num gesto de muita paciência auxiliou o contato e organização dos encontros com os adolescentes;

À Dona Joana, Auxiliar de Alimentação Escolar, que com sua "doçura de mãe" contribuiu com valioso enunciado sobre as preferências dos adolescentes;

Aos adolescentes que participaram desta pesquisa pela oportunidade do encontro e sobretudo por consentir suas falas com espontaneidade;

Aos pais dos adolescentes pesquisados pelo consentimento para realização desta pesquisa;

À turma do mestrado Andréa, Valquíria, Carine, Regiane, Osvaldo, Elizabeth, Efigênia, Cláudia, Jaqueline, Joseni pelo convívio e momentos alegres;

À Priscila Ribas, que num gesto de compreensão e coleguismo, contribuiu para a minha permanência no mestrado, tornando possível a realização deste estudo;

À Poliana, conterrânea, “filha” e colega, pelo incentivo, alegria e estudos. À Amanda pela amizade, motivação e momentos compartilhados e especialmente por tanta tolerância nos instantes finais;

Aos bolsistas do Núcleo de Nutrição e Políticas Públicas pelas contribuições. Um agradecimento especial à Bartira e Marlus pela empolgação que transmitiram como incentivo deste estudo;

À Nilza Tuler pela amizade expressa no incentivo, acolhida e contribuições sempre que precisei;

A todos os colegas que convivi neste período, com especial agradecimento a Virgínia, Andréa, Idalice, Neuza, Marluce e Fernando que compartilharam mais diretamente com contribuições e tolerância imensurável;

À Allen, querido sobrinho, pela valiosa contribuição no final deste trabalho, me mostrando como se ter calma no momento que se precisa;

Aos Srs. Roberto, Adailton e Maneca por terem contribuído na decisão de minha permanência em Salvador para a realização deste estudo.

O saber “entra” pelos sentidos e não somente pelo intelecto.

Frei Betto.

O dom da fala foi concedido aos homens não para que eles enganassem uns aos outros, mas sim para que expressassem seus pensamentos uns aos outros.

Santo Agostinho

Assim, ao pesquisador cabe ouvir os sentimentos expressos na fala do outro na busca de saberes intelectos.

RESUMO

A promoção de práticas saudáveis é sinalizada por políticas públicas de alimentação e nutrição como estratégia de prevenção e controle das Doenças Crônicas Não-Transmissíveis - DCNT, próprias da transição nutricional por que passa a população brasileira. Este propósito se baseia na “Estratégia Global em Dieta, Atividade Física e Saúde” da Organização Mundial de Saúde – EG/OMS, 2004. Estudos em diversos países destacam a ocorrência de DCNT em idade cada vez mais precoce e no Brasil o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE - indica que 18% dos adolescentes apresentam sobrepeso e outros 2,3%, obesidade. Nesse sentido este estudo apresenta resultados de pesquisa qualitativa que identificou e analisou fatores formadores e de adaptação das preferências alimentares de um grupo de adolescentes de uma Escola Pública de Salvador, Bahia, visando compreender como esses fatores balizam as práticas alimentares deste grupo. A pesquisa foi realizada com 36 adolescentes, de 12 a 16 anos, matriculados do 7º ao 9º ano em uma escola pública municipal. O estudo, realizado de maio a julho de 2008, adotou a visita exploratória, a narrativa escrita e a entrevista em profundidade como procedimentos de coleta de dados. Para análise do material obtido utilizou-se a técnica de análise do conteúdo, contemplando a análise temática e a análise interpretativa de enunciação, com procedimentos de categorização, inferência, descrição e interpretação. Os resultados sugerem que as preferências alimentares dos adolescentes estão associadas a múltiplos fatores de formação e de adaptação. Têm sinergia com o lugar, o momento, a companhia e idade e assim sendo são: (1) distintas entre os indivíduos; (2) compartilham dimensões internas, através dos “fatores formadores” - hereditários, sentidos do gosto, do desejo, do prazer, da saúde e das emoções e (3) dimensões externas, através dos “fatores de adaptação” – família, seus pares, rede de comunicações e das condicionalidades da conveniência, estética corporal, status social, ambiência. O estudo constatou que, embora o preferir pelo aspecto sensorial seja fator preponderante nas escolhas alimentares, é também fator conflitante quando a necessidade de atender ao prazer do gosto deve ser equacionada com a necessidade de atender aos requisitos de uma boa saúde e nutrição. Outro conflito foi constatado quando o adolescente está à frente da escolha entre os alimentos que lhe proporcionam prazer pelo gosto e àqueles, aprendido no âmbito doméstico com seus pais como alimentos que “fazem bem à saúde! Faz crescer!”. Nesse sentido o prazer gera conflito com o dever de retribuição pelo respeito, cuidado, carinho, garantia de segurança que lhe são ofertados e conferem valores de forte influência familiar. Conclui-se a partir dos achados que os fatores relacionados às preferências alimentares dos adolescentes devem ser mais bem conhecidos, de forma a estimular a ação reflexiva de educadores, Nutricionistas e pais de modo que todos se sintam co-responsáveis pela construção de uma ambiência promotora de aprendizagem que possa fomentar no grupo livres escolhas alimentares de forma consciente e prazerosa.

Palavras-chave: Preferências alimentares; nutrição do adolescente; educação alimentar e nutricional; práticas alimentares.

ABSTRACT

ALIMENTARY PREFERENCES AMONGST ADOLESCENTS: A CASE STUDY IN SALVADOR, BAHIA.

The promotion of healthy practices is marked by public policies for food and nutrition as a strategy for prevention and control of non-transmissible chronic diseases - DCNT, fit the nutrition transition by passing the Brazilian population. This connection is based on the "Global Strategy on Diet, Physical Activity and Health" the World Health Organization - EG / WHO, 2004. Studies in several countries highlighted the occurrence of DCNT in increasingly early age and the Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE - in Brazil indicates that 18% of adolescents overweight and have other 2.3%, obesity. In that sense this study presents the results of qualitative research that identified and examined factors trainers and adaptation of food preferences of a group of teenagers from a public school in Salvador, Bahia, seeking to understand how these factors balises eating practices of this group. The sample was composed of 36 adolescents, 12 to 16 years, registered the 7th to the 9th year in a municipal school. The study, conducted from May to July of 2008, adopted the participatory observation, the narrative writing and in-depth interview as procedures for data collection. To analyze the material used the technique of analyzing the content, including thematic analysis and analysis of interpretative statement, with procedures for categorization, inference, description and interpretation. The results suggest that the food preferences of adolescents are associated with multiple factors of training and of adaptation. Have synergy with the place, the time, the company and age and therefore are: (1) different between individuals, (2) share internal dimensions, through the "factors trainers" - hereditary, senses of taste, the desire of pleasure, health and emotions, and (3) external dimensions, through the "adjustment factors" - family, peers, communication network and the conditionalities desirability, body aesthetics, social status, environment. The study found that while the preferred sensory aspect is the predominant factor in food choices, it is also conflicting factor when the need to serve the pleasure of taste should be equated with the need to meet the requirements of good health and nutrition. Another conflict was found when the teenager is ahead of the choice between food that give you the taste and pleasure for those learned under home with his parents as foods "are good for health! Do grow". In this sense the pleasure creates conflict with the duty to return for respect, care, affection, assurance of security that are offered and give strong influence of family values. It follows from the findings that the factors related to the food preferences of adolescents should be better known in order to stimulate action reflective of educators, nutritionists and parents so that everyone can feel co-responsible for building an atmosphere promoter of learning that can foster the group free food choices so conscious and enjoyable.

Key-words: Food preferences; nutrition of adolescents; food and nutrition education, food practices.

LISTA DE ABREVIATURAS

A&N	-	Alimentação e Nutrição.
DCNT	-	Doenças Crônicas Não-transmissíveis.
DHAA	-	Direito Humano à Alimentação Adequada.
EAN	-	Educação Alimentar e Nutricional.
ECA	-	Estatuto da Criança e do Adolescente.
EG/OMS	-	Estratégia Global e Dieta, Atividade Física e Saúde, da Organização Mundial de Saúde.
FAO	-	Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação.
LOSAN	-	Lei Orgânica de Segurança Alimentar e Nutricional.
MS / Brasil	-	Ministério da Saúde.
NNPP	-	Núcleo de Estudos em Nutrição e Políticas Públicas.
OMS/WHO	-	Organização Mundial de Saúde.
SAN	-	Segurança Alimentar e Nutricional.
SISVAN	-	Sistema Nacional de Vigilância Alimentar e Nutricional.
UFBA	-	Universidade Federal da Bahia.

LISTA DE FIGURAS E QUADROS

FIGURA 01: Modelo do processo das escolhas alimentares. Adaptado de Furst et al, 1996.	22
---	----

ARTIGO NÚMERO 01

FIGURA 01: Modelo do processo das escolhas alimentares. Adaptado de Furst et al, 1996.	33
---	----

QUADRO 01: Sinalizadores para elaboração do roteiro semi-estruturado para entrevista em profundidade	41
--	----

ARTIGO NÚMERO 02

QUADRO 01: Os espaços sociais e suas relações com as preferências alimentares. Estudo de caso em Salvador, BA. 2008.	86
---	----

QUADRO 02: As influências e necessidades relacionadas às preferências entre adolescentes. Estudo de caso em Salvador, BA. 2008.	88
--	----

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO: AS PREFERÊNCIAS ALIMENTARES DOS ADOLESCENTES COMO OBJETO DE ESTUDO	15
2	ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS: CONCEITOS-GUIAS NO ESTUDO SOBRE PREFERÊNCIAS ALIMENTARES	19
3	RESULTADOS	
3.1	ARTIGO NÚMERO 01: PREFERÊNCIAS ALIMENTARES ENTRE ADOLESCENTES: FATORES FORMADORES E DE ADAPTAÇÃO.	24
	RESUMO	25
	ABSTRACT	27
	INTRODUÇÃO	28
	METODOLOGIA	31
	ABORDAGEM TEÓRICA: CONCEITOS ESTRUTURANTES DO ESTUDO	31
	PROCEDIMENTOS DE PESQUISA	35
	RESULTADOS E DISCUSSÃO	42
	O GOSTO COMO PRINCIPAL FATOR DE FORMAÇÃO DAS PREFERÊNCIAS ALIMENTARES	42
	O GOSTO POR SABORES DIFERENCIADOS	48
	“COMER BESTEIRAS”: UMA PREFERÊNCIA ALIMENTAR ENTRE ADOLESCENTES	53
	RIGOR DOS PAIS E AS EMOÇÕES POSITIVAS E NEGATIVAS RELATIVAS AOS ALIMENTOS	57
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
	REFERÊNCIAS (artigo 1)	
	ARTIGO NÚMERO 2: DINÂMICA DAS PREFERÊNCIAS ALIMENTARES ENTRE ADOLESCENTES: ESTUDO DE CASO EM SALVADOR, BAHIA.	67
	RESUMO	68
	ABSTRACT	69
	INTRODUÇÃO	70
	METODOLOGIA	73

	ABORDAGEM TEÓRICA: SOBRE PREFERÊNCIAS E PRÁTICAS ALIMENTARES.	73
	PROCEDIMENTOS DA PESQUISA	76
	RESULTADOS E DISCUSSÃO	79
	A RELATIVIDADE DAS PREFERÊNCIAS	79
	O GOSTO E A NECESSIDADE: FATORES CONFLITANTES	80
	O ESPAÇO SOCIAL DEFININDO AS PREFERÊNCIAS	86
	AS NECESSIDADES DEFININDO AS PREFERÊNCIAS	87
	O ALIMENTO COMO SÍMBOLO DE DISTINÇÃO E PREFERÊNCIA. Banana, maçã, morango...	90
	O RECREIO: MOMENTO DE LAZER OU INTERVALO PARA ALIMENTAÇÃO?	91
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	95
	REFERÊNCIAS (artigo 2)	
4	CONSIDERAÇÕES GERAIS	98
	SOBRE O ESTUDO	98
	PORQUE REPENSAR A EDUCAÇÃO ALIMENTAR E NUTRICIONAL?	100
	REFERÊNCIAS (trabalho geral)	
	APÊNDICES	
A	TERMO DE CONSENTIMENTO DOS PAIS E ADOLESCENTES	
B	TERMO DE CONSENTIMENTO DA DIRETORIA DA ESCOLA	
C	ROTEIRO SEMI-ESTRUTURADO PARA ENTREVISTA	
	ANEXO	
I	PROJETO DE PESQUISA	

APRESENTAÇÃO

Adolescente é assim mesmo, come errado porque é do contra. É rebelde e por isso ninguém agüenta! Quem já não ouviu esse tipo de indagação feita por pais ou responsáveis por adolescentes?

Nós somos assim... Gostamos de experimentar coisas novas! É divertido e gostoso! Argumentam os adolescentes ao serem questionados sobre suas atitudes, em especial àquelas relacionadas aos alimentos que consomem.

Diante desse suposto impasse, situam-se práticas alimentares consideradas inadequadas que têm provocado o fenômeno epidemiológico de aumento de DCNT, demonstrado por inquéritos nacionais e definidos por estudiosos como indicativo de um comportamento epidêmico do problema.

Ações educativas têm sido desenvolvidas na direção da alimentação e estilo de vida saudáveis. No entanto, mesmo comprovando-se a assimilação do aprendizado sobre Alimentação e Nutrição - A&N - entre os adolescentes, verifica-se persistir as atitudes de práticas não condizentes ao conhecimento, mesmo conscientes das conseqüências futuras.

Na literatura é conhecido um termo que pode expressar o acima indicado. Trata-se do “viés otimista”, definida como a atitude de subestimar o risco para si próprio, ou seja, o sujeito sabe que sua prática vai lhe causar um dano no futuro, mas subestima esse risco.

O adolescente conhece os riscos de adotar determinados padrões alimentares? Em conhecendo, relaciona este conhecimento a sua prática alimentar? O que leva o adolescente a preferir um determinado alimento em opção a um outro (ou outros)? Que fatores formam suas preferências? Como esses fatores balizam as práticas?

Diante deste cenário de inquietude em compreender como as preferências alimentares são formadas e como balizam as práticas, procurou-se centrar este estudo na perspectiva de contribuir com elementos que possam estimular nova abordagem da educação alimentar e nutricional voltada aos adolescentes, na direção de uma ação que privilegie o desenvolvimento de atitudes, posturas, competências e habilidades, oportunizando suporte para realização de escolhas livres, mais prazerosas possíveis e seguras para a saúde. Assim, respeite o adolescente na sua integridade e universo.

Este trabalho está apresentado na forma de dois artigos científicos, atendo às exigências do Programa de Pós-Graduação em Alimentos, Nutrição e Saúde, da Universidade Federal da Bahia - UFBA. O primeiro apresenta fatores formadores das preferências alimentares, na perspectiva de uma aproximação para compreender como esses fatores balizam as práticas alimentares entre adolescentes. O segundo apresenta a dinâmica da negociação de valores para definir as escolhas, a partir das preferências alimentares. Ressalta-se que ambos os artigos tratam de um recorte do estudo intitulado “Preferências alimentares entre adolescentes: estudo de caso em Salvador”, desenvolvido pelo Núcleo de Estudos em Nutrição e Políticas Públicas da UFBA - NNPP.

1. INTRODUÇÃO

AS PREFERÊNCIAS ALIMENTARES DOS ADOLESCENTES COMO OBJETO DE ESTUDO

No Brasil os adolescentes¹ representam 19% da população atual, constituindo um grupo de 33,2 milhões de habitantes, com distribuição que se aproxima à homogeneidade - 16,8mi de homens e 16,4mi de mulheres. Em números absolutos a população brasileira para o ano 2.010 é de 190.977.109, sendo 16.383.688 (8,58%) de jovens da faixa etária entre 12 e 16 anos, distribuídos em 8.299.463 homens e 8.084.225 mulheres. (BRASIL, IBGE, 2007).

No cenário da saúde, estudos epidemiológicos mostram que nas últimas décadas as Doenças Crônicas Não-transmissíveis - DCNT - lideraram as causas de óbito no Brasil. Segundo a Organização Mundial de Saúde - OMS, as DCNT responderam por 59% da mortalidade, cerca de 31,7 milhões de óbitos e 43% da carga global de doenças em 1998. No Brasil, as DCNT representaram 62,8% dos óbitos notificados em 2004 e totalizaram 69% dos gastos com atenção à saúde em 2002. Stamler e colaboradores mostraram que, aproximadamente, 75% dos casos novos dessas doenças ocorridos nos países desenvolvidos, nas décadas de 70 e 80, poderiam ser explicados por dieta e atividade física inadequadas, expressas por níveis lipídicos desfavoráveis, obesidade e elevação da pressão arterial associados ao hábito de fumar. (Stamler *et al* apud BRASIL, MS, Grupo Técnico Assessor, 2005).

Ao contextualizar a situação saúde, associa-se aos quadros demográfico e epidemiológico a transição do consumo alimentar ocorrida no Brasil nas últimas décadas e constatada por inquéritos nacionais - Estudo Nacional de Despesa Familiar (ENDEF, 1974-1975); Pesquisa sobre Saúde e Nutrição (PNSN, 1989);

¹ Refere-se aos habitantes de 10 a 19 anos, conforme é definida a faixa etária dos adolescentes pela a OMS. Para este estudo utilizou-se a faixa etária entre 12 e 16 anos que representa 16,4 milhões de habitantes (9,1% da população total) distribuídos entre 8,3 milhões de homens e 8,1 milhões de mulheres. Dados do IBGE - Tabela 1 - População projetada total e de 0 a 24 anos de idade, por sexo, segundo os grupos de idade - Brasil - 2000/2020.

Pesquisa sobre Padrões de Vida (PPV, 1996-1997); Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF, 2002-2003). Segundo o relatório de análise da “Estratégia Global em Dieta, Atividade Física e Saúde” da Organização Mundial de Saúde - EG/OMS (BRASIL, MS, Grupo Técnico Assessor, 2005), no Brasil a disponibilidade total de alimentos² para o consumo aumentou de 2.330 kcal por pessoa/dia em 1965 para 2.960 kcal por pessoa/dia em 1997. Este resultado ultrapassou o aumento correspondente aos requerimentos médios diários de energia estimados para a população brasileira, que passou de 2.096 kcal em 1965 para 2.328 kcal em 1997.

As transições demográfica, epidemiológica e nutricional são debatidas pela comunidade científica como decorrentes de um mundo globalizado e indicam, ao mesmo tempo, declínio na ocorrência da desnutrição em crianças e adultos e aumento da prevalência do sobrepeso nesta população, sinalizado por Malaquias Batista como indicativo de um comportamento epidêmico do problema (BATISTA FILHO e RISSIN, 2003). Os adolescentes, por sua vez, experimentam todas estas modificações em um momento de seu desenvolvimento que tem fortes vínculos com suas práticas na infância e que projeta sua saúde no futuro, como adulto. Portanto, torna-se relevante compreender como vivem e experimentam todo este processo.

Vários estudos têm identificado que os adolescentes vêm consumindo de forma progressivamente mais intensa, e por escolha própria, alimentos oferecidos pelas cadeias de lanchonetes *fast food*. Constataram que o consumo freqüente destes alimentos, após o período de estirão pubertário, pode exceder a recomendação diária energética, ultrapassar as cotas necessárias de gordura e sódio e supostamente reduzir o consumo de micronutrientes e fibras (GARCIA, GAMBARDELLA E FRUTUOSO, 2003; KAZAPI, 2001; SERRA, 2001).

Em estudo com escolares em Florianópolis, Fiates constatou o alimento como segundo item mais comprado pelas crianças (FIATES, AMBONI, TEIXEIRA, 2008). O panorama de prática alimentar considerada inadequada entre os adolescentes expressa sua existência nos resultados dos inquéritos e estudos que destacam a ocorrência de DCNT em idade cada vez mais precoce. No Brasil o IBGE indica que

² Segundo o relatório técnico do Ministério da Saúde, todas as estimativas foram produzidas pela ONU, através do sistema FAOSTAT - FAO Statistical Database, da Food and Agriculture Organization - (FAO)/ONU).

18% dos adolescentes apresentam sobrepeso e outros 2,3%, obesidade (IBGE, 2006). Estudo realizado em quatro países – EUA, Brasil, China e Rússia indica 8,9% de aumento na prevalência de obesidade entre os jovens, no período de 1974-1997 (WANG, MONTEIRO, POPKIN, 2002).

Deve-se considerar que existe grande probabilidade de a criança e adolescente obeso tornar-se adulto obeso, bem como desenvolver doenças como hipertensão arterial, deslipidemias e outras patologias associadas à obesidade (DIETZ, 1998), Problemas respiratórios, musculares, baixa auto-estima, dificuldade de relacionamento entre o grupo também estão associados à obesidade. Hábitos alimentares inadequados, associados às DCNT na infância e adolescência constituem portanto significativo problema de saúde pública.

O cenário atual de A&N em que vive a população brasileira, entre outros fatores, mobiliza o Ministério da Saúde do Brasil – MS - a desenvolver ações objetivando promover a qualidade de vida e controlar as DCNT, sustentando a perspectiva de uma longevidade com qualidade.

Desta forma, entende-se que o panorama de transição epidemiológica e as mudanças no estilo de vida exigem uma nova abordagem na Educação Alimentar e Nutricional - EAN, particularmente em se tratando do adolescente. As manifestações características da adolescência como a neofilia, a necessidade de convívio social entre os pares, a necessidade de se alimentar com rapidez e a preferência pelo “diferente” do que há em casa são elementos que afloram com maior intensidade e, desta forma, merecem ser compreendidos e reconhecidos ao desenvolver ações educativas de A&N para este grupo.

Nesta perspectiva e considerando os adolescentes como indivíduos em situação de risco para as DCNT, especialmente pelo estilo deste grupo viver, este estudo apresenta resultados da pesquisa que investigou aspectos sobre as preferências alimentares de adolescentes, visando analisar fatores que interferem nas preferências alimentares entre adolescentes de 12 a 16 anos, de uma escola pública de Salvador, Bahia, de forma a compreender como esses fatores balizam as práticas alimentares.

Argumentar que os adolescentes não têm responsabilidade, são rebeldes, intransigentes, num sentido de justificar suas atitudes de não atendimento ao “biologicamente necessário”, ao “nutricionalmente prescrito e adequado”, ao “socialmente correto” é, no mínimo, uma atitude profissional simplista. Atitudes e aflições dos adolescentes merecem ser mais bem compreendidas em sua historicidade e complexidade. Este estudo, por assim entender, partiu da indagação: “O que leva os adolescentes a preferirem um determinado alimento em opção a um outro (ou outros)? Que fatores formam suas preferências? Como esses fatores balizam as práticas?”.

2. ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS: CONCEITOS-GUIAS NO ESTUDO SOBRE PREFERÊNCIAS ALIMENTARES.

No decorrer deste estudo fez-se necessário tomar algumas decisões conceituais relativas a fenômenos complexos e polissêmicos que compõem o ato alimentar. Dessa forma apresentam-se a seguir os conceitos de preferência, práticas e hábitos alimentares que orientaram o estudo.

Compartilha-se neste trabalho do entendimento de Contreras de que não é possível estudar o comportamento alimentar sem se ater às terminologias “uso”, “preferência” e “gosto”. Assim, foram utilizadas as seguintes definições: “a *preferência* dita os critérios de escolha entre um ou mais alimentos; o *uso* revela o que comemos e a quantidade de cada alimento; e o *gosto* indica quais os alimentos que mais agradam ao paladar de um grupo ou pessoa” (CONTRERAS e ARNÁIZ, 1995).

A partir do estudo dos enunciados fez-se necessária a discussão sobre a dinâmica da preferência alimentar, o que levou à interlocução com o conceito de preferência formulado por Wright e citado no trabalho de Cecconi (CECCONI, 2007), abaixo transcrito, para dessa forma contemplar aspectos relativos à subjetividade e à movimentação que envolve a preferência com o espaço social, a companhia e as circunstâncias envolvidas no ato alimentar.

Preferência é necessariamente relativo ao sujeito. Uma preferência é sempre a preferência de alguém. Uma preferência, além disso, é relativa não apenas ao sujeito, mas também a certo momento ou ocasião ou situação na vida dos sujeitos. Não apenas pode haver diferentes pessoas com diferentes preferências, mas um e o mesmo homem pode rever suas preferências ao longo de sua vida... (WRIGHT apud CECCONI, 2007).

Tendo em vista portanto os conceitos de Contreras e Wright acima, partiu-se neste estudo do entendimento de que as preferências alimentares são: (1) distintas

entre os indivíduos; “Cada pessoa tem sua preferência (...) É individual!”³, (2) compartilham dimensões internas, através dos “fatores formadores” - hereditários, culturais, sentidos do gosto, do desejo, do prazer, da saúde e das emoções e (3) dimensões externas, através dos “fatores de adaptação” – influências da família, dos pares, da rede de comunicação e das condicionalidades da conveniência, da estética corporal, do status social e do lugar. Dessa forma, assume-se que preferência é o ato através do qual, na presença de dois ou mais alimentos, o adolescente faz a escolha por um em detrimento aos demais, com atitude que leva em consideração critérios de valoração dos atributos que integram os fatores “formadores” e “de adaptação”.

Quanto à necessidade de agregar ao estudo uma abordagem sobre hábitos alimentares, no sentido de possibilidade de modificações e estabilidade, fez-se uma aproximação com o debate proposto por Mintz (2001): “Os comportamentos relativos à comida podem, às vezes simultaneamente, ser os mais flexíveis e os mais arraigados de todos os hábitos”.

Os hábitos alimentares podem mudar inteiramente quando crescemos, mas a memória e o peso do primeiro aprendizado alimentar e algumas formas sociais aprendidas através dele permanecem, talvez para sempre, em nossa consciência.... (MINTZ, 2001).

Recorreu-se também para discutir a formação das preferências e como estas balizam as práticas, a uma aproximação com a noção de um sistema de “disposições duráveis”, de Pierre Bourdieu, partilhando-se a compreensão deste autor de que as práticas e hábitos alimentares são práticas sociais e resultam de um processo de aprendizado, do contato dos agentes sociais com diversas estruturas sociais. O “*habitus*” produzido, adquirido e vivido no ambiente familiar, constitui, assim o princípio da recepção e da apreciação de toda experiência ulterior, ou seja, de toda a vida. (BOURDIEU, 2002).

³Definição da adolescente T.S., 12 anos, 7º ano, EP, que compartilha à encontrada na literatura no estudo de Wright (2002).

Para os interesses deste estudo tornou-se necessário definir o termo “prática alimentar”, entendendo que esta resulta de um processo complexo que parte das preferências alimentares e que pode ser modulada por diversos outros fatores. Destaca-se que em revisão realizada em artigos sobre práticas alimentares, na base do Scielo⁴, observou-se a ausência de definição objetiva do termo. Assim, assume-se após uma interlocução com a definição de hábito alimentar, que o termo “prática alimentar” significa, para efeito deste estudo, a maneira habitual que os adolescentes procedem o ato alimentar.

Na perspectiva acima existe uma proximidade do termo prática alimentar à atitude do adolescente relacionada ao *uso* e aos fatores que envolvem a tomada de decisão para o uso. Congrega esse entendimento a afirmação de Serra (2001) de que os motivos pelos quais os indivíduos experimentam inúmeras práticas sem, contudo, assumirem um "Plano Alimentar" que promova a sua saúde, podem ser mais bem compreendidos à luz das dimensões socioculturais e psicológicas que envolvem a formação dos hábitos alimentares.

Uma outra dimensão de interesse neste estudo refere-se às escolhas alimentares propriamente ditas. Cientistas têm desenvolvido estudos para analisar de que forma são realizadas as escolhas alimentares e que relações são estabelecidas no decorrer do complexo sistema de tomada de decisão. O modelo do processo de escolhas alimentares, desenvolvido por Furst et al (1996), baseado em investigação com consumidores através de abordagem qualitativa, expressa os elementos que influenciam o sujeito e as considerações atribuídas para cada fator como determinante da escolha. Embora os resultados deste estudo não se limitem aos expostos no modelo de Furst et al, fez-se uso deste exclusivamente para efeito didático de apresentar o processo, conforme ilustra a figura 01. Assim, o diagrama sintetiza de forma limitada aos objetivos deste estudo fatores que conformam um sistema alimentar pessoal que resulta em escolhas alimentares, as quais expressam, efetivamente, a prática alimentar dos sujeitos.

⁴ Refere-se à consulta realizada em 19.01.2009 das 15:10 às 16:55h, no sítio <http://www.scielo.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/> utilizando a palavra de busca “prática alimentar” e “práticas alimentares”.



Figura 01: Modelo do processo das escolhas alimentares. Adaptado de Furst et al, 1996.

Observa-se portanto que no modelo proposto aparece em primeira dimensão as preferências alimentares inatas. Este foi o ponto de partida adotado considerando-se os achados dos estudos que vêm indicando que o determinante genético do comportamento alimentar tem origem no contato com o líquido amniótico e com a ingestão do leite materno (GUINARD, 2001), podendo atuar sobre a sensibilidade gustativa, indiretamente sobre a palatabilidade e, conseqüentemente sobre as preferências alimentares (JOMORI, PROENÇA E CALVO, 2008).

Na *experiência ao curso da vida*, as *preferências inatas* entram em contato com fatores de influência *externa* e *interna* ao sujeito e participam de relações com

determinantes sociais, ideológicos, biomédicos, financeiros e culturais. Nessa etapa do processo de escolha alimentar esses fatores, neste estudo, estão classificados em duas categorias: Fatores “de formação ou formadores” e “de adaptação” das preferências alimentares. Os fatores da primeira categoria estão relacionados aos aspectos hereditários, sentidos do gosto, do desejo, do prazer, da saúde e das emoções e, por se relacionar à subjetividade, integram a dimensão interna ao sujeito. Os fatores “de adaptação” estão relacionados às influências da ambiência e, por isso, integram a dimensão externa ao sujeito. Estes se relacionam às influências da família, dos pares, da rede de comunicações e das condicionalidades de conveniência, estética corporal, status social e espaço social. Nesse contexto, interferem nas preferências inatas e, por conseguinte, as adaptam.

Importa destacar o reconhecimento neste estudo de que todo e qualquer sistema classificatório, particularmente em se tratando de fenômenos de alto grau de subjetividade, tem limites. No entanto, adota-se este recurso metodológico como uma ferramenta auxiliar para a leitura dos achados em termos de traços dominantes.

Por se tratar de um processo cujos fatores de influência e seus determinantes são próprios de cada pessoa, o sistema é denominado de *sistema alimentar pessoal* (Furst et al, 1996). Diante desses fatores, o sujeito tece, no seu sistema alimentar pessoal, considerações e atribui valores a cada fator, negociando conforme suas necessidades e desejos, daí a terminologia *valores negociáveis*. Estrategicamente tais valores são negociados e, de forma subjetiva, o processo se encerra em escolhas alimentares que constroem as práticas alimentares de cada um.

Assim este modelo adaptado orientou a investigação e análise dos achados sobre preferências alimentares entre adolescentes.

3. RESULTADOS

3.1 ARTIGO NÚMERO 01

**PREFERÊNCIAS ALIMENTARES ENTRE ADOLESCENTES:
FATORES FORMADORES E DE ADAPTAÇÃO.**

RESUMO

Objetivo:

Identificar fatores que influenciam de forma direta e ou indireta as preferências alimentares entre adolescentes e suas relações com as práticas alimentares do grupo.

Metodologia:

Trata-se de um recorte do estudo “Preferências alimentares entre adolescentes: estudo de caso em Salvador” cuja população de estudo foi composta por 36 adolescentes, de 12 a 16 anos, matriculados do 7º ao 9º ano em uma escola pública de Salvador, Bahia. O estudo realizado de forma exploratória, no período de maio a julho de 2008, utilizou a metodologia qualitativa adotando a visita exploratória, narrativa escrita e entrevista em profundidade como procedimentos de coleta de dados. Para análise utilizou-se a técnica de análise do conteúdo, através da análise temática e análise interpretativa de enunciação com procedimentos de categorização, inferência, descrição e interpretação.

Resultados:

Os adolescentes enunciaram o “gosto”, as “besteiras”, o paradoxal “faz bem, mas não gosto” ou “faz mal, mas eu gosto”; o rigor dos pais e as emoções positivas e negativas relativas aos alimentos como fatores que balizam suas práticas alimentares. O gosto emergiu como principal fator de formação das preferências, enquanto os demais foram classificados como fatores de adaptação. Observou-se que as preferências não são modificadas, apenas adaptadas à situação ou ao momento. As atitudes de decisão da escolha alimentar dos adolescentes são motivadas por fatores cognitivos, da convivialidade, da liberdade e da diversão. O grupo enunciou ter consciência do impacto das práticas alimentares atuais relacionadas às consequências futuras e justificou, em sua maioria, como atitudes moduladas pelo momento, companhia, lugar e que são próprias da idade.

Conclusão:

As preferências alimentares dos adolescentes sofrem influência de múltiplos fatores e exigem estratégias, muitas vezes conflitantes entre o prazer do “gosto” e a necessidade de atender: à saúde, à nutrição, ao aprendizado através dos pais, à convivialidade, e aos prazeres como o da liberdade, da alegria, da diversão.

Entende-se, nesse sentido, que os fatores formadores e de adaptação das preferências alimentares dos adolescentes necessitam ser reconhecidos e compreendidos de forma a subsidiarem ações educativas capazes de promover a alimentação saudável respeitando as necessidades próprias da adolescência. Nessa perspectiva, as ações de EAN podem ser pensadas para a promoção de livres escolhas de forma consciente e prazerosa que possam tornar o ato alimentar fonte de prazer e de nutrição, com redução dos conflitos e balizados pelas preferências.

Palavras-chave: Preferências alimentares; nutrição do adolescente; educação alimentar e nutricional; práticas alimentares.

ABSTRACT

FOOD PREFERENCES AMONGST ADOLESCENTS: TRAINERS FACTORS AND ADAPTATION FACTORS

Purpose:

Identify factors that influence the shape and direct or indirect food preferences between adolescents and their relationship to the eating habits of the group.

Methodology:

This is a cut of the study "Food preferences among adolescents: a case study in El Salvador" with the study population was composed of 36 adolescents, 12 to 16 years, registered the 7th to the 9th year in a public school in Salvador, Bahia . The exploratory study carried out in the period May to July of 2008, used the qualitative methodology adopting the exploratory visit, narrative writing and interview in depth as procedures for data collection. For analysis using the technique of analyzing the content, through thematic analysis and analysis of interpretative statement to the procedures of categorization, inference, description and interpretation.

Results:

Adolescents given the "taste", the "nonsense" the paradox "is well, not like" or "hurt, but I like" the strictness of the parents and the positive and negative emotions related to food as factors that beacons their eating habits. The taste emerged as the main factor of formation of preferences, while the others were classified as factors of adaptation. It was observed that the preferences are not changed, just adapted to the situation or the moment. The attitudes of decision of the food choice of adolescents are motivated by cognitive factors, the friendliness, freedom and fun. The group set out to realize the impact of current dietary practices related to future consequences and reasons, mostly as attitudes varied by time, company, place and are of their own age.

Conclusion:

The food preferences of adolescents suffer influence of multiple factors and require strategies often conflict between the pleasure of "taste" and the need to address: health, nutrition, taught by the parents, the friendliness, and as the pleasures of freedom, the joy, the fun. It is understood, accordingly, the factors that trainers and adaptation of food preferences of adolescents need to be recognized and understood in order to subsidize education can promote healthy eating with the requirements of adolescence. Accordingly, the actions of EAN may be thought to promote free choice in a conscious and pleasurable act that can make the food source of pleasure and nutrition, reduction of conflict and marked by the preferences.

Key-words: Food preferences, nutrition of adolescents, food and nutrition education, food practices.

INTRODUÇÃO

A adolescência é uma fase da vida que é vista sob diversos prismas pelas ciências. Do ponto de vista da cronologia é delimitada pela faixa etária dos 10 aos 20 anos, segundo a OMS. No âmbito da psicologia essa fase é considerada um período no qual ocorre incremento de emoções intensas, na qual o sujeito está em busca de consolidar sua própria identidade (WAGNER et al, 2002). Na biologia verifica-se a maturação sexual e alterações fisiológicas, com as significantes modulações e definições corpóreas.

Cabe ainda, entre outras tantas considerações científicas a teoria de Piaget do desenvolvimento cognitivo que pressupõe que os seres humanos passam por uma série de mudanças ordenadas e previsíveis. Nesse processo de desenvolvimento a adolescência aparece no “estágio de operações formais”, período o qual o adolescente é capaz de pensar em termos abstratos, formular hipóteses e testá-las, independente da verdade factual. (PALANGANA, 1998)

Assim contextualizando, vimos que os adolescentes estão em fase de transitoriedade entre “não sou mais criança” e o “sou quase adulto” e por necessidade, fazem novos experimentos mesmo conscientes das conseqüências. Essa transição, caracterizada pela autonomia do afastamento da dependência dos pais e o vínculo de um novo laço social, gera muitas vezes aflições nas tomadas decisórias que leva o sujeito a alterações de comportamento e criam um estilo próprio do grupo: o estilo jovem de ser!

Sobre esse estilo, Angelina (NASCIMENTO, 2006) ressalva que “ser jovem” é considerada por alguns estudiosos como marca mundial, originada especificamente a partir dos anos 80. Na alimentação, a autora traça um histórico e ressalta a influência americana que introduziu a partir dos anos 50 e 60 nos cardápios itens como *hot dog* e *milk-shake*, que hoje estão incorporados ao dicionário da língua portuguesa. Assinala ainda a mesma autora que cada novo prazer experimentado pelo paladar, traz consigo novo comportamento.

A definição da fase e suas características biológicas, psicológicas e sociais têm comprovado que a adolescência merece atenção. No Brasil, crianças e adolescentes já se constituem como sujeitos que merecem a proteção do Estado e, através do Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA, têm esse amparato legal. Para diagnóstico nutricional e de saúde o Ministério da Saúde, através do Sistema Nacional de Vigilância Alimentar e Nutricional - SISVAN, estabeleceu a metodologia que afere o estado nutricional de forma individual e coletivo da população. Os elementos daí provenientes têm demandado interesse de cientistas, que nas últimas décadas apresentam incremento no número de estudos sobre a saúde dos adolescentes.

Os estudos científicos, no entanto, apontam para uma preocupante situação no cenário da saúde da população, especialmente dos adolescentes. No Brasil, o cenário não é diferente: as Doenças Crônicas Não-Transmissíveis - DCNT - lideram as causas de óbitos com aproximadamente 70% dos gastos com atenção à saúde e a transição alimentar aponta para um incremento do consumo alimentar, resultando em um panorama desconfortável para a saúde da população, embora o cenário demográfico apresente aumento da esperança de vida.

Nessa direção, autoridades e técnicos do MS / Brasil se mobilizam para desenvolvimento e implementação de políticas públicas que visem a promoção de práticas e estilo de vida saudáveis na perspectiva de sustentabilidade da esperança de vida com qualidade. As ações representam a conjugação com as diretrizes da Organização Mundial de Saúde - OMS, especialmente no que está definido pela Estratégia Global em Dieta, Atividade Física e Saúde – EG (BRASIL, MS, EG, 2004). No entanto são reconhecidos os limites das ações de educação alimentar e nutricional - EAN - na promoção de novas práticas alimentares. Santos (2005) reforça essa limitação quando indica que os campos do acesso à informação e à comunicação embora de relevância, não são suficientes para a construção de práticas alimentares saudáveis. Sugere a mesma autora uma reflexão sobre as bases da EAN no contexto que se configura e as possibilidades de sua contribuição.

Argumenta-se que um dos aspectos a considerar nesta situação é a lacuna de conhecimentos sobre as influências que modulam as preferências, escolhas e práticas alimentares dos adolescentes.

Neste estudo, portanto, o foco foi a compreensão sobre os fatores que influenciam de forma direta e ou indireta as preferências alimentares entre adolescentes e de que forma balizam as práticas alimentares do grupo. Optou-se pela metodologia qualitativa com abordagem exploratória, com análise dos enunciados dos próprios adolescentes.

Pretende-se com os resultados contribuir para ações reflexivas de educadores, Nutricionistas e pais na direção do aperfeiçoamento das abordagens de EAN voltadas aos adolescentes, de forma que o sujeito seja mais bem compreendido, possa definir suas escolhas de forma consciente e prazerosa, realizando um ato alimentar que seja a um só tempo fonte de prazer e nutrição, com redução dos conflitos.

METODOLOGIA

ABORDAGEM TEÓRICA: CONCEITOS ESTRUTURANTES DO ESTUDO

De acordo às análises, verificou-se a necessidade de categorizar os fatores que influenciam no desenvolvimento das preferências em: fatores formadores e de adaptação. As preferências neste sentido, embora de formação, inclusive inata, sofrem interferência externas às dimensões do sujeito, bem como podem ser adaptadas conforme as circunstâncias envolvidas quando da tomada de decisão para a escolha alimentar.

Dessa forma, assume-se na abordagem deste estudo, que os fatores formadores estão relacionados aos aspectos hereditários, sentidos do gosto, do desejo, do prazer, da saúde e das emoções e, por se relacionar à subjetividade, integram a dimensão interna ao sujeito. Por outro lado, fatores “de adaptação” se relacionam às influências da família, dos pares, da rede de comunicações e das condicionalidades de conveniência, estética corporal, status social e espaço social. Nesse contexto, interferem nas preferências inatas e, por conseguinte, as adaptam.

Quanto às terminologias “uso”, “preferência” e “gosto” foram adotadas as definições de Contreras: “a *preferência* dita os critérios de escolha entre um ou mais alimentos; o *uso* revela o que comemos e a quantidade de cada alimento; e o *gosto* indica quais os alimentos que mais agradam ao paladar de um grupo ou pessoa” (CONTRERAS e ARNÁIZ, 1995).

A partir das análises dos enunciados tornaram necessária a discussão sobre a dinâmica da preferência alimentar, o que levou à interlocução com o conceito de preferência formulado por Wright e citado no trabalho de Cecconi (CECCONI, 2007), abaixo transcrito, para dessa forma contemplar aspectos relativos à subjetividade e à movimentação que envolve a preferência com o espaço social, a companhia e as circunstâncias envolvidas no ato alimentar.

Preferência é necessariamente relativo ao sujeito. Uma preferência é sempre a preferência de alguém. Uma preferência, além disso, é relativa não apenas ao sujeito, mas também a certo momento ou ocasião ou situação na vida dos sujeitos. Não apenas pode haver diferentes pessoas com diferentes preferências, mas um e o mesmo homem pode rever suas preferências ao longo de sua vida... (WRIGHT apud CECCONI, 2007).

Tendo em vista portanto os conceitos de Contreras e Wright acima partiu-se neste estudo do entendimento de que as preferências alimentares são: (1) distintas entre os indivíduos; “Cada pessoa tem sua preferência (...) É individual!”⁵, (2) compartilham dimensões internas, através dos “fatores formadores” - hereditários, culturais, sentidos do gosto, do desejo, do prazer, da saúde e das emoções e (3) dimensões externas, através dos “fatores de adaptação” – família, seus pares, rede de comunicação” - conveniência, estética corporal, status social, ambiência.

Uma outra dimensão de interesse neste estudo refere-se às escolhas alimentares propriamente ditas. Cientistas têm desenvolvido estudos para analisar de que forma são realizadas as escolhas alimentares e que relações são estabelecidas no decorrer do complexo sistema de tomada de decisão. O modelo do processo de escolhas alimentares, desenvolvido por Furst et al (1996), baseado em investigação com consumidores através de abordagem qualitativa, expressa os elementos que influenciam o sujeito e as considerações atribuídas para cada fator como determinante da escolha. Embora os resultados deste estudo não se limitem aos expostos no modelo de Furst et al., fez-se uso deste exclusivamente para efeito didático de apresentar o processo, conforme ilustra a figura 01. Assim, o diagrama sintetiza em consonância aos objetivos deste estudo fatores que conformam um sistema alimentar pessoal que resulta em escolhas alimentares, as quais expressam, efetivamente, a prática alimentar dos sujeitos. Desta forma, fez-se uma adaptação do modelo original, agregando-se ao mesmo as preferências alimentares inatas e as práticas alimentares, como pode ser observado na figura 01.

⁵Definição da adolescente T.S., F, 12 anos, 7º ano, que compartilha à definição encontrada na literatura no estudo de Wright (2002).



Figura 01: Modelo do processo das escolhas alimentares. Adaptado de Furst et al, 1996.

Observa-se portanto que no modelo proposto aparece em primeira dimensão as preferências alimentares inatas. Este foi o ponto de partida adotado considerando-se os achados dos estudos que vêm indicando que o determinante genético do comportamento alimentar tem origem no contato com o líquido amniótico e com a ingestão do leite materno (GUINARD, 2001), podendo atuar sobre a sensibilidade gustativa, indiretamente sobre a palatabilidade e, conseqüentemente sobre as preferências alimentares (JOMORI, PROENÇA E CALVO, 2008).

Na *experiência ao curso da vida*, as *preferências inatas* entram em contato com fatores de influência *externa - fatores de adaptação - e interna - fatores de*

formação - ao sujeito e participam de relações com determinantes sociais, ideológicos, biomédicos, financeiros e culturais.

Por se tratar de um processo cujos fatores de influência e seus determinantes são próprios de cada pessoa, o sistema é denominado de *sistema alimentar pessoal* (Furst et al, 1996). Diante desses fatores, o sujeito tece, no seu sistema alimentar pessoal, considerações e atribui valores a cada fator, negociando conforme suas necessidades e desejos, daí a terminologia *valores negociáveis*. Estrategicamente tais valores são negociados e, de forma subjetiva, o processo se encerra em escolhas alimentares que constroem as práticas alimentares de cada um.

Assim este modelo adaptado orientou a investigação e análise dos achados sobre preferências alimentares entre adolescentes.

PROCEDIMENTOS DE PESQUISA

Esta pesquisa foi realizada com adolescentes de 12 a 16 anos, no período de maio a julho de 2008, na Escola Municipal Amélia Rodrigues, no bairro do Tororó, Salvador, Bahia. O estudo adotou metodologia qualitativa com foco exploratório, cuja escolha se deu por entender, em consonância a Freitas (2002), que ao tratar e reconhecer os pesquisados como o próprio especialista no fenômeno e subsidiado por dados epidemiológicos, ter-se-ia uma análise mais aprofundada. Assim, respeita-se o adolescente neste estudo não como fornecedor de dados, mas como sujeito “ativo”.

A faixa etária de 12 a 16 anos foi escolhida porque é nesse período que ocorre uma escala evolutiva de comportamento característico de independência. A idade que antecede esse período mantém rigor de “obediência” às regras estabelecidas por adultos e a idade superior aos 16 anos já tem muita semelhança às características de um indivíduo adulto⁶ (GUINARD, 2001). Essa assertiva ficou comprovada na etapa da visita exploratória quando, ao aproximar-se do grupo, verificou-se que os adolescentes do 6º ano – com idade entre 10 e 11 anos – demonstravam um grau de dependência dos pais bem definido, fato que definiu a população pesquisada aos adolescentes do 7º ao 9º ano.

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da “Maternidade Climério de Oliveira”, da UFBA e os participantes e seus pais assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido, após explanação detalhada sobre os propósitos do estudo. A Secretaria Municipal de Educação autorizou a realização da pesquisa na Escola Municipal e a direção da unidade escolar foi informada sobre os objetivos e assinou documento específico de consentimento.

Para ter acesso aos adolescentes definiu-se que o trabalho de campo seria realizado em uma escola de ensino Fundamental⁷, a qual tivesse facilidade logística e disponibilidade voluntária dos dirigentes para a realização da pesquisa. O espaço

⁶ *Cognitive skills of children from infancy to teen age (ASTM's Committee 18 on Sensory Evaluation)*: tabela que apresenta oito tipos de características comportamentais que demonstram a escala de atitudes ao longo da infância até à adolescência

⁷ Ensino Fundamental: corresponde ao período de ensino, cuja a faixa etária predominante é de 10 a 16 anos.

escolar foi escolhido como “*locus* de estudo” pela facilidade de acesso aos adolescentes de forma mais homogênea do ponto de vista da assiduidade de contato para a pesquisa, embora todos os esforços tenham sido direcionados a explorar o estudo da alimentação do adolescente de forma geral, não limitando-se à alimentação escolar.

A seleção da escola foi realizada de forma aleatória, utilizando-se do banco de dados da Secretaria Municipal de Educação e Cultura⁸ - SMEC. No final da triagem, a partir dos critérios adotados, entre três escolas a definir, escolheu-se a Escola Municipal “Amélia Rodrigues” pela melhor adequação aos requisitos pretendidos para o trabalho de campo, especialmente, no aspecto do entendimento dos dirigentes quanto à relevância do estudo e sensibilidade para disponibilizar a escola como “*locus*” da pesquisa e visível organização administrativa pedagógica⁹.

O estudo contemplou quatro etapas: visita exploratória, sensibilização, narrativa escrita e entrevista em profundidade.

A primeira etapa – visita exploratória - realizou-se durante três dias, com foco nas atitudes dos adolescentes, especialmente quanto às preferências alimentares no momento das escolhas. Não se limitando a esse grupo, fez-se contato com as merendeiras da escola e ambulantes com a finalidade de contextualizar como se dava os momentos de “recreio”, na tentativa de investigar o que estava mais em evidência em relação às preferências e quais seus *constructos*, interferências, limitações, comportamentos, ambiência, etc.

A etapa seguinte – sensibilização - realizou-se em cada sala de aula, do 7º ao 9º ano¹⁰, com a explanação sobre a pesquisa aos adolescentes e entrega do Termo de Consentimento. Esclareceu-se que apenas os adolescentes que apresentassem o Termo preenchido e assinado poderiam compor a população de pesquisados.

⁸ SMEC: Órgão da Gestão do Governo Municipal, com inerência das escolas de Ensino Fundamental.

⁹ Verificou-se na visita exploratória que a Escola tem elevado grau disciplinar - sem estudantes transitando pelos corredores em horários de aula, saída da escola só com permissão, e bom atendimento dispensado ao telefone pela segurança e demais técnicos administrativos.

¹⁰ Por observação do Vice-Diretor os estudantes do 6º ano têm ainda um estreito vínculo com seus pais e, assim entendendo, a coleta de dados dar-se-ia melhor com estudantes do 7º ao 9º ano; têm mais independência e a faixa etária aproximava-se melhor do objeto – 12 a 16 anos.

Na terceira etapa os adolescentes que aderiram foram reunidos em uma sala exclusiva para a realização da atividade – a narrativa escrita. Neste momento, esclareceu-se de forma mais detalhada a pesquisa, os objetivos, a metodologia a ser aplicada e a importância da clareza e responsabilidade das informações a serem prestadas por eles. Franqueou-se a palavra. Perguntas como: “Será confidencial o que estarei dizendo?”, “Meus pais ficarão sabendo?”, “Vai melhorar nossa merenda?” foram consideradas importantes e curiosas para um início de uma aproximação com fatores como: revelar o subjetivo, a influência dos pais, repressões e necessidade do retorno dos dados em forma de ações.

Após os esclarecimentos, deu-se início à narrativa, com tempo livre, tendo como tema gerador “Minhas preferências alimentares e suas origens”. Participaram desta etapa 23 adolescentes do sexo feminino e 13 do sexo masculino, resultando em 36 narrativas escritas. Duas adolescentes, fora da faixa etária¹¹ foram inclusas, tendo em vista a empolgação demonstrada em participar. “*Deixa... Eu quero!*” [M.B., 7º ano]; “*Seria bom que você me aceitasse*” [I.C., 6º ano], argumentaram de forma convincente. O entusiasmo em participar foi surpreendente, contrariando os pressupostos de que haveria desinteresse e evasão.

Para análise dos dados utilizou-se a técnica de análise do conteúdo, através da análise temática e análise interpretativa de enunciação com procedimentos de categorização, inferência, descrição e interpretação. (MINAYO, 2007).

Para análise das narrativas utilizou-se o procedimento da *leitura flutuante*, de forma exaustiva, com vistas a compreender o conjunto do material. Em seguida, trilhou-se para a *constituição do corpus*, através de pressupostos, criando-se categorias para aprofundar as análises. Dessas categorias elaborou-se um roteiro de entrevista, o qual se chama aqui de “sinalizadores”¹² para realização da entrevista em profundidade (quadro 01).

¹¹ Uma adolescente com 11 anos e 10 meses e outra com 11 anos e 11 meses.

¹² O termo “sinalizadores” foi adotado no sentido de que não se tratava de entrevista estruturada, mas apenas guiada a aprofundar categorias relevantes ao estudo.

Na quarta etapa – entrevista em profundidade, os adolescentes foram entrevistados por ordem aleatória, dentre os que participaram da primeira etapa. Adotou-se o critério de abordar um grupo etário distinto a cada dia, para melhor homogeneidade da coleta quanto à faixa etária. O critério de repetição de falas, na literatura denominado de “Método de Saturação” (FONTANELLA, 2008) ocorreu a partir da 16ª entrevista, e assim considerou-se a etapa concluída com 18 (dezoito) entrevistas gravadas, totalizando 8 horas e 20 minutos de falas, com média de 25 minutos por pessoa.

Aproximando-se às conceituações de Minayo para pesquisa social e com a intenção de atender aos procedimentos de análise, foram utilizados os seguintes critérios: (a) exaustividade: contemplou todos os aspectos levantados em todo material com pertinência; (b) representatividade: adotou o critério de “saturação”; (c) adequação: adaptada ao conteúdo e ao objetivo a que se queria chegar (MINAYO, 2007).

Para inferência, fase entre a descrição dos enunciados e a interpretação (MINAYO, 2007), nas entrevistas foram introduzidas perguntas como: “Você disse na narrativa que... Fale mais sobre isso” ou “Esclareça isso”, “É isso que você quis dizer?” no sentido de conferir credibilidade dos dados para interpretação e assim definir o que, como e de que forma a fala foi pronunciada e qual seu efeito na investigação.

Considerou-se para identificação das transcrições das gravações a seguinte formatação: < *.*: _ F ou M_ idade _ano que cursa _ NE**, EP**ou VE**>, onde: as duas primeiras letras referem-se às primeiras iniciais do nome do participante, seguida de F ou M que correspondem ao gênero F(feminino) e M(masculino). O ano que cursa na escola e por último a catalogação dos arquivos sendo NE (narrativa escrita), EP (entrevista em profundidade) e VE (visita exploratória), seguida da ordem a qual está organizada as transcrições.

QUADRO 01 – Sinalizadores para elaboração do roteiro semi-estruturado para entrevista em profundidade

Sinalizadores	Motivo para abordagem em profundidade	Objetivo da exploratória
Gosto: analogia, sinônimo ou elemento-chave da preferência?	Na maior parte das narrativas, o gosto foi apontado como sinônimo ou elemento-chave da preferência. A entrevista faz um aprofundamento sobre “gosto” e define preferência na percepção do grupo.	Apreender “preferência alimentar” através da percepção do grupo de adolescentes pesquisado e constatar a relação preferir-gostar, verificando as interferências nesta relação.
“Besteira”: terminologia e/ou preferência?	Em várias narrativas o termo “besteira” aparece como definição de alimento inadequado; consumido em local inadequado; consumido fora dos horários convencionais. A entrevista faz um aprofundamento do termo e definição de “besteira” na percepção do grupo.	Contextualizar o que define “besteira” no vocabulário dos adolescentes pesquisados, verificando a conexão com as preferências.
O paradoxal “faz bem, mas não gosto!” e “faz mal, mas eu gosto!”.	Em várias narrativas o “saudável” foi apontado como um elemento necessário à saúde, porém sem muita ênfase de que pode ser saudável e prazeroso: “faz bem, mas não é bom”. Num paradoxo, apareceu igualmente o “faz mal, mas é muito bom”. A entrevista faz um aprofundamento para constatação desse paradoxo na percepção do grupo.	Compreender como o binômio saúde-prazer, apontado comumente como um paradoxo, é visto pelo grupo de adolescentes pesquisados.
Rigor dos pais: Influência familiar, em especial a materna?	Em várias narrativas a orientação da mãe foi apontada como um elemento de respeito materno, sinalizando que o comer em casa é saudável, é higiênico, é seguro, é gostoso e faz bem. Por outro lado, o excesso de rigor é apontado como um elemento que revolta, mas devido à hierarquia... “Não há o que ser feito [...]”. Desta forma ao se libertar deste rigor, o comer compulsivo, supostamente, ocorre com certa frequência. A entrevista faz o aprofundamento da formação da preferência dentro deste contexto de influência familiar.	Compreender como o rigor, a orientação, o cuidado materno influencia nas preferências alimentares, constatando tanto o efeito repulsa como o efeito adaptação→costume→hábito.
As emoções positivas e negativas como elemento de formação das preferências	<u>Positivas:</u> Os termos: adoro! Meu Deus! Amo! Dar água na boca! Aparecem como definição de alimento de extrema apreciação e desejo. <u>Negativas:</u> Os termos: nojo e nojento aparecem como definição de alimento rejeitado ou ato que exige obediência de regras rígidas dos pais ou responsáveis. O nojo aparece como expressão emotiva de desconforto ao ato de obedecer, cumprir regras, etc. Nesta mesma perspectiva, como resposta há uma desobediência representada no ato alimentar inadequado, impropriedade. A entrevista aprofunda a origem e sinaliza elementos de preferência a nível ambiental, pessoal, recordações, etc. Na entrevista as emoções são abordadas separadamente com propósito de desvendar os elementos de gosto e desgosto relativo aos alimentos de preferência e repulsa.	<u>Positivas:</u> Compreender qual a origem de determinados alimentos causarem fortes emoções positivas – deleite, veneração, prazer, desejo... - ao ponto de preferi-los de forma incondicional. <u>Negativas:</u> Contextualizar as expressões “nojo” e “nojento” no vocabulário dos adolescentes pesquisados, verificando a conexão com a prática alimentar.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

*“Gosto de comer coisas bem **gostasas**, exemplos: frutas, frituras, carne, muita carne. As **besteiras** que adoro são: sorvete, hambúrguer, salgados, doces, muitos doces. São coisas que **adoro** comer **na rua** ou em casa. **Na escola** gosto de macarrão com almôndegas, adoro granola com leite. **Na praia**, um picolé, caranguejo. Na escola ou **em casa** um mingau”.*

A.S., F, 14 anos, 9º ano – NE01.

*“Eu **gosto** de feijão porque mim **deixa forte**. Eu não gosto de repolho, jiló porque ele é **amargo**. Eu gosto de frutas porque tem **proteína**. Eu gosto de cachorro-quente porque é **gostoso**”.*

M.S., M, 12 anos, 7º ano – NE19.

O GOSTO COMO PRINCIPAL FATOR DE FORMAÇÃO DAS PREFERÊNCIAS ALIMENTARES.

A partir das narrativas escritas, os adolescentes apontaram quase de forma unânime, o preferir com a conotação de gosto, num sinal de que “o gosto” representa o principal fator que determina as preferências.

*“Preferência alimentar é o que eu **gosto** mais de comer”.*

R.S., M, 16 anos, 9º ano – EP02.

*“Preferência alimentar é você ter prazer em comer uma coisa que você **gosta**”.*

I.N., F, 14 anos, 9º ano – EP03.

*“Preferência alimentar é o que você **gosta** e que você escolhe para comer”.*

S.B., M, 15anos, 9º ano – EP04.

O gosto, de um modo geral, é um juízo, resultante daquilo que se sente e que não está integralmente motivado pela explicação lógica. O início do uso da palavra gosto – *gustus* – considera-se que foi por volta do meado do século XVIII e estava voltado ao sentido de julgar as qualidades das artes daquela época. (MORAES, 2007). O gosto assim estava relacionado a uma faculdade nova, a capacidade de discernir o belo do feio, aprender pelo sentimento as regras dessa dicotomia.

Séculos se passaram e a evolução desse conceito se aplica nas diversas áreas da subjetividade humana.

“No almoço, gosto de um **belo** suco de umbu!”

T.S., F, 11 anos, 7º ano – NE18

Ao analisar o enunciado, entende-se que o sujeito ao expressar preferência de um determinado alimento por sua beleza, realiza um julgamento estético¹³ e, por conseguinte credita ao “belo alimento” uma representação do “aceito”, do “que agrada”, “do que dá prazer”.

*“[...] Gosto também de suco de morango da fruta, de um refrigerante e de um **belo** pão de milho”.*

S.O., F, 13 anos, 8º ano – NE14 e EP14.

*“[...] indo para escola comi um brigadeiro **espetacular**”.*

V.S., F, 12 anos, 7º ano – NE15.

Nestas falas pode analisar o belo e o espetacular pela mesma ótica adotada por Bourdieu, quando cita Kant com a especificidade do julgamento estético, o qual se empenha em estabelecer a distinção entre “o que agrada” e “o que dá prazer” e, de um modo geral, em discernir “o desinteresse” em relação “ao interesse”. Interesse dos sentidos, que define “o agradável” e o interesse da razão que define “o bom”. (BOURDIEU, 2007, p.43-1)

¹³ A palavra estética vem do grego *aisthesis* e significa “faculdade de sentir”, “compreensão pelos sentidos”, “percepção totalizante”.

De acordo às análises deste estudo verifica-se que o juízo estético do alimento é fator de formação das preferências. Nessa direção cabe a questão: é possível definir no aspecto das práticas alimentares uma homogeneidade de alimentos belos e não belos e assim proporcionar uma alimentação ideal do ponto de vista da aceitabilidade pelo prazer estético, para um grupo de adolescentes?

Com mais uma indagação, recorre-se à estética como ramo da filosofia diretamente ligada à arte para fundamentação da questão da aceitabilidade relacionada ao “belo alimento”. A beleza é um valor em julgamento que pertence exclusivamente ao objeto em si – no caso, o alimento - ou é julgada de forma subjetiva e, portanto, depende do valor atribuído por cada sujeito?

Dentro da tradição iniciada com Platão (Séc. IV a.C.), filósofos na Grécia defendem a existência do “belo em si”, de uma essência objetiva que serve de modelo e de critério de julgamento, independente das obras individuais; as qualidades que tornam um objeto belo estão no próprio objeto e independem do sujeito que as percebe. De um outro lado, para David Hume¹⁴ (Séc. XVIII) a beleza é de conceito relativo. Depende do gosto e da opinião de cada um e, portanto, não pode ser discutida racionalmente. Nessa perspectiva, o belo não pertence mais exclusivamente ao objeto, mas às condições de percepção do sujeito.

Respondendo à questão da prática alimentar dos adolescentes, entende-se que a preferência por um belo alimento é dada de forma subjetiva. Nesta direção compartilha-se com David Hume de que não condiz afirmar a existência de uma homogeneidade de alimentos belos e não belos, mas sim de apreciações individualizadas e que, portanto, não pode ser discutida racionalmente – daí a expressão gosto não se discute. Assim, igualmente como nas apreciações artísticas, a preferência alimentar é subjetiva quando se tratar da aceitabilidade pela estética do alimento.

¹⁴ David Hume: filósofo empirista, século XVIII.

O preferir e o não preferir de acordo ao juízo de valor estético do alimento, neste estudo, é também compartilhado com o entendimento de Campanella. Segundo Moraes, Campanella¹⁵, autor renascentista, afirmava que o gosto é um sexto sentido, uma espécie de tato intuitivo, se assemelha à atividade da língua e distingue os diversos sabores. A esta capacidade, Campanella chamou de discricção, em resultado da ambigüidade implícita do verbo *sapere*, que tanto pode significar “gostar” como “ser de bom gosto”, “discernimento” ou “ser judicioso”. (MORAES, 2007).

Na área da gastronomia tem-se, segundo citado por Vivian Mielniczuk, a contribuição de Brillart Savarin que ao estudar “o gosto” no sentido fisiológico e no sentido moral, afirma que se trata de uma sensação ligada ao apetite e classifica sob três aspectos: (1) Físico: o gosto como aparelho por meio do qual o homem aprecia o sabor; (2) Moral: o gosto como sensação que excita e (3) Material: o gosto como propriedade do corpo de perceber a necessidade de fazer sentir a sensação (MIELNICZUK, 2005 p.92-95).

Nas falas a seguir observam-se os três aspectos estudados por Savarin, numa constatação de que “o gosto” representa domínios do sentido fisiológico expressos pelos adolescentes por diferentes manifestações do prazer alimentar:

(1) Apreciação do sabor:

“Quem não sabe o que gosta de comer, então não sabe o que é gostar da comida”.

A. B., M, 13 anos, 9º ano – EP05.

(2) Sensação que excita:

“Um brigadeiro você sente um prazer imenso, de ta comendo aquilo que você gosta [...] e você comendo, saboreando e dando vontade de você comer mais e mais e mais. E quando você não

¹⁵ Giovanni Domenico Campanella (5 de Setembro de 1568 — Paris, 21 de Maio de 1639) foi um filósofo renascentista italiano, poeta e teólogo dominicano.

pode comer você imagina assim: um brigadeiro que você gosta com bastante granulado [sorrindo expressa que está no imaginário]. Ah! Aquele brigadeiro bom! [gesticula com a mão indo à boca]. Ah... Maravilhoso!”

I.N., F, 14 anos, 9º ano – EP03.

“[...] quando minha mãe me diz assim: “Vou fazer lasanha tal dia!”. Tinha dia que eu nem dormia, só esperando aquele dia. Ai eu vinha pra o colégio doido para a aula acabar, para eu chegar em casa e comer logo a lasanha, Porque lasanha é uma coisa que eu gosto mesmo! Que eu não ligo para comer¹⁶”

V.M., M, 15 anos, 8º ano – EP12.

(3) O corpo percebe a necessidade:

“Antes, quando eu comia muita besteira eu me sentia cansado. Não sei bem... Não era disposto. Ai quando eu mudei a alimentação, tô, tô melhor. Tô tendo disposição. Tô sentindo meu corpo evoluir mais rápido”.

R.S., M, 16 anos, 9ºano – EP02.

A fala a seguir, expressa o entendimento do adolescente sobre fome e paladar e provoca este estudo para uma discussão desses dois aspectos no sentido do gosto.

“Às vezes não é nem vontade de você comer aquilo; tem vezes que é mais gula! Prazer de comer aquilo. Não é nem de sentir o gosto do brigadeiro é mais o prazer de comer”.

L.N., F, 16 anos, 9º ano – EP06.

Discutindo “o gosto” no campo do paladar e da necessidade, cabe lembrar Josué de Castro e Câmara Cascudo, com brilhantes estudos sobre fome e paladar, respectivamente. Josué de Castro expressa a experiência humana da fome. Para ele um sistema de alimentação funciona para alimentar as pessoas, para satisfazer as necessidades biológicas de uma determinada população (GONÇALVES, 2004). Enquanto Câmara Cascudo escreve diversos estudos do ponto de vista do “paladar”. O

¹⁶ Não ligo para comer, no sentido de não dar importância devida para a quantidade que vai consumir.

paladar, afirma Cascudo, é determinado por padrões, regras e proibições culturais e é elemento-chave para definir as preferências alimentares humanas. Num enunciado do próprio Câmara Cascudo: “*Josué pesquisava a fome e eu a comida*” (CASCUDO, 1963, p.26 e 16).

Esses estudos trazem substratos para justificar que as preferências alimentares, quando originadas do paladar, não são necessariamente modificadas ao serem confrontadas com a tomada de decisão frente a fatores como as necessidades biológicas, que definem a fome. Cascudo sinaliza que a modificação do paladar depende do mesmo fator de sua formação: o tempo (CASCUDO, 1963, p.19). Para isso instituições sociais, políticas e culturais são acionadas para solucionar o “problema da fome”. O paladar, por outro lado, é entendido como algo suplementar e definido aleatoriamente.

Embora neste estudo a questão do acesso e disponibilidade do alimento não tenha emergido como fator que interfere nas preferências alimentares, nem causado situações de fome, em alguns enunciados percebeu-se certo contexto de contingência familiar que mobilizou preferências por alimentos mais “substanciais”. Na fala a seguir o adolescente ao ser abordado sobre a frequência de consumo de sorvete após realizar a refeição da escola, justificou-se da seguinte forma:

*“Ah... Isso é o mais difícil porque minha mãe só me dá **dinheiro** quando ela pode; quando ela recebe dinheiro. Ai quando ela me dá eu compro.*

*Porque a gente lá [em casa] é assim: ela faz chocolate para vender. Mas só que ela só recebe dinheiro parece que é de semana em semana, às vezes, por mês. Quando ela recebe o **dinheiro**, primeiro ela tem que pagar as contas, as dívidas - ela tá em dívidas, porque o nome dela tá no SPC. Ai ela está limpando o nome já, mas por enquanto eu **não posso tá trazendo dinheiro todo dia** assim. Até porque todo dia não é para ficar comendo assim as coisas na rua”.*

S.O., M, 13 anos, 8º ano – EP14.

Do ponto de vista da preferência alimentar, o adolescente não modificou seu gosto, sua preferência pelo sorvete, mas, numa forma compreensiva da situação financeira de sua mãe, deixa de consumir temporariamente. Na última fala ele expressa certo constrangimento ao tentar mostrar outro motivo que justifica a não disponibilidade monetária para o consumo. Essa mesma justificativa foi verificada em outras falas, com o mesmo sentido, a exemplo da seguinte:

*“Na minha casa não tem besteira não! Porque minha mãe procura sempre ta ali... Mas todas às vezes que eu ganho um **dinheiro** eu procuro comprar um “miojo” [marca de macarrão instantâneo]. Já minha irmã compra doce, salgado, entendeu? Ai eu acabo caindo na **tentação** e comendo um ou dois... “Gula” [outra marca de guloseima], aquele salgadinho – eu gosto de comer”.*

R.S., M, 13 anos, 8º ano – EP13.

Com esses enunciados e discussão, constata-se que o gosto é elemento-chave de formação das preferências alimentares. Embora o gosto seja juizado de forma subjetiva, necessidades circunstanciais podem fazer interferência nas preferências, sem, no entanto, modificá-las. O gosto e a preferência alimentar mantêm-se de forma latente para atender outras necessidades.

O GOSTO POR SABORES DIFERENCIADOS

“Gosto de doce desde criança. Todos os tipos de doces”.

L.N., F, 16 anos, 9º ano – EP06.

A preferência por determinados tipos de alimentos é comprovada no meio científico como uma habilidade do ser humano que se inicia na vida intra-uterina (GUINARD, 2001). No estudo sobre testes sensoriais com crianças o autor afirma que “a habilidade de detectar, discriminar e aprender associações positivas, envolvendo

odores e sabores, tem início no contato com o líquido amniótico e com a ingestão do leite humano”. Há evidências de que algumas preferências são inatas e que, a depender dos alimentos disponibilizados, as preferências adquiridas podem promover ou impedir o consumo de dietas nutricionalmente inadequadas (GUINARD, 2001).

No entender deste estudo, essa constatação científica insere-se como fator genético e, portanto, categorizado como “Fator Formador” das preferências alimentares.

Outra confirmação científica que estabelece a mesma categorização de “Fator Formador” das preferências alimentares é o reconhecimento de que o ser humano desenvolve a percepção sensorial a partir da sétima a oitava semanas de concepção, estando as células especializadas pelo sabor, estruturalmente desenvolvidas para o paladar na 13^a a 15^a semanas e há evidências de que os receptores do paladar são estimulados por substâncias químicas presentes no líquido amniótico. (Bradley, R.M; Liley, A.M.; Misceretta, C.M. apud GUINARD, 2001).

Embora, ainda nas primeiras semanas, os bebês possuam folículos papilares em maior número e volume do que os adultos (10.000 versus 2.000), não é reconhecida cientificamente uma maior sensibilidade do paladar visto que a inervação das papilas não é suficientemente desenvolvida e com plena funcionalidade como a do adulto (Platting, K-H apud GUINARD, 2001). Quanto à percepção dos odores, os estudos relatam que os seres humanos detectam odores poucas horas depois do nascimento, demonstrados por alteração na respiração ou salivação mediante estímulo olfativo (Engen T. e Lipsitt, L.P. apud GUINARD, 2001).

Cabe ainda ressaltar a predisposição de aceitar ou rejeitar determinados sabores como fator de formação das preferências. Estudos de diversos autores sobre preferências ou rejeições pelos sabores doces, salgados e amargo constatarem um maior estímulo de aceitação pelo sabor doce e maior resposta de rejeição pelo sabor amargo. A preferência pelo sal surge por volta do quarto mês de idade. Nos estudos essas predisposições foram constatadas ao provocarem nos bebês uma resposta de

comportamento de suas preferências, verificadas através das expressões faciais reflexivas durante a ingestão dos diferentes sabores. Os pesquisadores afirmam que as preferências por doces ou salgados, bem como a rejeição por alimentos amargos podem ser alteradas quando submetidas a novas experiências. A percepção do gosto e preferências para esses autores, é individualmente diferenciada por codificação genética e que o estímulo envolve um sistema alimentar complexo. (CONTRERAS, 1995; BIRCH, 1999; GUINARD, 2001).

No tocante aos odores, nesta pesquisa emergiram enunciados que confirmam a teoria dos estudos citados anteriormente, quando os adolescentes expressam um sentimento de deleite ao perceberem exalar o cheiro dos alimentos prediletos. A salivação dos experimentos com os bebês, em outras fases da vida é conceituada pelo senso comum como alimentos que “dão água na boca”.

*“Aquele bife bem suculento, entendeu? Ai você chega assim e sente aquele **cheiro** cebolado”.*

S.B., 15 anos, 9º ano – EP04.

*“Lasanha tem um **cheiro** bom”.*

V.M., M, 15 anos, 8º ano – EP12.

Popularmente o conceito de sabor inclui a percepção dos elementos gosto, cheiro e textura e se inter-relaciona ao prazer e ao hedônico. O gosto comumente é expresso de forma verbal em escala de valores que varia de “adoro!” a “odeio!”, num sentimento afetivo ao alimento e constitui um dos principais elementos que determinam a preferência.

*“Eu como banana real¹⁷ porque **gosto** e acho **saboroso** cheio de **açúcar** em **cima**. Hum... chega da **água na boca**”.*

T.S., F, 11 anos, 7º ano – NE18

¹⁷ Banana real: tipo de pastissaria confeccionada com massa recheada com banana frita e povilhada com açúcar de confeitiro e canela em pó.

Na fala acima, os elementos que definem a preferência estão motivados pelo gosto, sabor e aparência. O alimento, provavelmente, ao exalar o aroma da canela com açúcar, bem característico do doce, confere agradabilidade e a adolescente, assim, expressa seu deleite. O sentimento de afetividade do alimento determina a preferência.

*“Hambúguer, misto aí... com o **queijo derretido!** Hum... **delícia!**”*

D.S., F, 12 anos, 7º ano – NE10.

A fala da adolescente expressa seu deleite ao recordar o aspecto do queijo derretido, comungando a preferência por queijo que emergiu em diversas outras falas, conferindo uma categoria de alimento de significativa preferência dos adolescentes.

*“Prefiro o **cheiro** da **batata frita** que o jambo... Cheiro do **hambúguer** melhor que do feijão”.*

S.B, M, 15 anos, 9º ano - NE04.

Associa-se, na análise desses achados, que a aparência e aroma exalados dos alimentos que contêm queijo ou com imersão em óleo – frituras - causam motivação para o consumo, supostamente, ao lembrarem: pizza, lasanha, misto quente, e outros, tão bem apreciados pelos adolescentes e comumente utilizados como instrumento de persuasão nas redes de lanchonetes *fast food*. Verificou-se ainda que, na fala do segundo adolescente, há uma comparação dos alimentos preferidos àqueles comumente da dieta tradicional e caseira, numa outra resposta pela preferência aos alimentos adquiridos e consumidos fora de casa.

Reforçando a individualidade das preferências, neste estudo pode-se exemplificar com as falas de duas adolescentes sobre suas preferências. O doce brigadeiro¹⁸ categorizado de sabor espetacular por uma adolescente (V.S., 12 anos, 7º ano – NE15) não é da preferência de sua colega, que embora sempre compartilhe o lanche no momento do recreio, declara preferir alimentos salgados como pizza e empada, aos alimentos doces (I. A., 12 anos, 8º ano – NE25).

¹⁸ Brigadeiro: tipo de doce feito com chocolate, leite condensado e com cobertura de chocolate granulado.

Quanto à assertiva dos estudos sobre rejeição ao sabor amargo, vários adolescentes fizeram declarações, a exemplo de M.S.S., 11 anos – NE19: “*Eu não gosto de repolho e jiló porque ele é amargo*” e de M.P., 12 anos – NE21: “*Eu não gosto de quiabo por que eu acho com gosto ruim*”.

Outros enunciados com expressões verbais como: “odeio”, “detesto”, “acho nojento”, representando rejeições estão citados no tópico “rigor dos pais e as emoções positivas e negativas” deste estudo.

A abundância alimentar e a escassez para Lambert et al., é vista como elemento determinante da escolha alimentar. No caso de situação de escassez, o sentimento básico de sobrevivência sempre atraiu para o consumo de alimentos com nutrientes mais energéticos, justificando, de forma também atrativa, a aceitação pela palatabilidade dos alimentos com sabores adocicados e gordurosos. (LAMBERT et al, 2005).

Outro achado desta pesquisa sobre sabores é que, na percepção de vários adolescentes, o doce se enquadra na categoria dos alimentos considerados como “besteira”, numa conotação de suas conseqüências à saúde quando consumido em excesso. O adolescente, na fala a seguir, declara conceber o doce nesta categoria:

*“Besteira é assim... Vários tipos de **doces**. No caso, entre aspas, **faz mal à saúde**. Essas coisas que dão um pouco de... de... dão algumas doenças como **diabetes**”.*

A. B., M, 13 anos, 9º ano – EP06

Quando questionado sobre a ênfase verbal de “entre aspas”, o adolescente respondeu: “*Porque, também, sem o açúcar a gente não vive. Porque é do açúcar que a gente tira energia. Então, nem sempre, o açúcar é ruim*”.

“COMER BESTEIRAS”: UMA PREFERÊNCIA ALIMENTAR ENTRE ADOLESCENTES

Uma das noções mais referidas pelos adolescentes como representativa de suas preferências foi “gostar de besteiras”, sinalizado pelo grupo como um modo de preferir bem específico da idade, embora por eles também definido como sem valor agregado à saúde.

Analisando “besteira” como terminologia entende-se neste estudo que, de um modo geral, as palavras são grafadas de significados. Nelas os seres humanos constroem uma acumulação de experiências, positivas, negativas, de busca, de certeza, de perplexidade. Normalmente as palavras possuem sentido originário que se desdobram em outras significações afins. Em conformidade, ao emergir o termo “besteira” constatou-se a necessidade de desdobrar outros significados associados às preferências, na percepção do próprio grupo pesquisado.

*“Besteira são aqueles alimentos que **não traz nenhum bem à nossa saúde...** Que podem causar **danos** à nossa saúde sem a gente perceber. Ele **tem um certo prazer**, o sabor, pode ser gostoso, mas não pode fazer bem ao nosso organismo, isso que é besteira! Prá mim.”*

I.N., F, 14 anos, 9º ano – EP03.

*“Quando estou **na rua** eu sempre como **besteiras** [...] como: cuscuz de milho e carimã, cachorro quente, misto, hambúrguer, aipim frito, banana frita, pastel, porque eu **me sinto bem em comer**”*

A.C, F, 13 anos, 8º ano – NE26.

*“Realmente o que **gosto** de comer são **“besteiras”** porque são: hambúrguer, batata frita, sorvete, chocolate e muito mais”*

D.S., F, 12 anos, 7º ano – NE10.

Verifica-se nas falas das adolescentes, ao optar pelo termo “besteira” ao invés de outra terminologia mais apropriada, um exemplo de seleção vocabular predominante, cuja circunstância deseja manifestar ação de uma prática alimentar inadequada. O adolescente não admite estar, necessariamente, precisando alimentar-se adequadamente, mas simplesmente precisando comer. Ao admitir que este “comer” é apenas um passatempo, uma descontração, uma forma de convivialidade, o adolescente revela que “besteira” é comestível, mas não precisa ter valor nutricional agregado.

No enunciado anterior compreende-se por “besteira” uma conotação de censura, de autocrítica às próprias atitudes, baseada num confronto entre os discursos de que só determinados alimentos – atribuídos como saudáveis – são permitidos. Observa-se ainda que, mesmo com conotação de “besteira”, o consumo desse(s) alimento(s) ocorre para satisfação do prazer que proporciona(m).

Nesses casos, a escolha por “besteira” teria mais o sentido de arbitrariedade, de insensatez em busca do prazer, que de insignificância como define o dicionário da língua portuguesa.

O termo “besteira” torna-se amplo e complexo ao analisar-se que o consumo dos alimentos assim definidos pelos adolescentes é elevado por ser prazeroso. Ao aprofundar a abordagem “*o que você pensa sobre besteira?*” emergiu o elemento “prejudicial à saúde” como significado do termo e com elevada representação de que aquilo que se come na rua é “besteira”.

A associação entre “comida de rua”, “comida prejudicial à saúde” e “besteira” foi muito freqüente nos enunciados dos adolescentes. Em determinadas falas, no entanto, observa-se certa inadequação ao classificar determinados alimentos como “besteira”, a exemplo da fala da adolescente que inclui cuscuz de milho e de carimã nessa categoria, pelo simples fato de estar sendo comercializado na rua. Assim, faz conexão

do ato alimentar praticado na rua e “besteira”, independente do valor nutricional do alimento considerado.

Os adolescentes expõem sobre a associação besteira-valor nutricional-categoria do alimento, ao afirmar:

*“[...] Besteira: por exemplo, se a gente for comer no almoço uma **pizza** não vai adiantar nada; porque o que a gente tem que comer é **arroz, feijão...** Que dá **ferro!**”*

S.O., M, 13 anos, 8º ano – EP14.

*“[...] Comendo **doce**, não vou **encher minha barriga**. Ai eu vou ter que botar outra coisa por cima. Então isso é besteira, diferente dos outros; nada se compara ao **feijão**. [...] Besteira na minha alimentação... Não vão encher minha barriga, só vai me prejudicar”*

R.S., 13 anos, 8º ano – EP02.

Ao ser questionado para definir “encher barriga”, o adolescente responsável pela fala anterior respondeu: “*É eu comer e meu estômago falar que está cheio. Eu parar ai, e minha fome ir embora*”.

Nas respostas da abordagem para definir “besteira” emergiu “a pressa” como fator que pode explicar a conexão “rua-besteira”. Nos enunciados a seguir a “pressa” como elemento explicativo para o consumo da “besteira” é manifestada conforme característica do estilo jovem de não perder tempo.

*“Se você vai parar para comer um prato de feijão, você vai **demorar** um tempo... Vai ter que digerir a comida e tal, **esperar** tudo. Se você vai comer um hambúrguer, não tem [precisa de] **tempo...** é simplesmente chegar lá e comer. Você **come até andando**”.*

S.B., M, 15 anos, 9º ano – EP04.

*“Besteira é o que a gente come assim... **De uma hora prá outra. Na rua.** Um sanduíche, um hambúrguer, muita gordura.*

*Normalmente quando a gente tá com **pressa**, né? Na rua assim... **Não tem onde comer**, aí a gente pára em qualquer lanchonete e come!”*

R.S., M, 16 anos, 9º ano – EP02.

Articulam-se nos enunciados anteriores vários aspectos do mundo jovem, como os próprios adolescentes contextualizam. A *pressa*, representada pela falta de tempo para comer com ambiência adequada – sentado, mastigando para uma melhor digestão – provoca uma demanda pela escolha de comer em lanchonetes, onde há oferta de produtos de rápida ingestão. Essa condição de necessidade, de rapidez e praticidade é o princípio do mercado de *fast food*.

A partir de sua disseminação, o *fast food*, estabelece sua imponência em atender a falta de tempo e o espaço dedicado para se alimentar com *pressa*. Constata-se em diversas lanchonetes “*fast food*” a existência de mesas altas, sem cadeiras, para aqueles que desejam comer em pé. Essa estratégia com o mobiliário, aproxima-se da citação do adolescente, responsável pela fala anterior apresentada, ao afirma que “[...] não precisa tempo... come até andando”.

Quase de forma unânime os adolescentes declararam que a preferência por “*besteiras*” é própria da idade e por ser categorizado por alimentos que são encontrados principalmente na rua, tem valor atribuído à liberdade de comer “na rua”, fora da vigília dos pais e na convivialidade dos pares. Por assim ser definida, “as *besteiras*” representam uma identidade dos jovens, expressa por sentimentos de liberdade, convivialidade, prazer de diversão e que foge ao normativo, ao correto, ao estabelecido pelo senso comum como saudável.

*“**Besteira** é quase tudo que os **adolescentes** comem. [...] Quando as pessoas vão ficando mais **velhas** elas vão querendo cuidar mais da **saúde** delas. Não **comem essas coisas**, porque sabem que vai **fazer mal** e o **adolescente não liga** muito para isso”.*

M.B., F, 12 anos, 7º ano – EP11.

“O **velho** não come **besteira** porque ele **não gosta!** Ele é mais assim... Caseiro! Gosta mais de sopa, de mingau, de feijão, arroz”.

“Às vezes, quando eu era pequena, eu via gente comendo e eu **não podia**. Agora que eu tô grande, que **eu posso**... Eu gosto das outras coisas. **Agora, eu quero é besteira!**”

T.S., F, 11 anos, 7º ano – EP18.

Nesta perspectiva, constata-se que o “gostar de besteiras” representa mais que uma categorização de alimentos por parte dos adolescentes. A atitude de gostar responde a uma demanda de necessidade de adaptação – pressa, diversão, comer o diferente do disponibilizado em casa – Enfim gostar de besteira pode ser entendido como uma atitude de resposta ao estilo jovem. Nesse entendimento, considera-se, neste estudo, que “besteira” é um elemento indicativo como fator de adaptação das preferências.

A qualidade higiênica foi enunciada por diversos adolescentes como um dos itens identificados como risco de comer “besteira”. Esse enunciado expressa associação feita entre “comida de rua” e risco de contaminação alimentar. A preocupação mostra mais um elemento característico das práticas alimentares dos adolescentes: a consciência com a conseqüência futura das escolhas praticadas.

“Besteiras são aquelas comidas que, pra mim, não deveriam existir, né? Porque você comer algo que lhe faça ruim no futuro?...”.

V.M., M, 15 anos, 8º ano – EP12

Da tríade besteira-lugar-casa, alguns adolescentes informaram que: “*Em casa tem às vezes; não é todo dia*”, numa conotação de não ser convencional.

RIGOR DOS PAIS E AS EMOÇÕES POSITIVAS E NEGATIVAS RELATIVAS AOS ALIMENTOS

O “rigor dos pais” emergiu como fator de adaptação das preferências. O rigor, utilizado pelos pais como estratégia para o consumo de alimentos de seus filhos na infância, foi relatado pelos adolescentes com sentimentos tanto de desconforto quanto de assimilação.

O sentimento de assimilação foi expresso como “aceitar”, “acostumar-se” com o consumo de um alimento recomendado pelos pais como ideal, bom, saudável. Ressalta-se nesse contexto de aceitação o papel do afeto materno.

*“Eu **gosto** de feijão porque desde pequena minha mãe me incentivava a comer”.*

K.A., F, 12 anos, 7º ano – NE30.

*“**Amo** comer verduras, já estou mas do que **acostumada**. Amo as comidas que minha **mãe** faz”.*

L.N., F, 16 anos, 9º ano – NE06.

*“[...] Minha **mãe** não gosta que eu coma essas coisas, diz que **prejudica** a saúde, então me **acostumei** a só comer de vez enquanto”.*

A.O., 14 anos, 9º ano – NE29.

A constatação do próprio adolescente de uma adaptação de sua preferência frente a uma atribuição do valor de credibilidade aos pais, especialmente às mães, foi considerado neste estudo como uma quebra do paradigma: “adolescente não atende ao que se ensina em casa”.

Na fala a seguir, “acostumar” é relatado pelo adolescente como resultado de mudança de comportamento que ocorre quando determinados alimentos são continuamente submetidos a novas experiências sensoriais. O adolescente apresenta argumentos de suas atitudes frente aos alimentos que não apreciava, mas que, ao “aperfeiçoar” passa a gostar. Na análise dessa fala, observa-se que o “aperfeiçoar” tem

conotação de desenvolver a acuidade do paladar quando há interesse na mudança do comportamento alimentar.

*“Eu acho assim... Os hábitos alimentares não é assim: as pessoas que tem que **mandar** você comer, é você que tem que achar assim: “Pô! Gostei disso! Então eu como isso até.... Até eu enjoar”.*

*Exemplo: eu não gostei disso, mas vou tentar **aperfeiçoar** para vê se eu consigo gostar de algum jeito.*

*Não é assim: **pressão** para a pessoa comer, é mais assim é o... É o **sentido** que a pessoa tem **pela comida**.*

*Tem pessoas que falam que têm **nojo** de comer isso. Não é! É mais por gosto mesmo, porque a **mãe** não pode obrigar a um filho comer esse tipo de alimento que ele diz que tem **nojo** de comer.*

Então, não é muito de se forçar. Tem que deixar fluir, mas também não deixar fluir tanto ao ponto de chegar e o menino só querer comer besteira. Tem que comer algumas coisas saudáveis também.

A.B., M, 13 anos, 9º ano – EP05.

A aceitação pelo alimento é atribuída ao exemplo dos pais, associada ao correto, à segurança, ao cuidado, ao afeto e, portanto que deve ser seguido, mesmo que para isso tenha que haver uma adaptação, através de novos e contínuos experimentos. Essas sensações devem ser reconhecidas nas ações educativas de alimentação e nutrição, especialmente com crianças.

Os achados deste estudo quanto ao aspecto do interesse ou aceitação, proporcionado pelo “rigor dos pais”, em especial a orientação da mãe, compartilham as mesmas considerações feitas no estudo de Contento (CONTENTO et al., 2006). Assim, a aceitação é atributo de retribuição ao respeito, segurança, zelo e moral relacionada à educação doméstica, o qual fortemente estabelece um cumprimento de regras – uma espécie de ética do comer corretamente conforme as orientações apreendidas - e que influencia as preferências alimentares a partir da infância até a vida adulta.

*“[...] A **mãe nunca** vai fazer uma comida que **faça mal** a seu **filho**. Tem aquele **cuidado** todo de saber: “meu filho vai comer, eu não vou fazer coisa ruim pra ele não passar mal depois”. Entendeu? Sempre tem aquele **cuidado** todo de mãe”.*

I.N., F, 14 anos, 9º ano – EP03.

*“[...] **Mainha**, quando vê, fala: “Oh, Raí coma! Feijão **faz bem!** Vá comer! E, tem vezes, ela mesma bota no meu prato e diz para eu comer. Ai, para **eu não falar que não vou comer**, eu vou lá e como! Nem que eu deixe só um pouquinho, coma só a metade [...], mas eu procuro sempre comer”.*

R.S., M, 13 anos, 8º ano – EP13.

Birch afirma que os pais têm maior chance de atingir seu objetivo se agirem como fontes de reforço positivo (BIRCH, 2001).

Por outro lado, o comer também implica em emoções negativas. Segundo os pesquisados, o sentimento de desconforto está relacionado a situações recordatórias - alimentos que os pais forçavam a comer na infância, o cheiro não atrativo, percepção visual de associação desagradável entre outros - é, portanto, um sentimento de aprendizagem associativa. Esse desconforto é respondido através do “nojo” ou repugnância ao alimento, às vezes de impacto definitivo nas preferências.

*“Eu **não gosto** de comer carne cozida ou frango cozido. Essa preferência eu tenho **desde** que eu morava no interior, minha **avó sempre me dava** ensopado, ai eu enjoiei”.*

M.D., F, 15 anos, 9º ano – NE36.

*“**Sempre** minha **mãe** fala: ‘Coma cenoura, faz bem para o cabelo’ mais eu não gosto. Às vezes **ela** mim **fossa** [força] comer o que eu não gosto. E ai tenho que comer. Eu **detesto!**”*

C.S.C., 12 anos, 7º ano – NE16.

*“Quando eu estava **pequeninha**, **ela** me forçava muito a tomar suco de cenoura com tomate. Eu **odiava!** **Até hoje eu não gosto**”.*

C.S., F, 14 anos, 9º ano – EP07.

Ainda com relação às aversões, alguns adolescentes relataram emoções provocadas por estímulos sensoriais de textura e de cheiro, também associados ao recordatório.

*“[...] Quando eu era **pequeno** não comia **papa**, aquelas papinhas que vende no mercado; nunca comi! **Sempre** gostei de comer **fruta inteira**, **nunca** gostei de nada muito **pastoso**. Nunca gostei. Essa preferência continua **até hoje**”.*

*“Eu **odeio** quiabo! Eu me **lembro** outra coisa muito **nojenta**. Dá vontade de **vomitar**”.*

H.M., M, 14 anos, 8º ano – EP09

*“Não posso sentir o **cheiro** de **ímucilon**¹⁹. Não tomo de jeito nenhum [...] tenho **nojo**”.*

L.N., F, 16 anos, 9º ano – EP06.

Desmet e Schiffersteina (2007) no estudo sobre emoções com experiências de alimentos, afirmam que as emoções têm causas diretas e associativas, sendo as diretas referentes às propriedades dos alimentos – sabor e cheiro, por exemplo - e as associativas ligadas aos tipos de significados, lembranças associadas aos alimentos e acontecimentos ou contexto.

Os enunciados desta pesquisa mostraram que os sentimentos de aversão e adaptação ou assimilação são reflexos de uma aprendizagem associativa e, embora o cheiro e o sabor apareçam tanto como elemento de aversão quanto de apreciação, considera-se que é de aprendizagem associativa, ou seja, aquele determinado cheiro ou sabor do alimento é recordatório e, portanto há uma associação.

¹⁹ Mucilon: marca de um complemento farináceo utilizado, especialmente, para alimentação infantil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo apresenta os fatores relacionados às preferências e práticas alimentares, identificados na pesquisa qualitativa intitulada “preferências alimentares entre adolescentes: estudo de caso em Salvador, Bahia”.

Os adolescentes participantes desta pesquisa declararam em seus enunciados que procuram viver seu momento de vida com diversão, alegria e espírito de liberdade, Este achado, neste estudo entendido como percepção do grupo sobre seu universo, desvenda a primeira aproximação de entendimento das práticas alimentares relacionadas as essas características do grupo e que merecem ser mais bem compreendidas ao se relacionar ao ato alimentar.

Nessa direção, este artigo apresenta a exploratória das questões: o que leva o adolescente a preferir um determinado alimento em opção a um outro (ou outros)? Que fatores formam suas preferências? Como esses fatores balizam as práticas? Conforme os achados, confirma-se a identificação de múltiplos fatores internos e externos ao sujeito e assume-se que as preferências são individualizadas, inclusive inatas, e por isso “de formação”. Além disso, as preferências por serem, muitas vezes, adaptadas a cada contexto alimentar – momento, companhia, espaço social, revelaram-se como moduladas circunstancialmente.

Importa, ainda, a quase unanimidade dos enunciados, na constatação de que se prefere aquilo que se gosta. Assim, o gosto revelou-se neste estudo como fator proeminente na formação das preferências alimentares e, ainda, de forma transversal, interage aos demais fatores que interferem nas preferências na tomada de decisão das práticas alimentares.

Outra constatação é que ao relacionar o gosto às demais necessidades de atender à saúde, à nutrição, ao aprendizado através dos pais, à convivialidade, e a

prazeres como o da liberdade, da alegria e da diversão, é exigido do adolescente a formulação de estratégias de negociação, muitas vezes conflitantes, para assim definir as escolhas alimentares.

Ainda relacionado aos conflitos dos adolescentes no processo de escolhas alimentares, identifica-se nos resultados deste estudo o fator “influência familiar”, mais especificamente ao aprendido pelos pais ou responsáveis, como forte atributo de valor nas decisões de escolha. Este fator destaca-se como de retribuição pelo respeito, cuidado, carinho, garantia de segurança que lhe são ofertados e conferem valores de forte influência familiar.

Esse sentimento de retribuição desvendado diferencia da premissa deste estudo que considera os adolescentes como desobedientes aos pais ou responsáveis, quando se trata de atender às orientações de âmbito da educação doméstica. Essa constatação retrata a necessidade de reconhecer que as orientações em EAN devem procurar envolver os pais para que, através do aprendizado no âmbito doméstico, sejam atendidas as recomendações na perspectiva de melhoria das práticas alimentares entre os adolescentes.

Entende-se nesse sentido que os fatores formadores e de adaptação das preferências alimentares dos adolescentes necessitam ser reconhecidos e compreendidos de forma a subsidiarem ações educativas capazes de promover a alimentação, considerada saudável pela comunidade científica de EAN, respeitando as necessidades próprias da adolescência. Nesta perspectiva, as ações de EAN podem ser pensadas para a promoção de livres escolhas de forma consciente e prazerosa que possam tornar o ato alimentar fonte de prazer e de nutrição, com redução dos conflitos e balizados pelas preferências.

REFERÊNCIAS

AMORIM, SUELY T.S.P. de. **Alimentação infantil e o marketing da indústria alimentícia**. Brasil, 1960-1988. Tese [Doutorado]. Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes. UFPR. Curitiba, 2005.

Disponível em: www.ufba.br/periodicos/*.pdf. Acesso em: 10 mai.2006.

ANJOS, L.A; VEIGA, G.V; CASTRO, I.R.R. Distribuição dos valores do índice de massa corporal da população brasileira até 25 anos. **Revista Panam Salud Publica**.

Disponível em: www.scielo.br/nutricao/periodicos/*.pdf. Acesso em: 03 abr.2007.

BATISTA FILHO, M.; RISSIN, a. A transição nutrição no Brasil: tendências regionais e temporais. **Caderno Saúde Pública**, v.19, Supl 1, p.181-91, 2003. Disponível em:

www.scielo.br/nutricao/periodicos/*.pdf. Acesso em: 03 abr.2007.

BIRCH, LEANN L. **Development of food preferences**. Annu. Rev. Nutr.,1999.

Disponível em: http://arjournals.annualreviews.org/doi/*.pdf. Acesso em: 15.set.2007.

BOURDIEU, P. **A distinção. Crítica social do julgamento**. Tradução Daniela Kern; Guilherme J.F. Teixeira. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS, 2007.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Estratégia global em dieta, atividade física e saúde**.

WHO57A. 2004. Trad. CGPAN/MS..Brasília, 2004. Disponível em:

http://nutricao.saude.gov.br/documentos/eb_portugues.pdf . Acesso em: 17 abr.2007.

BRASIL. MS. GT. Ministério da Saúde. Grupo Técnico Assessor. Epidemiologia e Serviços de Saúde. **Relatório da Análise da EG/OMS**. 2005. Disponível em:

http://nutricao.saude.gov.br/documentos/doc_eg_final_submetido.pdf. Acesso em 30 abr.2007.

CASCUDO, L.C. 1983 [1963]. **História da alimentação no Brasil**. 2 vols. São Paulo, Itatiaia.

CECONNI, P; FRANSCSCHINI, F; GALETTO, M. The conceptual link between measurements, evaluations, preferences and indicators, according to the representational theory. **European Journal of Operational Research**, v.179. 2007.

174-185p. Disponível em: www.scielo.br/periódicos/doc/*.pdf. Acesso em 30 nov.2007.

CONTENTO, I. R. et al. **Understanding the food choice process of adolescents in the context of family and friends**. University. New York. Department of Health and behavior Studies, Columbia, 2006. Disponível em: www.scielo.br/periódicos/doc/*.pdf. Acesso em 30 mar.2007.

CONTRERAS, J.; ARNÁIZ. M.G. **Alimentación y Cultura**. Perspectivas antropológicas. Estudi General, Ciències Humanes i Socials, 1995.

DESMET, P.M.; SCHIFFERSTEINA, H.N.J. Sources of positive and negative emotions in food experience. **Appetite**. V.50. p.290-301. 2008. University of Technology. Landbergstraat. Holanda.

FONTANELLA, B.J.B.; RICAS, J.; TURATO, E.R. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. **Caderno de Saúde Pública**, v.24. n.1. jan.2008. www.ufba.br/periodicos/.pdf. Acesso em 20 mai.2008.

FREITAS, M.T.A. A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. **Cadernos de Pesquisa**. Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora. n.116. jul.2002. p.21-39.

FURST, T. et al. Food Choice: A Conceptual Model of the Process. Division of Nutritional Sciences, Cornell University, Ithaca, New York. **Appetite**, 1996, v.26, n.3, p.247–266. Disponível em: <http://www.ingentaconnect.com/content/ap/ap/1996?26/?3/art00019>. Acesso em 08 set.2008.

GARCIA, G.C.B.; GAMBARDELLA, A.M.D.; FRUTUOSO, M.F.P. Estado nutricional e consumo alimentar de um centro de juventude da cidade de São Paulo. **Revista de Nutrição**. Campinas. v.16. n1. 2003, p.41-50. Disponível em www.scielo.br. Acesso em 10 out.2008.

GONÇALVES, J. R. S. A fome e o paladar: a antropologia native de Luis da Câmara Cascudo. CPDOC/FGV. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n.33. 2004. Disponível em: www.scielo.br/periodicos/.pdf. Acesso em: 19 ago.2008.

GUINARD, J. Sensory and consumer testing with children. University of California. **Trends in Food Science & Technology**. Vol 11, 2001. Disponível em: www.scielo.br/periodicos/.pdf. Acesso em 12 jan.2007.

JOMORI, M.M.; PROENÇA, R.P.da C. e CALVO, M.C.M. Determinantes de escolha alimentar. Food choice factors. **Revista de Nutrição**. UFSC, v. 21, 2008. disponível em www.scielo.br/periodicos/.pdf. Acesso em 20 set.08.

LAMBERT, J.L. et al. As principais evoluções dos comportamentos alimentares: o caso da França. **Revista de Nutrição**, v.18, 2005. disponível em: www.scielo.br/periodicos/.pdf. Acesso em 23 ago.08.

MIELNICZUK, V. B. de O. **Gosto ou Necessidade?** Os significados da Alimentação Escolar no Município do Rio de Janeiro. Dissertação [Mestrado em Desenvolvimento Agricultura e Sociedade]. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Ago.2005. Área de Concentração em Ciências Sociais

MINAYO, M. C. de S. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 26. ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 2007.

MORAES, M. **Juízo de gosto**. Paper. 2007. Disponível em: www.scielo.br/related:filosofiadaarte.no.sapo.pt/gosto.html. Acesso em 07 jun.2008.

NASCIMENTO, A.B. **Comida: prazeres, gozos e transgressões**. Salvador - BA. EDUFBA, 2006. 290p.

PALANGANA, I. C. **Desenvolvimento e aprendizagem em Piaget e Vygotsky**. A relevância do social. Summus Editorial. São Paulo – SP. 1998. 5ª ed. 166p. Pg 20-25 – disponível em: <http://books.google.com/books>. Acesso em 18 set.2008

SANTOS, L. A. Educação alimentar e nutricional no contexto da promoção de práticas alimentares saudáveis. **Revista de Nutrição**. 2005, v. 18, n. 5, pp. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rn/v18n5/a11v18n5.pdf>. Acesso em: 27 mar.2008.

SOUZA, C.O. **Influência da inatividade física na ocorrência do sobrepeso e da obesidade em escolares**. Dissertação [Mestrado em alimentos, nutrição e saúde]. UFBA. 2008. Não publicado.

VILELA, W.V.; DORETO, D.T. Sobre a experiência sexual dos jovens. **Cad. Saúde Pública**. Rio de Janeiro. v.22. p.2467-2472. nov.2006. Disponível em; www.scielo.br/periodicos/*.pdf. Acesso em 18. abr.2008.

WAGNER, A.; FALCKE, D.; SILVEIRA, L.; MOSMANN, C. A comunicação em famílias com filhos adolescentes. **Psicologia em Estudo**. v.7, n.1, p.75-80, jan-jun.2002. Disponível em: www.scielo.br/periodicos/*.pdf. Acesso em 10 set.2008.

RESULTADOS

3.2 ARTIGO NÚMERO 2

**DINÂMICA DAS PREFERÊNCIAS ALIMENTARES ENTRE ADOLESCENTES:
ESTUDO DE CASO EM SALVADOR, BAHIA.**

RESUMO

Objetivo: Discutir a dinâmica que interfere nas preferências alimentares dos adolescentes, visando compreender de que forma se relacionam e são negociados valores durante o processo de tomada de decisão que resulta em práticas alimentares e assim contribuir para o aperfeiçoamento de programas de educação alimentar e nutricional para este grupo.

Métodos: Por adesão voluntária, um grupo de 38 adolescentes, com idades entre 12 e 16 anos, foi pesquisado pela abordagem da metodologia qualitativa, utilizando-se visita exploratória, narrativa escrita e entrevista em profundidade como procedimentos metodológicos. A análise dos materiais foi realizada pela técnica da análise do conteúdo, através da análise temática e análise interpretativa dos enunciados.

Resultados: As preferências alimentares entre adolescentes têm uma dinâmica própria, são moduladas em termos de espaço, de momento, de idade e da companhia em que se dá o ato alimentar. Diante desse movimento, muitas vezes, as preferências alimentares identificadas como “originais” mantêm-se de forma “latente”, enquanto outras necessidades emocionais, sociais, morais e de estilo, expressas em variados atributos de valores, são atendidas, gerando adaptações circunstanciais. Revelou-se assim que as modificações para atendimento dessas necessidades não significam alterações da preferência, mas sim, e apenas, da prática alimentar na circunstância. A casa, a escola, a rua, o shopping, a praia, são espaços sociais que interferem nas preferências. Cada um deles propicia atributos de valores específicos, definindo práticas alimentares situacionais. Assim como o espaço social, o momento e a companhia apresentam-se como critérios para negociação de valores. A idade é percebida pelo grupo como elemento que caracteriza o tipo de preferência alimentar e traduz suas atitudes quanto à prática alimentar. O grupo demonstrou ser consciente de suas atitudes quanto às conseqüências futuras. Respeito ao aprendizado doméstico recebido pelos pais, saúde e nutrição, convívio social e conveniência são atributos que se relacionam, muitas vezes de forma conflitante, durante a negociação de valores para definir as práticas alimentares.

Conclusões: As práticas alimentares dos adolescentes estão inseridas num complexo sistema individual de preferências, no qual um elenco de atributos é valorado de forma dinâmica e estrategicamente negociada para mobilizar as escolhas. Embora a escolha alimentar seja feita prioritariamente considerando a preferência do gosto do alimento, cada situação do ato alimentar reflete critérios de valores, baseados em necessidades específicas do momento. Dessa forma, as preferências de origem são adaptadas ou modificadas para atender a outras necessidades circunstanciais. Conclui-se que a compreensão desse processo merece atenção no desenvolvimento de programas de ensino de saúde e nutrição para adolescentes, assim como em programas específicos para a promoção da alimentação saudável no grupo, de forma a contribuir com os adolescentes para tomada de decisão menos conflituosa, possibilitando escolhas conscientes, tornando o ato alimentar mais prazeroso e saudável possível.

Palavras-chave: Preferências alimentares; escolha alimentar; nutrição do adolescente; práticas alimentares.

ABSTRACT

DYNAMICS OF FOOD PREFERENCES AMONG ADOLESCENT: CASE STUDY IN SALVADOR, BAHIA.

Purpose

Discuss the dynamics that affect the food preferences of adolescents, seeking to understand how they are related and are traded value during the decision-making process that results in eating habits and thus contribute to the development of programs for food and nutrition education for this group.

Methods

By voluntary membership, a group of 38 teenagers, aged between 12 and 16 years, were investigated by the approach of the qualitative methodology, using exploratory visit, narrative writing and in-depth interview and methodological procedures. The analysis of the materials was done by the technique of analyzing the content, through the analysis of interpretative listed.

Results

The food preferences among adolescents have a momentum of its own, are adjusted in terms of space, at present, old and the company where the act gives food. In this movement, often, the food preferences identified as "originals" still remain in a "latent", while other emotional needs, social, moral and style, expressed in various attributes of values, are met, generating adaptations circumstantial. It is thus that the changes to service these needs do not mean change of preference, but, and only, the fact of feeding practices. The house, school, the street, the mall, the beach, they are social spaces that interfere in the preferences. Each provides specific values of attributes, defining food situational practice. As the social space, time and the company appear as criteria for trading of securities. The age group is perceived as an element that characterizes the type of food preference and reflects their attitudes about the feeding practices. The group proved to be aware of their attitudes about the future consequences. Respect learning home received by parents, health and nutrition, social and convenience are attributes that are related, often conflicting, during the negotiation of values to determine the feeding practices.

Conclusions

The eating habits of adolescents are embedded in a complex system of individual preferences, in which a list of attributes and values of a dynamic and strategically negotiated to mobilize the choices. Although the choice is made primarily food considering the preference of the taste of the food, each act of the food situation reflects criteria of values, based on specific needs of the moment. Thus, the preferences of origin are adapted or modified to meet other needs circumstantial. It concludes that the understanding of this process deserves attention in the development of health and nutrition education for adolescents, as well as specific programs to promote healthy eating in the group to contribute to the adolescents in making decisions less confrontational, enabling conscious choices, making the act more pleasurable and healthy food possible.

Key-words:

Food preferences, food choice, adolescent nutrition; food practices.

INTRODUÇÃO

Este artigo é parte do estudo intitulado “Preferências alimentares entre adolescentes: estudo de caso em Salvador, Bahia” e tem por objetivo discutir a dinâmica que envolve as preferências alimentares no grupo, visando compreender de que forma diferentes experiências e valores interagem e são negociados durante o processo de decisão que resulta nas práticas alimentares dos sujeitos.

No Brasil, os indicadores epidemiológicos têm indicado que os problemas decorrentes da transição nutricional já atingem crianças, adolescentes e adultos, com redução na ocorrência de desnutrição e aumento da prevalência do sobrepeso e da obesidade, além de aumento do risco para Doenças Crônicas Não Transmissíveis - DCNT. Entre os adolescentes, dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE - registram prevalência de sobrepeso em 18% e de obesidade em 2,3%. É reconhecido que esta situação pode ser explicada por dieta e atividade física inadequadas, entre outros fatores ligados ao estilo de vida (Stamler apud BRASIL, MS, Grupo Técnico Assessor, 2005).

Os adolescentes conformam um grupo sensível a estes problemas, os quais projetam um adulto pouco saudável. Vários estudos têm demonstrado que os adolescentes tendem a substituir a alimentação mais habitual por aquela que integra os cardápios das redes mundiais de *fast-food*, resultando no maior consumo de calorias, gorduras, sódio, com restrição de fibras e de micronutrientes essenciais à saúde (GARCIA, GAMBARDELLA, FRUTUSO, 2003; KAZAPI, 2001; SERRA, 2001). Associa-se a isto um estilo de vida mais sedentário e tem-se o aumento do risco para as DCNT (SOUZA, 2008).

Por outro lado a adolescência é considerada uma etapa complexa da vida, complexidade que já está agregada outra terminologia – a juventude. Para Vilella (2006) a adolescência e a juventude se distinguem por recorte etário, sendo

considerados adolescentes as pessoas entre 10 a 20 anos e jovens, entre 15 e 24 anos. Ressalta, ainda, que os significados relacionados ao adolescente têm em geral um caráter negativo – irresponsabilidade, dificuldades emocionais e impulsividade, enquanto que a idéia de jovem tem significado relativo à positividade – criatividade e responsabilidade.

Assim, para estudar os indivíduos desta faixa etária é necessário entender que ao admitir o adolescente como rebelde, intransigente, impulsivo e sem regras, faz-se necessário congrega a indagação: que percepção o próprio adolescente faz de si? O propósito da indagação, neste caso, é compreender suas atitudes, pois no grupo o adolescente, supostamente se defina como alegre, divertido, independente e assim formule o que caracteriza o “ser jovem”.

Angelina Bulcão (NASCIMENTO, 2006) traça um breve histórico das mudanças do estilo de vida dos jovens a partir da segunda metade do século XX, destacando que a mudança decorre dos novos prazeres e hábitos alimentares, principalmente pela influência americana. Assim, observa-se que nas últimas décadas do século XX, mudanças decorrentes de novos prazeres nos hábitos e costumes marcam um estilo de vida denominado por alguns estudiosos do comportamento como uma marca mundial do “ser jovem!” (NASCIMENTO, 2006).

No entanto, no campo da promoção da saúde importa promover alimentação saudável para todos, e os prazeres que foram incorporados no último século são agora vilões para a saúde. Os guias alimentares traduzem, para toda a população, um conjunto de recomendações voltadas à adoção de um padrão alimentar saudável. Desta forma, existe uma tensão entre o padrão alimentar que foi socialmente construído e aquele que atualmente se preconiza como saudável. Esta tensão parece ser ainda maior entre os adolescentes pelos valores que adotam no processo de suas escolhas alimentares.

Em artigo sobre os fatores de formação das preferências alimentares entre adolescentes, da mesma autora, registrou-se que comer “besteiras”, é percebido entre os adolescentes pesquisados como consumir um tipo de alimento sem preocupação com valores ligados à saúde e conforma uma escolha consciente, que traduz liberdade e resulta em prazer (ANDRADE, 2009). Assim, pode-se questionar sobre as preferências alimentares dos adolescentes, sobre que valores estão presentes em suas escolhas, entendendo-se que este conhecimento pode colaborar para que novos conteúdos e estratégias sejam adotados nos programas de Educação Alimentar e Nutricional – EAN - voltados a este segmento.

O material analisado neste artigo resultou de pesquisa qualitativa realizada com 36 adolescentes de 12 a 16 anos de uma escola municipal de Salvador, Bahia, contemplando visita exploratória, narrativa escrita e entrevistas em profundidade. A análise temática explorou os depoimentos dos adolescentes em torno de suas preferências alimentares, deixando evidente que existe uma dinâmica complexa em torno do preferir e consumir.

METODOLOGIA

ABORDAGEM TEÓRICA: SOBRE PREFERÊNCIAS E PRÁTICAS ALIMENTARES.

Na análise dos enunciados dos adolescentes pesquisados, verificou-se a necessidade de trazer da literatura definições sobre preferências alimentares, buscando evidências da dinâmica que envolve as preferências alimentares no processo das práticas alimentares.

Esse processo aproxima-se do entendimento de Wright que relaciona a preferência ao momento ou ocasião e sua individualidade ao sujeito. Assim, compartilha-se com Wright no sentido de comprovar a relação das preferências frente às condições externas ao sujeito e sua valoração na tomada de decisão das escolhas alimentares (WRIGHT apud CECCONI, 2007).

Relacionado aos critérios que ditam no processo de escolha dos alimentos, fez-se interlocução com a assertiva de Contreras, de que não é possível estudar o comportamento alimentar sem se ater às definições: “a *preferência* dita os critérios de escolha entre um ou mais alimentos; o *uso* revela o que comemos e a quantidade de cada alimento; e o *gosto* indica quais os alimentos que mais agradam ao paladar de um grupo ou pessoa” (CONTRERAS e ARNÁIZ, 1995).

Portanto, as preferências alimentares, baseadas nos enunciados deste estudo e compartilhadas aos conceitos de Contreras e Wright, são: (1) distintas entre os indivíduos; “Cada pessoa tem sua preferência (...) É individual!”²⁰, (2) compartilham dimensões internas, através dos “fatores formadores” - hereditários, culturais, sentidos do gosto, do desejo, do prazer, da saúde e das emoções e (3) dimensões externas,

²⁰Definição da adolescente T.S., 12 anos, 7º ano, EP, que compartilha à encontrada na literatura no estudo de Wright (2002).

através dos “fatores de adaptação” – influências da família, dos pares, da rede de comunicação e das condicionalidades da conveniência, da estética corporal, do status social e do lugar. Dessa forma, assume-se que preferência é o ato através do qual, na presença de dois ou mais alimentos, o adolescente faz a escolha por um em detrimento aos demais, com atitude que leva em consideração critérios de valoração dos atributos que integram os fatores “formadores” e “de adaptação” e, de forma dinâmica, baliza as práticas alimentares.

Para os interesses deste estudo tornou-se necessário definir o termo “prática alimentar”, entendendo que esta resulta de um processo complexo que parte das preferências alimentares e que pode ser modulada por diversos outros fatores. Destaca-se que em revisão realizada em artigos sobre práticas alimentares, na base do Scielo²¹, observou-se a ausência de definição objetiva do termo. Assim, assume-se após uma interlocução com a definição de hábito alimentar, que o termo “prática alimentar” significa, para efeito deste estudo, a maneira habitual que os adolescentes procedem o ato alimentar.

Na perspectiva acima existe uma proximidade do termo prática alimentar à atitude do adolescente relacionada ao *uso* e aos fatores que envolvem a tomada de decisão para o uso. Congrega esse entendimento a afirmação de Serra (2001) de que os motivos pelos quais os indivíduos experimentam inúmeras práticas sem, contudo, assumirem um "Plano Alimentar" que promova a sua saúde, podem ser mais bem compreendidos à luz das dimensões socioculturais e psicológicas que envolvem a formação dos hábitos alimentares.

Contribuições de Desmet e Schiffersteina (2008), no sentido de discutir as emoções como atributo de valores, foram agregadas a este trabalho, baseada no estudo que demonstrou as emoções sentidas nas interações com produtos alimentares de um grupo de 42 participantes. Foram utilizados os resultados deste estudo como

²¹ Refere-se à consulta realizada em 19.01.2009 das 15h10min às 16h55min, no sítio <http://www.scielo.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/> utilizando a palavra de busca “prática alimentar” e “práticas alimentares”.

forma de comparar e debater como os atributos, apontados pelos adolescentes pesquisados, são negociados.

Na análise dos enunciados identificou-se que o gosto faz conexão de forma transversal com todos os fatores motivacionais que balizam as práticas alimentares, por essa razão exigiu discutir com Moraes (2007) ao considerar o gosto como um juízo de valor, resultante daquilo que se sente e que não está integralmente motivado pela explicação lógica. Considera, ainda, que o gosto – *gustus* – está relacionado ao sentido de julgar as qualidades de beleza, na capacidade de discernir o belo do feio; aprender pelo sentimento as regras dessa dicotomia.

Recorreu-se também a Bourdieu quando cita Kant com a especificidade do julgamento estético, o qual se empenha em estabelecer a distinção entre “o que agrada” e “o que dá prazer” e, de um modo geral, em discernir “o desinteresse” em relação “ao interesse”. Interesse dos sentidos, que define “o agradável” e o interesse da razão que define “o bom”. (BOURDIEU, 2007, p.43-1).

Assume-se neste estudo a conexão preferir-gostar com os entendimentos de Bourdieu e Moraes, que de forma bem próxima compartilham à percepção dos adolescentes pesquisados. Para esse grupo, emergiu com significância que preferência alimentar é preferir o alimento que se gosta de comer e que proporciona prazer.

Os conceitos de outros autores são discutidos nos resultados deste trabalho como forma de fundamentar o debate de que as preferências têm dinâmica própria no processo de escolha e têm o gosto como um elemento transversal na decisão das escolhas.

PROCEDIMENTOS DE PESQUISA

Esta pesquisa foi realizada com adolescentes de 12 a 16 anos, no período de maio a julho de 2008, na Escola Municipal Amélia Rodrigues, no bairro do Tororó, Salvador, Bahia. O estudo adotou metodologia qualitativa com abordagem exploratória. A faixa etária de 12 a 16 anos foi escolhida porque é nesse período que ocorre uma escala evolutiva de comportamento característico de independência e, portanto, para o objeto deste estudo, foi significativo visto trazer a própria percepção de cada adolescente pesquisado.

Para ter acesso aos adolescentes definiu-se que o trabalho de campo seria realizado em uma escola de ensino Fundamental²², a qual tivesse facilidade logística e disponibilidade voluntária dos dirigentes para a realização da pesquisa. A seleção da escola foi realizada de forma aleatória, mas considerando condições de acesso e sensibilidade do gestor para o tema.

O estudo contemplou quatro etapas: visita exploratória, sensibilização, narrativa escrita e entrevista em profundidade.

A primeira etapa – visita exploratória - focalizou a atitude dos adolescentes, especialmente quanto às preferências alimentares no momento das escolhas. Durante essa etapa, fez-se uma primeira identificação do que norteia as escolhas alimentares. O recreio, a cantina, a rua, o convívio entre os pares foram observados como moduladores das preferências e que, portanto, as preferências não são estáticas e tem relatividade à circunstância, ao momento, à companhia.

²² Neste período de ensino, a faixa etária predominante é de 10 a 16 anos.

A etapa seguinte – sensibilização - realizou-se em cada sala de aula, do 7º ao 9º ano²³, com a explanação sobre a pesquisa aos adolescentes e entrega do Termo de Consentimento. Esclareceu-se que apenas os adolescentes que apresentassem o Termo preenchido e assinado, poderiam compor a população de pesquisados.

Na terceira etapa – narrativa escrita -, os adolescentes que aderiram foram reunidos em uma sala para a realização da atividade, tendo com tema gerador. “Minhas preferências alimentares e suas origem”. Participaram desta etapa 23 adolescentes do sexo feminino e 13 do sexo masculino, resultando em 36 narrativas escritas. Duas adolescentes, fora da faixa etária²⁴ foram inclusas, tendo em vista a empolgação demonstrada em participar.

Para análise dos dados utilizou-se a técnica de análise do conteúdo, através da análise temática e análise interpretativa de enunciação com procedimentos de categorização, inferência, descrição e interpretação. (MINAYO, 2007).

Na quarta etapa – entrevista em profundidade - os adolescentes foram entrevistados por ordem aleatória, dentre os que participaram da primeira etapa. Adotou-se o critério de abordar um grupo etário distinto a cada dia, para melhor homogeneidade da coleta quanto à faixa etária. O critério de repetição de falas, na literatura denominado de “Método de Saturação”, (FONTANELLA, 2008), ocorreu a partir da 16ª entrevista, e assim considerou-se a etapa concluída com 18 (dezoito) entrevistas gravadas, totalizando 8 horas e 20 minutos de falas, com média de 25 minutos por pessoa.

Aproximando-se às conceituações de Minayo para pesquisa social e com a intenção de atender aos procedimentos de análise, foram utilizados os seguintes critérios: (a) exaustividade: contemplou todos os aspectos levantados em todo material

²³ Por observação do Vice-Diretor os estudantes do 6º ano têm ainda um estreito vínculo com seus pais e, assim entendendo, a coleta de dados dar-se-ia melhor com estudantes do 7º ao 9º ano; têm mais independência e a faixa etária aproximava-se melhor do objeto – 12 a 16 anos.

²⁴ Uma adolescente com 11 anos e 10 meses e outra com 11 anos e 11 meses.

com pertinência; (b) representatividade: adotou o critério de “saturação”; (c) adequação: adaptada ao conteúdo e ao objetivo a que se queria chegar (MINAYO, 2007).

Para inferência, fase entre a descrição dos enunciados e a interpretação (MINAYO, 2007), nas entrevistas foram introduzidas perguntas como: “Você disse na narrativa que... Fale mais sobre isso” ou “Esclareça isso”, “É isso que você quis dizer?” no sentido de conferir credibilidade dos dados para interpretação e assim definir o que, como e de que forma a fala foi pronunciada e qual seu efeito na investigação.

RESULTADOS

A RELATIVIDADE DAS PREFERÊNCIAS

As preferências alimentares entre adolescentes têm uma dinâmica própria, são moduladas em termos de espaço, de momento, de idade e da companhia em que se dá o ato alimentar. As preferências têm dinâmica com o espaço, o momento, a idade e a companhia e, neste movimento, as preferências ditas originais, muitas vezes mantêm-se de forma “latente” enquanto outras necessidades emocionais, sociais, morais e de estilo, expressas em variados atributos de valores, são atendidas, gerando adaptações circunstanciais.

Revelou-se assim que as modificações para atendimento dessas necessidades não significam alterações da preferência, mas sim e, apenas, da prática alimentar na circunstância.

A casa, a escola, a rua, o shopping, a praia, são espaços sociais que, segundo os enunciados dos adolescentes participantes do estudo, modulam preferências alimentares. Cada espaço propicia preferências específicas, com atributos de valores específicos. Nesse contexto retoma-se aqui a definição de preferência de Wright: *“Uma preferência (...) é relativa não apenas ao sujeito, mas também a certo momento ou ocasião ou situação na vida dos sujeitos”*. (WRIGHT apud CECCONI, 2006).

A partir do trabalho de campo a definição acima foi evidenciada em diversas falas, levando à constatação de um movimento do preferir. A adolescente, autora da narrativa a seguir, atribui que suas preferências variam conforme à ambiência:

“(...) Quando vou ao Shopping costumo tomar sorvete; já em casa como comida normal, saudável, às vezes como salsicha. Quando

saio para festas como muita coisa. Quando estava indo para a escola comi um brigadeiro delicioso, espetacular”.

V.S., F, 12 anos, 7º ano, NE15.

Na análise interpretativa da fala seguinte, outros valores são apresentados, associando sentimentos de atendimento ao paladar, de responsabilidade com a saúde, de “deslizes” com as regras, de liberdade, de deleite. Outra constatação nesta mesma fala refere-se à necessidade de comer “coisa diferente”, representada como uma forma de comer diferente do habitual, diferente da alimentação de casa. O adolescente enuncia que ao sair, passa a usufruir deste prazer comendo o que define como de seu gosto.

“É por que é... a gente passa a semana... o dia... o ano todo praticamente comendo essas mesmas coisas: feijão, arroz e tal. O tempo todo, aí quando eu saio eu gosto sempre de comer uma coisa diferente, um hambúrguer e tal, porque eu gosto, né?”

H.M., M, 14 anos, 9º ano – EP09.

Na seqüência serão destacados os aspectos comprovados pelo próprio grupo pesquisado, como evidências da complexidade do fenômeno da formação das preferências e que conformam um sistema alimentar muito pessoal e, ao mesmo tempo, social, visto haver influências externas ao sujeito. Assim, entende-se que as preferências são individuais quanto à formação e valoração de seus atributos para tomada de decisões das práticas alimentares. No entanto, por estabelecerem congruência a outras necessidades externas ao sujeito, podem ser consideradas, concomitantemente individuais e sociais.

O GOSTO E A NECESSIDADE: FATORES CONFLITANTES

A análise dos valores negociáveis para a escolha adquire um sentido conflitante quando o adolescente fica diante da dinâmica de suas preferências e o contexto da

prática alimentar – ambiente, companhia, momento. O sujeito questiona: “prefiro o que gosto?” ou “prefiro o que necessito?”; como se o prazer e o necessário fossem sentimentos excludentes.

Nesta perspectiva, para os adolescentes pesquisados, o fato de decidir uma escolha significa estar diante de um conflito entre escolher o bem e o mau ou o bom e o mal. Na literatura o estudo de Rosa Garcia (GARCIA, 2003) discute esse contexto sinalizando como resultante de uma abordagem educativa do “certo” e do “errado”.

Nas falas a seguir observa-se que essas situações decisórias mobilizam escolhas divergentes das preferências e criam, conforme análise interpretativa, um desgaste psíquico com outras variáveis de desenvolvimento comportamental como: (a) a formação educativa prescrita pelos pais, no âmbito doméstico e (b) a necessidade do novo laço social com seus pares. Assim, o adolescente posiciona-se de um lado consciente da necessidade de práticas que promovam a saúde, a longevidade, qualidade de vida e do outro lado provocado por “tentações”²⁵ de um consumo próprio do modo de ser jovem: livre, sem regras!.

“Bom... porque a gente tá na fase de experimentar, de aprender as coisas. Numa fase de curiosidades, então a gente tenta... Às vezes a gente sabe que isso não faz bem, mas por você tá ali com os amigos curtindo, você experimentar uma coisa, uma besteira, né? Uma comida que sua mãe sempre fala: ‘Não coma isso! Não vai fazer bem para sua saúde’, mas a sensação de você estar ali com seus amigos e todo mundo comendo e você não comer, você fica meio constrangido. Ai você vai... Quer comer? Come mesmo! E depois, às vezes, vem até aquela sensação de culpa: ‘Pô! Minha mãe falou comigo que não era prá eu comer e eu comi aquilo... É assim!’”

“Um exemplo: a pessoa, com os amigos, pegam uma pizza pra comer. Você sabe que aquilo vai te fazer mal; até mesmo por você

²⁵ Tentações: termo enunciado nas fala e interpretado como desejo quase incontrolável em situações de persuasão.

saber que aquilo não vai te fazer bem depois. E outra coisa, a gente fica meio constrangido. Né nem por causa de dinheiro nem nada, entendeu? É por causa dos amigos mesmos! Que tão ali, todo mundo enturmado, comendo... Às vezes dizendo: essa pizza tá gostosa, num sei o que...! E você tá fora do papo, que não tá comendo a pizza, aí fica meio chato. Penso assim”.

I.N., F, 14 anos, 9º ano – EP03

Na análise dos enunciados, verifica-se que as “tentações” demandam consumo alimentar; o consumo alimentar demanda conflito de escolha que, por sua vez demanda ansiedade. Forma-se então um ciclo de sentimentos que orientam comportamentos. O reconhecimento deste processo permite compreender práticas alimentares que se tornam compulsivas, caracterizando, por exemplo, transtornos alimentares como bulimia e anorexia (GARCIA, 2003; VILELA, 2004).

No enunciado a seguir verifica-se um exemplo de poder de persuasão visual utilizado no comércio de alimentos como forma de influenciar um desejo momentâneo de consumo, divergente da preferência. Nesse sentido constata-se que a preferência individual é circunstancialmente alterada por influência do poder do *Merchandising*²⁶. Esse poder denominado de persuasão publicitária visual, demanda o consumo indiscriminado de alimentos, principalmente entre crianças e adolescentes, apontada pelo adolescente como “tentação”.

Adolescente: “[...] Na lanchonete quando você passa, tem aquele hambúrguer e tudo... Você vê ketchup e maionese, aí... acaba sendo uma tentação”.

Pesquisador: Você acha que isso é tentação?

Adolescente: É! Eles fazem mesmo pra chamar a atenção mesmo da pessoa; aí você já fica com aquele gostinho, já dá fome...

Pesquisador: Eles quem?

²⁶ Merchandising: ferramenta usada a partir da necessidade de vender o produto por si só quando não existe o elemento do vendedor

Adolescente: No caso, quem tá na lanchonete. Faz mesmo pra gente que tá de fora... Isso só pra chamar a atenção da gente...

Despertar o desejo!

Pesquisador: E isso é verdadeiro?

Adolescente: Eles conseguem fazer isso [risos, denotando concordância]

Pesquisador: Você acha que há também interferências de amizades?

Adolescente: É porque alguns é que nem você; gosta do corpo e quer manter. E outros, não! Outros são exagerados! Chega assim em uma lanchonete e pega três lanches. Ai vai, bota mais suco, refrigerante aquilo tudo... É nesse tempo você fica querendo ir junto com eles, mas você tendo aquilo na cabeça ai “cê” vai segurando mais... Vai mantendo...

R.S., M, 16 anos, 9º ano - EP02.

Verifica-se que o conflito existente no processo de escolha alimentar se instala a partir do momento que o adolescente se depara com necessidades motivadas pelo “comer diferente ao da minha casa”, pelo convívio social, pelo poder do *merchandising*, e por necessidade de apreciar uma estética corporal dentro do padrão exigido como ideal. Nesse conflito, mesmo consciente de conseqüências indesejáveis, o adolescente opta, em geral, pela escolha que lhe atende no requisito de manter-se junto aos seus pares. Dessa forma, a preferência inata ou de origem, normalmente, não sofre alteração, mas apenas adaptação.

Ainda relativo aos conflitos, um aspecto enunciado merece destaque: a necessidade de o adolescente realizar suas escolhas alimentares com foco em atender ao padrão definido pelo senso comum como “corpo perfeito”, esteticamente bonito e, no vocabular do grupo, “sarado!”²⁷. Nessa direção, o estudo identificou “o medo de ser gordo” como principal preocupação dos adolescentes. No entanto, os enunciados levam ao entendimento de que a repulsa em ser gordo também tem foco na estética e não nos riscos de doenças.

²⁷ Sarado: termo utilizado pelos adolescentes para definir um corpo em forma atlética, músculos delineados, peso ideal, belo.

“Não gosto de gente cheia! Procuo comer assim por causa da minha barriga. Porque se eu ficar gordo... Eu não me imagino gordo... Se eu ficar gordo eu sou capaz de morrer”.

[...] Ai minha irmã fica falando assim: “Você parece que é anorético”. [...] “Ô Raí você faz assim: me dá sua barriga e toma a minha!”. Eu digo: “Deus é mais!”. Porque ela é cheia de barriga, cheia de estrias na barriga, cheia de pneu e ela quer que eu fique com aquele corpo e eu passe o meu corpo para ela. Eu digo: “Não, Raiana, não!”

R.S., M, 13 anos, 8º ano – EP13.

“Tudo bem que é gosto, mas... Depois você vai sofrer as conseqüências que é obesidade... Isso tudo. E... Eu sempre me preocupei com o corpo”.

R.S., M, 16 anos, 9º ano – NE 02.

“Eu acho que se eu continuar com minha alimentação do jeito que eu estou, quem sabe eu não vou me tornar uma idosa obesa? Ai eu me preocupo cada dia mais”.

D.R., F, 12 anos, 7º ano – EP10.

São várias coisas que eu imagino. [...] Eu muito gorda. É muito “chato” a pessoa ser muito gorda... Não comer coisas saudáveis. Porque fica chato você chegar num lugar... O povo tem uma coisa assim... Um olhar, uma coisa discreta. Muita gente, quando chega uma pessoa gorda, fica falando. No ônibus acontece bem essas coisas. Eu parei de comer; porque eu estava engordando. Eu me preocupo com meu futuro. Porque daqui a pouco ninguém me quer, porque eu tô gorda! [faz gesto de reprovação]

L.N., 16 anos, 9º ano – EP06.

As verificações feitas neste estudo reforçam a significância das preferências dada por determinadas categorias de alimentos que, segundo pressupostos pelos próprios adolescentes, são benéficos para um corpo perfeito. A categorização dos alimentos é feita conforme os resultados estéticos pretendidos, os quais, nesta pesquisa, foram enunciados com distinção entre os gêneros masculino e feminino.

Assim, os adolescentes do sexo masculino focam suas pretensões aos aspectos de um corpo viril, másculo, e por essa razão preferem alimentos que contenham carboidratos e proteínas. Na fala a seguir, mesmo com pouca propriedade, o adolescente narra suas preferências com foco num corpo com músculos desenvolvidos:

“Eu gosto de comer tudo que contribua para o crescimento de músculos, porque me preocupo muito com meu corpo. [...] Para isso gosto de comer muitos carboidratos. Adoro macarrão e arroz”.

R.S., M, 16 anos, 9º ano – NE02.

Quanto aos enunciados pelas adolescentes, o estudo identificou que o gênero feminino evidencia como pretensões: manterem-se magras, sem estrias, cabelos bem tratados e pele bonita e para isso, selecionam suas escolhas de acordo aos nutrientes que proporcionam esses benefícios pretendidos, reduzindo, muitas vezes, o consumo de alimentos de sua apreciação e preferência.

“No Mc. Donald’s gosto de comer hambúrguer com refrigerante. Um ‘copão’ imenso! Mas agora estou moderando por causa das estrias. [...] Todos os dias recebo no meu email dicas de um site, dicas para pele, cabelo, corpo, etc. Com isso recebi um estímulo para fazer exercícios e viver com saúde”.

L.L., F, 13 anos, 8º ano – NE27.

Nesse contexto, os adolescentes de ambos os gêneros, fazem um confronto com a real necessidade de exigências do seu grupo social e suas preferências alimentares de origem sofrem modificações situacionais. A tríade saúde-corpo-comida é uma necessidade que exige do adolescente discernimento estratégico como forma de assegurar sua marca de “corpo perfeito”, através de suas práticas alimentares. É nesse cenário que se pode situar a alimentação do adolescente que pretende manter-se integrado às exigências sociais do seu grupo.

O ESPAÇO SOCIAL DEFININDO AS PREFERÊNCIAS

No quadro 1 estão sistematizados alguns elementos da dinâmica das preferências relativos aos espaços sociais, apresentados com os respectivos atributos de valores e sensações apontados pelos adolescentes na pesquisa de campo:

Quadro 01: Os espaços sociais e suas relações com as preferências alimentares. Um estudo de caso em Salvador, BA. 2008.

ESPAÇO SOCIAL	ENUNCIADO	ATRIBUT O DE VALOR	SENSAÇÕES
Casa	<p>Em casa gosto mais de comer feijão com arroz ou com farinha e suco de fruta – laranja, limão, mamão... V.S., F, 14 A, 8º ano, NE28</p> <p>Na minha casa como coisas tipos: salada de verduras, salada de alface, arroz branco, frango grelhado, feijão... L.N., F, 16anos, 9º ano. NE06.</p> <p>Às vezes eu tenho que comer feijão, porque minha mãe fala assim. Porque não é sempre que eu como feijão. Ai minha mãe fala assim: “Coma feijão, pelo menos uma vez por semana... uma vez no mês, mas você tem que comer por causa da sua anemia”. Porque eu já tive anemia e o médico disse que é pra eu sempre ta comendo feijão porque minha anemia foi profunda T.S., F, 12anos. 7ºano. EP18</p>	Saudável, normal, tradicional.	Segurança, zelo materno, respeito, cumprimento da prescrição educativa dos pais.
Escola	<p>A merenda da escola é bem saudável, mas só que... Tem uma lanchonete ao lado, né? Ai, fica mais fácil da gente comer essas besteiras... Tem um moço que vende sorvete... Fica mais fácil da gente comer. Mas com a merenda da escola é bem difícil... a ter esse tipo de besteira. S.B., M, 15ANS, 9ºANO – EP04</p> <p>Veja bem... Aqui na escola são vários alimentos diversificados. A gente aprende o que faz bem, o que não faz. E, às vezes, o que não faz bem tem o seu lado bom... Mas eu acho que preferência alimentar é isso mesmo: o que a gente gosta de comer. C.S., F, 14 anos, 9º ano, EP07</p>	Educação	Obediência às regras educativas da escola (local onde tudo é correto)
Rua	<p>Besteira, no caso, é o que a gente come assim... de uma hora pra outra. Na rua. Um sanduíche, um hambúrguer, muita gordura. Normalmente quando a gente tá com pressa, né? Na rua assim... Não tem onde comer, ai a gente para em qualquer lanchonete e come! R.S. 16anos, 9ºano. EP02</p>	“Besteiras” Pressa	Liberdade
Shopping	<p>... Você sai com uns amigos para ir num shopping tomar um sorvete, comer uma pipoca, alguma coisa parecida e você se senti livre em ta com os amigos comendo o que você gosta. Sem ta a mãe do lado para falar não coma isso, porque isso não sei o que... e você se sentindo uma certa liberdade em ta comendo o que você gosta. Sem ter ninguém para reclamar. I.N. 14A, 9º ano. EP03.</p>	Laço social	Enturmar; Estar presente ao modismo; Fazer-se presente no ambiente; Firmar identidade com o grupo.
Praia	<p>Na praia, um picolé, caranguejo, queijo... A.S., 14A, 9º ano, NE01.</p> <p>Quando to na praia como todos os tipos de besteiras. S.B., 15A, 9º ano. NE04.</p>	Poder garantido sem regras	Liberdade, mesmo diante dos pais; Relaxamento às regras cotidianas.

Fonte: Pesquisa de campo

Assim como o espaço social representa um elemento-chave da dinâmica que formula a preferência alimentar, o momento, as emoções, a companhia e a idade são igualmente constituintes dessa dinâmica, cada qual com seu elenco de necessidades as quais formulam a seleção das preferências. Um outro fator que emergiu nos enunciados foi a cronologia relacionando alimento-horário, que por se assemelhar ao momentâneo foi justaposta nesse fator.

Verifica-se a conexão "casa-tradicional-normal-saudável-limpo-gostoso-faz bem!" que representa, na concepção dos adolescentes, alimentação correta. A conexão provoca sentimento de segurança, de respeito à educação recebida em casa, de garantia de segurança higiênica do que é preparada pela mãe, visto que para eles, a mãe representa a pessoa que cuida do seu filho e como tal não oferece riscos de lhe causar danos ou risco e por isso a comida de casa faz bem.

Importa também destacar que entre os adolescentes pesquisados a relação entre comer na escola e aprender sobre o que faz bem se apresentou, indicando que, apesar das transformações que vêm ocorrendo na ambiência escolar, este permanece sendo um espaço com credibilidade no provimento de orientações sobre estilo de vida e saúde. Por outro lado, ressalta-se que a noção de liberdade, tão valorizada entre os mais jovens em sua passagem para a vida adulta, não encontra eco na casa e na escola, sendo um atributo relacionado à rua.

AS NECESSIDADES DEFININDO AS PREFERÊNCIAS

No quadro 02 resumem-se os fatores apontados pelos adolescentes como de influência na formação das preferências e o respectivo elenco de necessidades associados.

QUADRO 02 – As influências e necessidades relacionadas às preferências entre adolescentes. Estudo de caso em Salvador, BA. 2008.

ENUNCIADO (EP) / (NE) ²⁸	FATORES DE INFLUÊNCIA	ELENCO DE NECESSIDADE
<p>“Trazer para Escola uma banana seria uma perturbação comigo, assim trouxe o biscoito”. H.P., 15anos, 9º ano. NE08</p> <p>“Os meninos todos os dias compram R\$1,60 de balas só para aparecer. Só para dizer que tão podendo...” L.N., 16anos, 9ºANO – EP06</p>	<p>Espaço social – Onde estou? Poder econômico</p>	<p>De ser notado; De estar no convívio social; De estar no mesmo ambiente de seus pares.</p>
<p>“De manhã gosto de ..., de tarde gosto de .. de noite prefiro...” H.P. 15A, 9º ano. NE08</p> <p>“Quando estou assim, como desesperadamente” I.N., 14anos, 9ºANO – NE03</p> <p>“De tarde merendo com salgadinho”. H.P. 15anos, 9º ano. NE08</p>	<p>Momento Cronologia</p>	<p>De atender às expectativas temporais</p>
<p>“Adoro ovo! Também amo leite!” S.B., 15A, 9º ano. EP04</p> <p>“Eu amo morangos!” H.P.15anos, 9ºANO.NE08.</p> <p>“Odeio mamão!” H.O., 15anos, 9ºANO – EP08</p> <p>“Tudo de chocolate me dar água na boca!” T.S., 12anos, 7º ano – EP16</p> <p>“Não suporto chuchu, tem gosto de xixi!” I.N.14ANOS, 9ºANO – EP03</p> <p>“Odeio que me force a comer!” “Ah... um brigadeiro é sensacional!” Quando a pessoa ‘menstrua’, por exemplo, fica com essa vontade de comer... Fica com desejo... Esses negócios... Que nem sempre é bom, mas quer comer. Porque?... Tá com gula, sei lá! L.N., 16A, 9º ano. EP06</p>	<p>Emoções: Como estou? Emoções positivas Emoções negativas</p>	<p>De atender às expectativas momentâneas de desejo, prazer, ansiedade.</p>
<p>“Se não comer a pizza fico fora da conversa e não sou enturmada”</p>	<p>Convívio social – Com quem de companhia? Convivialidade</p>	<p>De convívio – enturmar.</p>
<p>“Quando eu era pequena gostava de mingau, agora só gosto de besteira!” T.S., 12anos, 7ºano – EP 18</p> <p>“Adolescente é assim, gosta do ‘contrismo’ se disser que é proibido ele gosta” A.B., 13anos, 9ºano – EP05</p>	<p>Idade</p>	<p>De identidade do estilo de ser jovem</p>

²⁸ EP: entrevista em profundidade

NE: narrativa escrita

CONTINUAÇÃO ENUNCIADO (EP) / (NE) ²⁹		
<p>“Quando eu era <u>pequena</u> gostava de mingau, <u>agora só gosto de besteira!</u>” T.S., 12anos, 7ºano – EP 18</p> <p>“<u>Adolescente é assim</u>, gosta do ‘<u>contrismo</u>’ se disser que é <u>proibido ele gosta</u>” A.B., 13anos, 9ºano – EP05</p> <p>“<u>Adolescente</u> ele tá aprendendo coisas novas. Ele experimenta coisas novas.... Depois de um tempo, como <u>adulto</u>, ele já sabe o que ele quer; o que ele gosta”. H.M., 14anos, 8ºano – EP09</p> <p>Salgadinho... <u>Não prefiro mais! Não sinto mais prazer de comer como eu comia antes.</u> V.S., 13anos, 7ºano – EP15</p> <p>Comia todo dia, todo dia, todo dia. Até que exaustei! L.N, 16 anos, 9º ano – EP06</p>	Idade	De identidade do estilo de ser jovem

Fonte: Pesquisa de campo.

As preferências alimentares de origem sofrem influências de fatores relacionados ao espaço social, ao momento, às emoções positivas e negativas e à idade. Os adolescentes estabelecem conexão desses fatores às suas necessidades ligadas a cada uma dessas circunstâncias.

Assim, ao necessitar estar “enturmado”, numa resposta de fazer pertencer ao grupo de seus pares, o adolescente modula, muitas vezes, suas preferências de origem adaptando-as. Através de uma negociação entre o valor do convívio e o valor de nutrir-se “corretamente”, estrategicamente, ocorre a decisão da escolha alimentar.

As emoções positivas são expressas em forma de deleite e reverência ao alimento, uma espécie de alimentação afetiva, onde o ato alimentar representa uma fonte de prazer a ser atendida nos seus mais variados momentos. Em contrapartida, o comer também implica em emoções negativas, as quais causam um sentimento de desconforto relacionado às situações recordatórias – alimentos que os pais forçaram a comer na infância, o cheiro não atrativo, percepção visual de associação desagradável entre outros. As emoções negativas são respondidas através do “nojo” ou repugnância ao alimento, muitas vezes, de impacto definitivo nas preferências alimentares.

²⁹ EP: entrevista em profundidade
NE: narrativa escrita

O aspecto da idade, relacionado às preferências, foi sinalizado pelos adolescentes como um fator responsável por atitudes associadas, principalmente, com os cuidados de saúde. Na infância adotam-se práticas alimentares pouco autônomas, e a alimentação por ainda estar diretamente prescrita pelos pais ou responsáveis e baseada nos cuidados básicos de crescimento e desenvolvimento, as recomendações nutricionais são mais bem atendidas, salvo por impedimento de acesso e disponibilidade, mais comuns nas classes de renda baixa e que no âmbito deste trabalho não teve indicativos.

Nessa mesma direção, na adolescência devido ao sentimento de liberdade, torna-se mais evidente as práticas alimentares mais diferentes das realizadas no âmbito doméstico. O “experimentar coisas novas” tem significância e sua prática é realizada para atender às necessidades da fase de desenvolvimento cognitivo e criar o sentido da independência através do escolher sua própria refeição, sem orientação dos pais, sem vigília, sem regras. Enfim, liberdade para escolhas alimentares.

Por fim, a fase adulta, é apontada pelos pesquisados como uma etapa da vida onde a preocupação com a saúde é mais significativa.

O adolescente mostrou-se estar consciente das suas práticas alimentares, no entanto, verifica-se a existência de um “viés otimista”, onde o risco de suas práticas, consideradas pela comunidade científica como inadequada, são subestimadas.

O ALIMENTO COMO SÍMBOLO DE DISTINÇÃO E PREFERÊNCIA

Banana, maçã, morango...

Como numa escala de valores, os alimentos são preferidos progressivamente à valorização atribuída pelo padrão monetário e de *status* de cada alimento. Desta forma, a preferência é formada por esse valor como resposta à adaptação do sujeito ao meio

social ao qual deseja pertencer. A preferência pelo gostar em alguns casos é posta em “latência”, em nome de uma situação de distinção social.

“Banana é mais difícil... a gente não gosta que os amigos fiquem rindo da gente. Maçã, eu compro! Um salgadinho: Normal! Morango adoro!”.

H.O., F, 14 anos, 9º ano.

“É timidez mesmo de comer um prato de arroz com frango na frente de minhas colegas. Tem umas que chamam o prato de “peba”³⁰ (...) Hah...! Isso aqui? Só em casa, Deus é mais!”.

D.R., F, 12 anos, 7º ano.

As falas das adolescentes retratam a distinção entre os alimentos, escalonados conforme essa necessidade de pertencimento a uma classe dominante. A adaptação ao novo é nitidamente apreciada pelos adolescentes como forma de aproximação ao gosto sugerido pela classe social superior, como de “bom-gosto”, a exemplo de comer morangos, citada pela adolescente na fala acima apresentada. Tratando-se aqui como uma fruta que até bem pouco tempo³¹ não era sequer conhecida e, paulatinamente, foi surgindo nas vitrines de supermercados de bairros nobres da cidade, até os dias atuais [2008] comercializados inclusive por ambulantes em semáforos, temos um exemplo de escolha, ou mais especificamente, de preferência pelo o que é de melhor “status”. Um efeito da dependência inevitável da auto-estima em relação aos sinais do valor social.

O RECREIO: MOMENTO DE LAZER OU INTERVALO PARA ALIMENTAÇÃO?

A partir da visita exploratória foram verificadas duas situações alternativas de preferências para definir consumo dos adolescentes durante o intervalo das aulas:

³⁰ Peba: expressão para denominar um prato simples e que se relaciona a alimento de pobre.

³¹ No Nordeste brasileiro este fruto passou a ser mais conhecido há aproximadamente 4 anos, com a difusão dos produtos agrícolas para exportação. O Nordeste hoje produz frutos como morango, figos, que não faziam parte dos hábitos alimentares das classes populares devido ao seu alto custo.

preferir a alimentação fornecida pela escola ou os alimentos comercializados por ambulantes na frente da instituição? Embora alguns adolescentes tenham feito uso das duas alternativas, a maioria demonstrou ter preferência pelos produtos comercializados pelos ambulantes àqueles oferecidos pela escola. Esse contexto permitiu observar os primeiros elementos relativos às preferências.

*“Pirulito é **distração**, é para passar o tempo. **Não alimenta**, mas é legal ficar se distraindo”*

L.L., F, 13 anos, 8º ano - VE.

*“Sanduíche **enche** mais. Sorvete é **distração**, não enche”.*

S.O., M, 13 anos, 8º ano – VE.

Como forma de justificar o consumo do “pirulito”, verifica-se que a razão da escolha está associada à situação de lazer demandada pelo “recreio”³². Observou-se, a partir dessa atitude, que os adolescentes supostamente eram conscientes das conseqüências do consumo de guloseimas e, por não disporem de espaço para brincadeiras, próprias do recreio, consumiam alimentos que proporcionam um sentimento de distração, não se importando com o valor nutricional. Na segunda fala verificou-se que, embora categorizando o “sanduíche” como alimento de maior poder de saciedade, o adolescente faz a escolha pelo “sorvete” como um sinal de atender à sua satisfação motivada pelo sentimento de distração igualmente contextualizada pelo momento do recreio. Entende-se nessas falas que o momento é o elemento que condiciona a escolha alimentar, baseada na valoração priorizada do atributo diversão representada pela guloseima pirulito ou sorvete.

Entende-se nessas falas que o momento dita o atributo de valor “conveniência” – a distração é a condição mais conveniente para aquele dado momento, o que confere a decisão para a escolha. Nessa perspectiva as preferências de origem são adaptadas à circunstância.

³² Recreio: termo usado para definir o intervalo disponibilizado pela escola para alimentação e lazer.

Foram verificadas situações de adolescentes que consomem apenas alimentação fornecida pela escola, outros que só consomem alimentos comercializados pelos ambulantes e outros ainda, que consomem alimentos tanto da cantina da escola quanto do comércio ambulante frente à escola. Um número não quantificado de adolescente nada consome durante o intervalo, fato mais observado entre as meninas.

Na intenção de verificar como ocorrem tais situações, foi feita uma entrevista não estruturada com a auxiliar de alimentação escolar³³, que trabalha na escola há mais de 10 anos e declara-se conhecedora dos costumes de quase todos os alunos da escola.

A auxiliar de alimentação escolar declarou sobre as preferências:

*“Os meninos [referindo-se aos adolescentes] não gostam de nada. Os pequenos [referindo-se às crianças], pelo menos, comem, mesmo sem gostar. Mas, os grandes [adolescentes]... Dizem logo, não gosto disso! Quando pergunto: Você já experimentou? Ai eles respondem: não! (...) Tá vendo? Então, experimente! (...) Às vezes eles até comem, outras vezes, não. **Faço tudo para eles gostarem, mas só querem besteiras. Trato eles como se fossem meus filhos**”.*

J., Auxiliar de Alimentação Escolar - VE.

Percebe-se pelo enunciado que a profissional, num papel que vai além de sua função profissional, preocupa-se com os escolares que não consomem das refeições que ela prepara. Considera sua atitude de “forçar” o consumo de uma alimentação mais adequada, um ato de cuidado materno e entendido como uma contribuição como “educadora” no âmbito escolar.

O enunciado anterior permite pressupor que a não aceitação da refeição servida pela auxiliar de alimentação, pode estar ligada à percepção de associação feita pelo

³³ Comumente conhecida como Merendeira, trata-se de uma empregada da escola com inerência de confeccionar, servir e acompanhar os serviços prestados nos refeitórios das escolas públicas, anteriormente planejados por Nutricionista.

grupo com o contexto doméstico. Os adolescentes têm necessidade de estabelecer independência dos pais e essa tentativa da profissional de aproximar-se ao comportamento parental, provavelmente causa um efeito contrário ao previsto: rejeição ao rigor, à obediência pelo correto, ao semelhante ao de casa, tão bem expresso na fala seguinte:

“Gosto da comida da escola, não gosto quando é feijão. Feijão é comida de casa... Ai não como mais na escola. Todo dia tem lá em casa”.

S. O, M, 13 anos, 8º ano - VE.

Observou-se que em situações onde necessitava escolher entre consumir a refeição oferecida e aproveitar o tempo de lazer, o recreio tem importante conotação para os adolescentes. Numa abordagem sobre o porquê de não estarem se alimentando, duas adolescentes, que estavam alegres e haviam optado em usufruir das brincadeiras ao invés de fazer a refeição responderam: *“Não gostamos de sopa e estamos sem dinheiro para comprar lanche. Assim, a gente brinca...”*. Essa fala mostra o gosto, a disponibilidade financeira para acesso ao alimento preferido e a importância do lazer e do convívio entre os pares como elementos de valores importantes. O brincar ao ser escolhido, embora devido às circunstâncias encontradas, expressou sua valorização de bem-estar no momento do recreio.

Na fala seguinte, outra conotação do alimento oferecido durante o recreio:

*“Essa sopa tá muito quente! Vou **perder** meu **recreio**”.*

V.S., F. 14 anos, 8º ano – VE, em 14.05.09, no hall da Escola.

O fator “pressa” foi sinalizado nesta fala como elemento que interfere nas preferências e determina escolhas, através do atributo de valor “conveniência” do tempo e diversão. A adolescente cita “perder” no sentido de perder tempo bebendo a sopa ao invés de se divertir em seu recreio. A característica marcante da pressa em se alimentar é uma espécie de marca do estilo jovem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As práticas alimentares entre os adolescentes são construídas baseadas num complexo sistema individual de preferências alimentares, no qual variados atributos são valorados e numa dinâmica são estrategicamente negociados para mobilizar escolhas alimentares.

Considera-se que para cada escolha alimentar há um conjunto desses fatores e, embora o “gosto” se apresente como proeminente nas preferências alimentares, cada situação do ato alimentar reflete critérios de valores, baseados em necessidades especificamente do momento.

Este estudo traz o aprendizado de que é necessário compreender e conhecer a existência de um sistema complexo para escolhas alimentares e que as preferências alimentares por se apresentar de forma individual não se aproxima a um padrão de recomendação alimentar e nutricional “pronto” e coletivo. Há de ser adaptado a cada sujeito! Inclusive com critérios diferenciados entre os gêneros. Há de ser considerado toda essa dinâmica de alterações e negociações do momento, pois as preferências além de individuais são circunstanciais!

Compreender e compartilhar desse entendimento é fundamental no desenvolvimento de programa de ensino de saúde e nutrição para adolescentes, assim como em programas específicos para a promoção da alimentação saudável no grupo, de forma a contribuir com os adolescentes para tomada de decisão menos conflituosa, possibilitando escolhas conscientes, tornando o ato alimentar mais prazeroso e saudável possível.

REFERÊNCIAS

AMORIM, SUELY T.S.P. de. **Alimentação infantil e o marketing da indústria alimentícia**. Brasil, 1960-1988. Tese [Doutorado]. Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes. UFPR. Curitiba, 2005.
Disponível em: www.ufba.br/periodicos/*.pdf. Acesso em: 10 mai.2006.

ANDRADE, M.A.P. **Preferências alimentares entre adolescentes: fatores formadores e de adaptação**. Dissertação [Mestrado em Alimentos, Nutrição e Saúde]. UFBA. 2009. Não publicado.

BOURDIEU, P. **A distinção. Crítica social do julgamento**. Tradução Daniela Kern; Guilherme J.F. Teixeira. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS, 2007.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Estratégia global em dieta, atividade física e saúde. WHO57A. 2004. Trad. CGPAN/MS..Brasília, 2004. Disponível em: http://nutricao.saude.gov.br/documentos/eb_portugues.pdf . Acesso em: 17 abr.2007.**

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2000, Divulgação dos resultados**. Revistas do censo. Ed.nº. 10.. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/censo/divulgacao_digital.shtm. Acesso em: 24 nov.2007

BRASIL. MS/GT. Ministério da Saúde. Grupo Técnico Assessor. Epidemiologia e Serviços de Saúde. **Relatório da Análise da EG/OMS**. 2005. Disponível em: http://nutricao.saude.gov.br/documentos/doc_eg_final_submetido.pdf. Acesso em 30 abr.2007.

CECONNI, P; FRANSCSCHINI, F; GALETTO, M. The conceptual link between measurements, evaluations, preferences and indicators, according to the representational theory. **European Journal of Operational Research**. v.179. 2007. 174-185p. Disponível em: www.scielo.br/periodicos/doc/*.pdf. Acesso em 30 nov.2007.

CONTRERAS, J.; ARNÁIZ. M.G. **Alimentación y Cultura**. Perspectivas antropológicas. Estudi General, Ciències Humanes i Socials, 1995.

DaMATTa, R. A casa, a rua e o trabalho. In: **O que faz o brasil, Brasil?**. Editora Rocco, rio de Janeiro, RJ, 1986 – p.25-33

DESMET, P.M.; SCHIFFERSTEINA, H.N.J. Sources of positive and negative emotions in food experience. **Appetite**. v.50. p.290-301. 2008. University of Technology. Landbergstraat. Holanda.

FONTANELLA, B.J.B.; RICAS, J.; TURATO, E.R. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. **Caderno de Saúde Pública**, v.24. n.1. jan.2008. www.ufba.br/periodicos/*.pdf. Acesso em 20 mai.2008.

GARCIA, R.W.D. Reflexos da globalização na cultura alimentar: considerações sobre as mudanças na alimentação urbana. **Revista de Nutrição**. 2003. Disponível em: www.ufba.br/periodicos/*.pdf. Acesso em 25 fev.2006.

GARCIA, G.C.B.; GAMBARDELLA, A.M.D.; FRUTUOSO, M.F.P. Estado nutricional e consumo alimentar de um centro de juventude da cidade de São Paulo. **Revista de Nutrição**. Campinas. v.16. n1. 2003, p.41-50. Disponível em www.scielo.br. Acesso em 10 out.2008.

GARCIA, R. W. D. **A comida, a dieta, o gosto: mudanças na cultura alimentar urbana**. São Paulo, 1999. Tese [Doutorado em Psicologia]. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, p. 19.

GUINARD, J. Sensory and consumer testing with children. University of California. **Trends in Food Science & Technology**. vol 11, 2001. Disponível em: www.scielo.br/periodicos/*.pdf. Acesso em 12 jan.2007.

MINAYO, M. C. de S. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 26. ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 2007.

MORAES, M. **Juízo de gosto**. 2007. Paper. Disponível em: www.scielo.br/related:filosofiadaarte.no.sapo.pt/gosto.html. Acesso em 07 jun.2008.

NASCIMENTO, A.B. **Comida: prazeres, gozos e transgressões**. Salvador - BA. EDUFBA, 2006. 290p.

SERRA, G.M.A. **Saúde e nutrição na adolescência: o discurso sobre dietas na Revista Capricho**. Dissertação [Mestrado, Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública]; 2001. 136 p

SOUZA, C.O. **Influência da inatividade física na ocorrência do sobrepeso e da obesidade em escolares**. Dissertação [Mestrado em alimentos, nutrição e saúde]. UFBA. 2008. Não publicado.

VILELA E.M et al. Transtornos alimentares em escolares. **Jornal de pediatria**. Rio de Janeiro, RJ, Vol. 80, nº1, out.2004. Disponível em: www.scielo.br/periodicos/*.pdf. Acesso em: 23.out.2007.

4. CONSIDERAÇÕES GERAIS

SOBRE O ESTUDO

Com a realização deste trabalho, que objetivou identificar o que leva o adolescente a preferir um determinado alimento em opção a um outro (ou outros)? Que fatores formam suas preferências? E Como esses fatores balizam as práticas? Verificou-se que a premissa de que é necessário compreender os múltiplos fatores relacionados às preferências e práticas alimentares para subsidiar ações de EAN, foi confirmada em diversos aspectos.

Estudar as preferências e práticas alimentares entre os adolescentes é instigante e neste estudo tornou-se apaixonante à medida que, foi dada ao adolescente a vez de ser ouvido e expressar seus sentimentos de prazer interagido com o alimento e o ato alimentar. Nesta perspectiva, a possibilidade de compreender o processo que está entrelaçado do preferir ao consumir um alimento, foi a relevância do aprendizado com este trabalho que demonstra ser uma das formas de estudar uma parte da ciência dos alimentos, nutrição e saúde na integralidade com o sujeito.

Quanto à metodologia adotada neste estudo, considera-se que confrontar a premissa de adultos, pais e/ou responsáveis de que “adolescente é assim mesmo, come errado porque é do contra”, aos achados neste estudo, foi a maior constatação de que: “o ouvir”, próprio da pesquisa qualitativa, é o mais apropriado método para compreender o fenômeno das práticas alimentares entre os adolescentes.

Ao aproximar-se dos adolescentes foi possível constatar de seus enunciados que existem inúmeras questões que os afligem quanto à alimentação e que não se restringem às escolhas entre os alimentos preferidos e não preferidos. Eles se deparam com um contexto de múltiplos valores e atributos que exigem estratégias, muitas vezes

conflitantes, para a tomada de decisão nas escolhas alimentares, neste estudo tratadas como etapa das práticas alimentares.

De acordo às análises, as provas com os enunciados são concludentes das influências que existem entre os fatores formadores e de adaptação das preferências e as práticas alimentares entre os adolescentes, bem como a suposta associação desse processo com o estado de saúde atual ou a morbidade dos adolescentes e conseqüências futuras, quando adultos.

Quanto às influências e necessidades relacionadas às preferências alimentares, verifica-se uma série de motivações para atender necessidades, habituais e circunstanciais, as quais emergem emoções positivas e negativas traduzidas por sentimento de apreciação e rejeição dos alimentos. A prática alimentar por representar um processo complexo, demanda ao adolescente pressão externa que conflitua ao cognitivo e cria uma ambiência, muitas vezes, de aflição e dilema para definir a escolha alimentar.

Nesta direção e baseado nos propósitos deste estudo de subsidiar ações de EAN, cabe considerar que a EAN como processo através do qual o indivíduo adquire conhecimento sobre A&N, deve estar articulado aos elementos anteriormente citados e reconhecer o indivíduo em seu contexto, de forma que o processo educativo seja capaz de dar competência e habilidade ao adolescente para livre escolha dos alimentos nas mais diversificadas circunstâncias do ato alimentar, equacionando suas necessidades de forma consciente. O adolescente nessa perspectiva é protagonista do seu próprio processo de EAN junto aos seus educadores.

Diante das considerações expostas, espera-se que este estudo possa contribuir com elementos que estimulem nova abordagem da EAN que respeite o ser humano na sua integralidade.

POR QUE REPENSAR A ABORDAGEM DA EAN?

A transição epidemiológica e as mudanças no estilo de vida da população ocorridas nos últimos anos exigem uma nova abordagem na história da educação alimentar e nutricional; a Era da Educação com abordagem que respeite o ser humano na sua integralidade.

Para este entendimento faz-se necessário a realização de estudos voltados à compreensão da cadeia de fatores que interferem na formação das preferências e balizam as práticas alimentares. A era do comer em casa foi superada pela era do consumo exacerbado de produtos práticos, que exigem pouco tempo para o consumo, pois há pressa! Há pressa em escolher, degustar, comer, voltar... Tais circunstâncias impedem que o paladar seja posto como um dos principais sentidos utilizados na escolha preferencial de um alimento; não a pedido nem tão pouco por vontade própria das pessoas, mas pela contingência do imediatismo no dia-a-dia da vida das pessoas – e nesta perspectiva a EAN deve ser concebida com abordagem crítica. Entender que não são feitas escolhas para atender apenas à natureza humana – nem biológica, nem cultural - mas sim também pela necessidade de manter-se provido de energia para as funções a exercer no mundo social e do trabalho e para manter-se representado num grupo social a que pertence ou deseja pertencer. Neste sentido, compreender os impeditivos para uma alimentação, considerada saudável, o bem-estar e à saúde é o primeiro passo para elaborar ações educativas.

Outro fator a ser considerado é que, sintonizados na necessidade dos consumidores pela busca do rápido, do prático e saboroso, a indústria alimentícia disponibiliza uma gama de produtos para atender esta demanda, o que acaba resultando em elevada oferta e consumo de produtos de alto valor energético, com grandes concentrações de gorduras saturadas e açúcar refinado.

Estudos revelam que nas últimas décadas o consumo desses alimentos aumentou de forma significativa na população brasileira. As análises dos técnicos,

publicadas nos relatórios oficiais, indicam para a fácil disponibilidade e o baixo custo como principais fatores para o elevado consumo dessa categoria de alimentos. Acrescenta-se à análise oficial o fato de tratar-se de alimentos com alto poder de saciedade

Opor-se à indústria alimentícia, à mídia e aos demais meios de comunicação de massa de forma tímida e desprovida de recursos é a solução? Ações educativas com essa concepção e realizadas de forma isolada, supostamente não apresentam resultados satisfatórios; já não é concebido utilizar-se de um tipo de educação positivista, tecnicista, normativa, pois à frente caminham instituições com alto poder de persuasão.

Diante disso, confrontar-se ao discurso midiático e da indústria ou educar para discernir?

O relatório da UNESCO de 2001 inicia com o seguinte propósito: estabelecer como marco das prioridades proporcionar às todas as crianças e jovens condições para atender às necessidades básicas de aprendizagem e de educação. Nessa direção tem dispensado atenção ao papel da mídia na formação da personalidade e no desenvolvimento integral da pessoa humana.

Utilizando-se deste propósito, a EAN, como as demais áreas da educação, deve preocupar-se e, diante do impacto das tecnologias da informação, necessita promover de forma contínua, ações educativas que preparem os adolescentes para saberem distinguir e se defenderem das “armadilhas” da mídia.

A necessidade de repensar os processos educativos para alimentação e nutrição permanece no centro das preocupações dos profissionais de alimentação. O momento exige a busca de alternativas que viabilizem de forma concreta o realinhamento das ações para o enfrentamento de desafios de forma inovadora e que permitam não só melhorar a qualidade de vida através da alimentação, como também reestruturação da abordagem fundamentada no humano.

Justifica-se ainda pela compreensão de um novo modelo de educação que privilegia o desenvolvimento de atitudes, posturas, competências e habilidades de modo a criar oportunidades de aprendizagem ativa e contínua que fornecem suporte para todos fazerem escolhas voluntárias de forma segura do ponto de vista da saúde e do prazer.

Vale destacar que esse assunto torna-se significativo visto que é de interesse e não apenas a nível do indivíduo, como também da saúde pública, uma vez que a educação coletiva, utilizando novas formas e métodos de aprendizagem, permite contínuo conhecimento e o desenvolvimento intelectual.

O cenário atual gera novas necessidades educacionais; não existem mais espaços para os conhecimentos, os valores e as técnicas imutáveis. A educação crítica/social torna-se essencial para o desenvolvimento intelectual do ser humano, ampliando as suas habilidades de buscar soluções de forma inovadora.

Compreender o processo da educação crítica/social implica, portanto, em rever suas finalidades, bases e métodos, a construção do conhecimento e a avaliação da aprendizagem. Sendo assim, faz-se necessário conhecer:

Quais os métodos de EAN mais adequados para atingir seus fins, respeitando as diversidades circunstanciais contemporâneas? Os jovens estão sempre em busca do novo, de experimentar o não tradicional, o não doméstico, experimentar o que há na rua de novidade.

O saber que “é bom para a saúde”, não é o suficiente para determinar a preferência. O adolescente está informado, embora de forma não “apropriada”, e sabe reconhecer e distinguir os alimentos - o saudável do não saudável, como se define no discurso científico da nutrição. O que não há é agradabilidade/aceitabilidade ao paladar para escolher aquilo que não dá prazer, que não dá alegria, que não diverte. Escolher

“besteira” está ligado a escolher o que agrada ao paladar, ao que é rápido de comer - o jovem tem pressa! - e ao que tem mais sociabilidade e liberdade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. de S; NASCIMENTO, P.C.B.D.; QUAIOT, T.C.B. Quantidade e qualidade de produtos alimentícios anunciados na televisão brasileira. **Rev. Saúde Pública**. v.36, 2002. Disponível em: www.scielo.br/nutricao/periodicos/*.pdf. Acesso em 10 jun.2007.

AMORIM, SUELY T.S.P. de. **Alimentação infantil e o marketing da indústria alimentícia**. Brasil, 1960-1988. Tese [Doutorado]. Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes. UFPR. Curitiba, 2005.
Disponível em: www.ufba.br/periodicos/*.pdf. Acesso em: 10 mai.2006.

ANDRADE, M.A.P. **Preferências alimentares entre adolescentes: fatores formadores e de adaptação**. Dissertação [Mestrado em Alimentos, Nutrição e Saúde]. UFBA. 2009. Não publicado.

BATISTA FILHO, M.; RISSIN, a. A transição nutrição no Brasil: tendências regionais e temporais. **Caderno Saúde Pública**. v.19, Supl 1, p.181-91, 2003. Disponível em: www.scielo.br/nutricao/periodicos/*.pdf. Acesso em: 03 abr.2007.

BIRCH, LEANN L. **Development of food preferences**. Annu. Rev. Nutr.,1999.
Disponível em: http://arjournals.annualreviews.org/doi/*.pdf. Acesso em: 15.set.2007.

BOURDIEU, P. **A distinção. Crítica social do julgamento**. Tradução Daniela Kern; Guilherme J.F. Teixeira. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS, 2007.

BOURDIEU, P. **Esboço de uma teoria da prática. Precedido de três estudos de etnologia** Kabila. Oeiras: Celta. São Paulo: Celta Editora, [1972] 2002. Disponível em: http://sociology.berkeley.edu/faculty/wacquant/wacquant_pdf/*.pdf. Acesso em: 15 set.2008

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Análise de Situação em Saúde. **Saúde Brasil 2006: uma análise da situação de saúde no Brasil**. Ministério da Saúde – Brasília, 2006. 620 p. : il. – (Série G. Estatística e Informação em Saúde)

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Saúde do adolescente: competências e habilidades**. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2008. 754 p. : il. – (Serie B. Textos Básicos de Saúde)

BRASIL.Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. IBGE. **Tábuas completas de mortalidade**. 2007. Brasília, 2008. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1275&id_pagina=1. Acesso em: 02 dez.2008

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Vigilância Alimentar e Nutricional – SISVAN**. Brasília, 2004. 120p.

BRASIL. MS. EG. Ministério da Saúde. **Estratégia global para alimentação: ações no Brasil**. Brasília, 2005. Disponível em: <http://portalbrasildtr.saude.gov.br/nutricao/documentos/*.pdf>. Acesso em: 17 nov.2006.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Estratégia global em dieta, atividade física e saúde. WHO57A. 2004**. Trad. CGPAN/MS..Brasília, 2004. Disponível em: http://nutricao.saude.gov.br/documentos/eb_portugues.pdf . Acesso em: 17 abr.2007.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Política Nacional de Alimentação e Nutrição**. 2ed ver. Brasília, DF, 2003.

BRASIL. Ministério da Justiça do Brasil. **Código de defesa do consumidor**. LEI N 8.078, de 11 de setembro de 1990. Brasília, 1990. Disponível em: <http://www.mj.gov.br/DPDC/serviços/legislação/cdc.htm>. Acesso em: 12 nov.2006.

BRASIL. IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2000, Divulgação dos resultados**. 2007. Revistas do censo. Ed.nº. 10.. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/censo/divulgacao_digital.shtm. Acesso em: 24 nov.2007

BRASIL. Ministério da Saúde. Grupo Técnico Assessor. Epidemiologia e Serviços de Saúde. **Relatório da Análise da EG/OMS**. 2005. Disponível em: http://nutricao.saude.gov.br/documentos/doc_eg_final_submetido.pdf. Acesso em 30 abr.2007.

BRASIL. Ministério da Justiça do Brasil. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei 8.069, 1990.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de **Análise da Situação de Saúde. DCNT no contexto do SUS brasileiro**. 2005. Disponível em: <http://portalbrasildtr.saude.gov.br/documentos/*.pdf> Acesso em 15 mar.2007.

BORGES, C.M. **Hábitos alimentares dos estudantes universitários: um estudo qualitativo**. UFMS. 1999. Disponível em: www.scielo.br/periódicos/doc/*.pdf. Acesso em 13 mar.2007.

CECONNI, P; FRANSCSCHINI, F; GALETTO, M. The conceptual link between measurements, evaluations, preferences and indicators, according to the representational theory. **European Journal of Operational Research**. v.179. 2007. 174-185p. Disponível em: www.scielo.br/periódicos/doc/*.pdf. Acesso em 30 nov.2007.

CONTENTO, I. R. et al. **Understanding the food choice process of adolescents in the context of family and friends**. University. New York. Department of Health and behavior Studies, Columbia, 2006. Disponível em: www.scielo.br/periodicos/doc/*.pdf. Acesso em 30 mar.2007.

CONTRERAS, J.; ARNÁIZ. M.G. **Alimentación y Cultura**. Perspectivas antropológicas. Estudi General, Ciències Humanes i Socials, 1995.

DaMATTA, R. A casa, a rua e o trabalho. In: **O que faz o brasil, Brasil?** Editora Rocco, rio de Janeiro, RJ, 1986 – p.25-33

DESMET, P.M.; SCHIFFERSTEINA, H.N.J. Sources of positive and negative emotions in food experience. **Appetite**. V.50. p.290-301. 2008. University of Technology. Landbergstraat. Holanda.

DIETZ, W. H. Health consequences of obesity in youth: Childhood predictors of adult disease. **Pediatrics**. v.101. Supl.: 518-525. 1998.

DREWNOWSKI, A. Taste preferences and food intake. **Annual Rev. Nutrition**. 1997. Disponível em: arjournals.annualreviews.org/ufba.br. Acesso em 17 jan.2008.

ESPÍNDULA, D.H.P.; SANTOS, M.F.S. Representações sobre a adolescência a partir da ótica dos educadores sociais de adolescentes em conflito com a Lei. **Revista Psicologia em Estudo**. Recife, 2004. v.9, n.3, Maringá. Disponível em: www.scielo.br/periodicos/*.pdf. Acesso em: 27 abr.2007.

FISBERG, R.M.; MARTINS, L.M.; BETZABE,S. **Inquéritos alimentares: métodos e bases científicos**. Editora Manole, Barueri, SP, 2005.

FIATES, G.M.R.; AMBONI, R.D.M.; TEIXEIRA,E. Comportamento consumidor, hábitos alimentares e consumo de televisão por escolares de Florianópolis. **Revista de Nutrição**. v.21, n.1, p.105-114. - jan./fev., 2008.

FOUCAULT, M. **A História da Sexualidade 3. - O cuidado de si**. Rio de Janeiro: Graal,1985. 246p.

FONTANELLA, B.J.B.; RICAS, J.; TURATO, E.R. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. **Caderno de Saúde Pública**, v.24. n.1. jan.2008. www.ufba.br/periodicos/*.pdf. Acesso em 20 mai.2008.

FREITAS, M.T.A. A abordagem sócia-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. **Cadernos de Pesquisa**. Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora. n.116. jul.2002. p.21-39.

FURST, T. et al. Food Choice: A Conceptual Model of the Process. Division of Nutritional Sciences, Cornell University, Ithaca, New York. **Appetite**. 1996, v.26, n.3, p.247–266. Disponível em: <http://www.ingentaconnect.com/content/ap/ap/1996?26/?3/art00019>. Acesso em 08 set.2008.

GARCIA, R.W.D. Reflexos da globalização na cultura alimentar: considerações sobre as mudanças na alimentação urbana., **Revista de Nutrição**. 2003. Disponível em: www.ufba.br/periodicos/*.pdf. Acesso em 25 fev.2006.

GARCIA, R. W. D. **A comida, a dieta, o gosto: mudanças na cultura alimentar urbana**. São Paulo, 1999. Tese [Doutorado em Psicologia]. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, p. 19.

GARCIA, G.C.B.; GAMBARDELLA, A.M.D.; FRUTUOSO, M.F.P. Estado nutricional e consumo alimentar de um centro de juventude da cidade de São Paulo. **Revista de Nutrição**. Campinas. v.16. n1. 2003, p.41-50. Disponível em www.scielo.br. Acesso em 10 out.2008.

GONÇALVES, J. R. S. A fome e o paladar: a antropologia native de Luis da Câmara Cascudo. CPDOC/FGV. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, n.33. 2004. Disponível em: www.scielo.br/periodicos/*.pdf. Acesso em: 19 ago.2008.

GUINARD, J. Sensory and consumer testing with children. University of California. **Trends in Food Science & Technology**. vol 11, 2001. Disponível em: www.scielo.br/periodicos/*.pdf. Acesso em 12 jan.2007.

IBGE. Pesquisa de Orçamentos Familiares – POF 2002-2003. **Antropometria e análise do estado nutricional de crianças e adolescentes no Brasil**. IBGE: Rio de Janeiro, 2006.

_____. **Estudo Nacional de Despesa Familiar (ENDEF)**. IBGE: Rio de Janeiro, 1997.

_____. **Pesquisa sobre Padrões de Vida (PPV): 1996-1997**. IBGE: RIO DE Janeiro, 1998.

INAN. **Pesquisa Nacional sobre Saúde e Nutrição (PNSN): 1989**. INAN: Brasília, 1990.

JOMORI, M.M.; PROENÇA, R.P.da C. e CALVO, M.C.M. Determinantes de escolha alimentar. Food choice factors. **Revista de Nutrição**. UFSC, v. 21, 2008. disponível em www.scielo.br/periodicos/*.pdf. Acesso em 20 set.08.

KAZAPI et al. Consumo de energia e macronutrientes por adolescentes de escolas públicas e privadas. **Revista de Nutrição**. UFSC, v.14, 2001. Disponível em: www.scielo.br/periodicos/*.pdf. Acesso em 10 nov.07.

LAMBERT, J.L. et al. As principais evoluções dos comportamentos alimentares: o caso da França. **Revista de Nutrição**. v.18, 2005. disponível em: www.scielo.br/periodicos/*_pdf. Acesso em 23 ago.08.

LOPES, P.F.C. **Comer, beber, viver: o discurso midiático sobre a dietética contemporânea**. Dissertação [Mestrado]. UFPI, 1998. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/alaic/chile2000/11%20GT%202000Discurso%20e%20Comunic/CarvalhoLopes.doc>. Acesso em: 26 jul.2006.

MEAD, M.; GUTHE, C.E. Manual for the study of food habits. In: GARINE, I. *Los Aspectos Socioculturales de la Nutrición*. In: CONTRERAS, J. (ORG). **Alimentación y Cultura. Estudi General, Ciències Humanes i Socials**, 1995.

MENNEL, S.; MURCOTT, A.; VAN OTTERLOO, A. H. **The Sociology of Food: eating, diet and culture**. London: Sage, 1992.

MIELNICZUK, V. B. de O. **Gosto ou Necessidade?** Os significados da Alimentação Escolar no Município do Rio de Janeiro. Dissertação [Mestrado em Desenvolvimento Agricultura e Sociedade]. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Ago.2005. Área de Concentração em Ciências Sociais

MINAYO, M. C. de S. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 26. ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 2007.

MINTZ, S. W. Comida e antropologia: uma breve revisão. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, vol. 16, n. 7, p. 31-41, 2001.

MORAES, M. **Juízo de gosto**. 2007. Paper. Disponível em: www.scielo.br/related:filosofiaarte.no.sapo.pt/gosto.html. Acesso em 07 jun.2008.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Disponível em: <http://www.unesco.org>. Acesso em 24 fev.2006.

NASCIMENTO, A.B. **Comida: prazeres, gozos e transgressões**. Salvador - BA. EDUFBA, 2006. 290p.

OPAS. Carta de Otawa de 1986. **I Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde**. Nov.1986. Disponível em: <http://www.opas.org.br/promocao/uploadArq/Ottawa.pdf>. Acesso em 10.abr.2007

PALANGANA, I. C. **Desenvolvimento e aprendizagem em Piaget e Vygotsky**. A relevância do social. Summus Editorial. São Paulo – SP. 1998. 5ª ed. 166p. Pg 20-25 – disponível em: <http://books.google.com/books>. Acesso em 18 set.2008

POULAIN, JEAN-PIERRE. **Sociologia da alimentação: os comedores e o espaço social alimentar**. Trad. CONTE, Jaimir; PROENÇA, Rosana P. da Costa e RIAL, Carmem Silva. Florianópolis, Ed. Da UFSC, 2004.

RICHARDSON, R. JARRY; WAINWIGHT, DAVID. **A pesquisa qualitativa pode ser crítica e válida?** Pesquisa social, capítulo 6. São Paulo: Ed. Atlas, 3ª Ed. 1999.

RODRIGUES, E.M; BOOG, M.C.F. Problematização como estratégia de educação alimentar e nutricional com adolescentes obesos. Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**. v.22 n.5 Rio de Janeiro maio 2006.

ROTENBERG, S; VARGAS, S.de. Práticas alimentares e o cuidado da saúde: da alimentação da criança à alimentação da família. **Revista brasileira de saúde materno infantil**. Recife, PE, mar.2004. Disponível em: www.scielo.br/periodicos/*.pdf. Acesso em 30 abr.2007.

SANTOS, L. A. Educação alimentar e nutricional no contexto da promoção de práticas alimentares saudáveis. **Revista de Nutrição**. 2005, v. 18, n. 5, pp. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rn/v18n5/a11v18n5.pdf>. Acesso em: 27 mar.2008.

SANTOS, M.A. et al. **Mulheres plenas de vazio: os aspectos familiares da anorexia nervosa**. v.1 n.1, São Paulo, 2004. Disponível em: www.scielo.br/periodicos/usp/*.pdf. Acesso em: 03 abr.2007.

SARGENT, R.G., KEMPER, K.A., SCHULKEN, E. Dietary behaviors of south Carolina adolescents. **Journal of the South Carolina Medical Association, Columbia**. v.90, n.6, p.263-269, 1994.

SERRA, G.M.A. **Saúde e nutrição na adolescência: o discurso sobre dietas na Revista Capricho**. Dissertação [Mestrado, Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública]; 2001. 136 p

SOUZA, C.O. **Influência da inatividade física na ocorrência do sobrepeso e da obesidade em escolares**. Dissertação [Mestrado em alimentos, nutrição e saúde]. UFBA. 2008. Não publicado.

VILELA E.M et al. Transtornos alimentares em escolares. **Jornal de pediatria**. Rio de Janeiro, RJ, Vol. 80, nº1, out.2004. Disponível em: www.scielo.br/periodicos/*.pdf. Acesso em: 23.out.2007.

VILELA, W.V.; DORETO, D.T. Sobre a experiência sexual dos jovens. **Cad. Saúde Pública**. Rio de Janeiro. v.22. p.2467-2472. nov.2006. Disponível em; www.scielo.br/periodicos/*.pdf. Acesso em 18. abr.2008.

WAGNER, A.; FALCKE, D.; SILVEIRA, L.; MOSMANN, C. A comunicação em famílias com filhos adolescentes. **Psicologia em Estudo**. V.7, n.1, p.75-80, jan-jun.2002. Disponível em: www.scielo.br/periodicos/*.pdf. Acesso em 10 set.2008.

WANG, Y.; MONTEIRO, C.; POPKIN, B.M. Trends of obesity and underweight in older children and adolescent in the United States, Brazil, China and Russia. **Am Journal**

Clin Nutr. 2002; v.75. n.6. p.971-977. Disponível em: www.scielo.br/periodicos/*.pdf. Acesso em 10 abr.2007.

WHO. World Health Organization. **Physical Status: The use and interpretation of Anthropometry**. Technical Report Series. Geneva. 1995. Disponível em: http://www.who.int/child-adolescent-health/OVERVIEW/AHD/adh_over.htm. Acesso em: 10 nov.07.

WHO. World Health Organization. **Child and Adolescent Health and Development**. Disponível em: http://www.who.int/child-adolescent-health/OVERVIEW/AHD/adh_over.htm. Acesso em: 10 nov.07

ZULLIG, KEITH et al. Self-Reported weight perceptions, dieting behavior, and breakfast eating among high school adolescents. **Journal of school health**. Mar.2006, v. 76, nº. 3. Disponível em: www.scielo.br/periodicos/*.pdf. Acesso em 10 abr.2007.

APÊNDICES

- A TERMO DE CONSENTIMENTO DOS PAIS E ADOLESCENTES
- B TERMO DE CONSENTIMENTO DA DIRETORIA DA ESCOLA
- C ROTEIRO SEMI-ESTRUTURADO PARA ENTREVISTA

Erro!
válido.

Vínculo

não

válido.Erro!

Vínculo

não

APÊNDICE C



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
ESCOLA DE NUTRIÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ALIMENTOS, NUTRIÇÃO E SAÚDE.
NÚCLEO DE PESQUISA EM POLÍTICAS PÚBLICAS.

PROJETO:

"Fatores formadores das preferências e práticas alimentares de adolescentes"

ROTEIRO SEMI-ESTRUTURADO PARA ENTREVISTA

1. Você escreveu uma narrativa com o tema "*Minhas preferências alimentares e suas origens*". Para você o que é preferência alimentar?
2. Alguns tipos de comida foram considerados nas narrativas como "*besteira*". O que você me diz sobre "*besteira*"?
3. Algumas pessoas pensam assim sobre determinados alimentos: "*isso faz bem, mas eu não gosto*" ou "*isso faz mal, mas eu gosto*". Acontece isso com você? Fale um pouco a respeito
4. Um dos seus colegas escreveu o seguinte na narrativa: "*Minha mãe me força a comer verduras, é meio ruim, mas fazer o quê?*". É comum também mães que falam o seguinte: "*Meu filho coma isso que faz bem!*". Acontece isso com você? Fale um pouco sobre isto.
5. Algumas pessoas têm sensação de satisfação com determinados tipos de alimentos ou quando desejam algum tipo de alimento - alegria, prazer, "*água na boa*", se deliciam... Acontece isso com você? Conte-me como é isso.
6. Numa situação inversa a anterior, algumas pessoas dizem que sentem repugnância e até nojo de determinados alimentos. Existe algum alimento que faz você sentir isso também? Fale um pouco disto.

Dados para identificação do arquivo:

Escola: _____

Entrevistado (a): _____

[]Feminino []Masculino **Idade:** _____ **Série:** _____

Entrevista gravada em ____/____/____. **Horário: das** ____ **às** ____ **h**

Fita de gravação: Código para arquivo _____

ANEXO I

PROJETO DE QUALIFICAÇÃO

**FATORES FORMADORES DAS PREFERÊNCIAS E PRÁTICAS
ALIMENTARES ENTRE ADOLESCENTES.**

MARIA ALBANITA PAIVA DE ANDRADE

FATORES FORMADORES DAS PREFERÊNCIAS E PRÁTICAS ALIMENTARES
ENTRE ADOLESCENTES.

Projeto apresentado à banca examinadora para qualificação no Programa de Pós-Graduação em Alimentos, Nutrição e Saúde, da Escola de Nutrição da UFBA.

Orientadora:
Profa. Dra. Sandra Maria Chaves dos Santos.

SALVADOR - BAHIA
Fevereiro / 2008.

MARIA ALBANITA PAIVA DE ANDRADE

FATORES FORMADORES DAS PREFERÊNCIAS E PRÁTICAS ALIMENTARES
ENTRE ADOLESCENTES.

Projeto apresentado à banca examinadora para qualificação no Programa de Pós-Graduação em Alimentos, Nutrição e Saúde, da Escola de Nutrição da UFBA.

APROVADA em: 29 de fevereiro de 2008.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Lígia Amparo da Silva Santos. – Membro.

Profa. Dra. Sandra Simone Q. M. Pacheco. – Membro

Profa. Dra. Denise Oliveira e Silva. – Membro da Fiocruz - UFRJ

Profa. Dra. Nilce Oliveira. - Membro

Profa. Dra. Sandra M. Chaves dos Santos. - Orientadora

RESUMO

A promoção de práticas saudáveis é sinalizada por políticas públicas de alimentação e nutrição como estratégia de prevenção e controle das Doenças Crônicas Não-Transmissíveis - DCNT, próprias da transição nutricional e suficientemente argüida de que, ao se estabelecer precocemente padrões alimentares saudáveis, promover-se-á melhoria na saúde e qualidade de vida na idade adulta. Este propósito, contextualizado a outros argumentos teóricos e diretrizes, estão dispostos na “Estratégia Global em Dieta, Atividade Física e Saúde” da Organização Mundial de Saúde – EG/OMS, 2006. Nesse sentido este projeto pretende analisar fatores formadores das preferências e práticas alimentares entre adolescentes de 12 a 16 anos de escolas públicas e particular de Salvador – BA, na perspectiva de construir novas abordagens para as ações de educação alimentar e nutricional, inseridas nos programas de promoção de práticas saudáveis. A metodologia é da pesquisa qualitativa, com investigação baseada em paradigmas interpretativos. Os dados serão coletados através de grupos focais, narrativas escritas, entrevistas semi-estruturadas e em profundidade, as quais serão gravadas, transcritas e analisadas de acordo à metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo – DSC. As análises do material produzido nas entrevistas serão feitas de forma a resgatar o processo de formação das preferências e seus determinantes, assim como os fatores que incidem na tradução das preferências em práticas. RESULTADOS ESPERADOS: Compreender os fatores condicionantes e determinantes das preferências e práticas alimentares dos adolescentes; subsidiar ações de educação alimentar e nutricional, através de novas abordagens, para promoção de práticas saudáveis e adequadas de alimentação.

Palavras-chave:

Preferências alimentares; comportamento alimentar; educação alimentar e nutricional; práticas alimentares.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA	-----	123
2 OBJETIVOS	-----	128
3 REVISÃO DA LITERATURA	-----	129
4 METODOLOGIA	-----	142
5 CRONOGRAMA	-----	147

APÊNDICES

- A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO
- B - MODELO DE ANÁLISE.

1 INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

Este projeto objetiva analisar os fatores formadores das preferências alimentares entre adolescentes de 12 a 16 anos de escolas públicas e particular da cidade do Salvador – BA, visando compreender como estes aspectos balizam as práticas alimentares contemporâneas do grupo e nesta perspectiva contribuir com novas abordagens para as ações de educação alimentar e nutricional.

Para a Organização Mundial de Saúde a adolescência compreende a faixa etária entre 10 e 19³⁴ anos (WHO, 1995). O Sistema de Vigilância Alimentar e Nutricional – SISVAN - atribui a adolescência ao ciclo de vida compreendida entre os maiores de dez anos e menores de vinte anos (BRASIL, MS, SISVAN, 2004) e é caracterizada por alterações morfológicas, psicológicas e sociais intensas e complexas, nas quais a nutrição desempenha um importante papel (ANJOS, 1998). O Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, estabelece adolescência o ciclo de vida de 12 a 18 anos (BRASIL, 1990). Ressalta-se ainda que o adolescente parece sempre estar em constante conflito consigo e com o mundo, este comportamento parece refletir no perfil alimentar (KAZAPI et al, 2001). Assim, a adolescência é uma fase da vida que merece atenção dos profissionais Nutricionistas para compreender a complexidade do ato alimentar, mais especificamente as preferências e práticas alimentares dos adolescentes, objeto de estudo deste projeto.

Os adolescentes tendem a viver intensamente o dia atual, não se importando como seus hábitos alimentares e ingestão de alimentos possam vir a influenciar sua saúde e estado nutricional (SARGENT et al, 1994), em contraposição está suficientemente argüido cientificamente de que, ao se estabelecer precocemente padrões alimentares saudáveis, promover-se-á melhoria na saúde e qualidade de vida na idade adulta

³⁴ A faixa etária compreende dos 10 anos completos aos 19 anos, 11 meses e 29 dias.

O comportamento alimentar, segundo Fisberg (2005), representa uma combinação de ações que incorporam, não só os aspectos quantitativos e qualitativos dos alimentos ingeridos, mas também a procura e a aquisição de alimentos que precedem o ato de se alimentar. Conhecer, ter habilidades e competência para escolher e consumir alimentos saudáveis são ações que, a nível individual ou coletivo, promovem a saúde.

Nos últimos anos a epidemiologia, proporcionando as bases para avaliação das medidas de profilaxia das Doenças Crônicas Não-Transmissíveis - DCNT, constata elevados índices dos distúrbios nutricionais na população brasileira apontando, entre outros fatores causais, a inadequação alimentar associada à falta de educação alimentar e nutricional (FISBERG, 2005).

A educação alimentar e nutricional – EAN - como diretriz das políticas públicas, oficializada no documento “Estratégia Global em Dieta, Atividade Física e Saúde” da Organização Mundial de Saúde – EG/OMS (BRASIL, MS, 2006), contempla objetivos fundamentais de promover meios de informações sobre os alimentos saudáveis, respeitando a livre-escolha, assegurando um consumo dentro das preferências alimentares do indivíduo e da coletividade, promovendo a saúde no seu contexto mais amplo de bem-estar social, cultural e nutricional.

A EAN necessita de novas abordagens. Rodrigues e Boog (2006) apontam que as ciências apresentam-se fragmentadas e, assim, cada problema de saúde é tratado isoladamente, o que demanda uma religação entre as várias áreas para a compreensão da complexidade humana. Acrescenta que, embora existam estudos sobre distúrbios nutricionais balizados pela epidemiologia, pela clínica, pela psicologia, pela psicologia social, assim como estudos sobre educação nutricional, observa-se a ausência da totalidade no momento das intervenções. Os aspectos subjetivos do comportamento alimentar e as estratégias para a sua compreensão precisam estar associados a fim de se proporcionar a atenção global exigida. [...] o comer está

profundamente ligado à cultura, à história de vida, ao discurso publicitário [...] fatos que exigem novos paradigmas nos trabalhos com adolescentes.

A temática de Segurança Alimentar e Nutricional – SAN - já se mostra inserida nessa concepção da educação, adotando um conceito amplo e transversal de diversas ciências (BRASIL, 2006).

Este projeto justifica-se por pretender compreender a formação de preferências dos adolescentes, etapa que precede o ato de se alimentar e que, supostamente, envolve fatores da representação social, do prazer, das tradições familiares, dos costumes e dos estilos de vida contemporâneos. Entende ainda que, a compreensão do processo de formação das preferências e práticas alimentares dos adolescentes contribuirá como subsídio para ações de EAN, especialmente nos programas de promoção de alimentação e modos de viver saudáveis enfatizados nas diretrizes da EG, proposta pela OMS. (BRASIL, MS, 2005).

A pesquisa por ser exploratória, partir-se-á da seguinte indagação: quais são os fatores formadores das preferências e práticas alimentares entre os adolescentes? A questão sugere, que fatores como apreciação, gosto, prazer, desejo, representação social, auto-imagem, interferências familiares e de amigos e discursos midiáticos têm influências significantes nas preferências e práticas e que, supostamente entre a etapa “preferência” e “escolha/consumo” há outros fatores que definem a escolha distintamente à preferência. É comum se ouvir: “Prefiro isso, mas não posso, ou não devo, por isso escolho aquilo” (LOPES, 1998).

Instrumentos legais asseguram à população garantia dos direitos relativos à alimentação. Entre eles o CDC – Código de Defesa do Consumidor (BRASIL, 1990) como ferramenta jurídica dos direitos do cidadão/consumidor e a LOSAN – Lei Orgânica de Segurança Alimentar e Nutricional (BRASIL, 2006) como aparato legal do ponto de vista dos direitos humanos à alimentação adequada. Além destes, a PNAN – Política

Nacional de Alimentação e Nutrição (BRASIL, 2005) estabelece, no item 3.4 – Promoção de práticas alimentares e estilo de vida saudáveis, que:

“A promoção que se inicia com o incentivo ao aleitamento materno, está inserida no contexto da adoção de estilos de vida saudáveis, componente importante da promoção da saúde. Nesse sentido, ênfase será dada à socialização do conhecimento sobre os alimentos e o processo de alimentação – incluindo as carências específicas – até a obesidade. O direito humano à alimentação deverá sempre ser citado em todo material educativo, pois é condição indispensável à vida e à construção da cidadania”.

O estilo de vida reflete conseqüentemente em novos hábitos alimentares da população, especialmente dos adolescentes (GARCIA, 2003).

Importante contribuição nessa abordagem é dada por Angelina Bulcão (NASCIMENTO, 2006) que traça um breve histórico das mudanças do estilo de vida dos jovens a partir da segunda metade do século XX. A autora contextualiza que a mudança decorre dos novos prazeres e hábitos alimentares, principalmente de influência americana que introduziu a partir dos anos 50 e 60 nos cardápios itens como *hot dog* e *milk-shake*, que hoje incorporam o dicionário da língua portuguesa. Assinala ainda que cada novo prazer experimentado pelo paladar, trazia consigo novo comportamento.

Nas últimas décadas do século XX, mudanças decorrentes de novos prazeres nos hábitos e costumes marcam um estilo de vida denominado por alguns estudiosos do comportamento como uma marca mundial do “ser jovem!”. A “marca” passa a ser seguida por todos os que buscam uma identidade próxima ao grupo e assim domina o estilo de viver contemporâneo. Nascimento afirma em seu livro “Comida: prazeres, gozos e transgressões” que os jovens, a partir de suas escolhas, desejam mostrar que estavam *[referindo-se as últimas décadas do século XX]*

fundamentalmente rejeitando as convenções ditadas pela sociedade, construídas historicamente e pautados pela tradição e pelos costumes. (NASCIMENTO, 2006)

Quanto ao comportamento relativo à alimentação, Contreras aponta que para se estudar este comportamento, deve-se ater para algumas terminologias: uso, preferência e gosto. O *uso* revela o que comemos e a quantidade de cada alimento; a *preferência* refere-se à situação que dita os critérios de escolha entre um ou mais alimentos; e o *gosto* indica quais são os alimentos que mais agradam ao paladar de um grupo ou pessoa. (CONTRERAS, 1995).

As ações educativas, embora respaldadas pelo CDC no âmbito do Direito Jurídico, pela LOSAN no âmbito do Direito Humano, e pela PNAN e demais instrumentos da nutrição, no âmbito da normatização, necessariamente precisam ser embasadas pelo conhecimento pertinente do fenômeno social, objeto de estudo deste trabalho. Dessa forma, este trabalho pretende contribuir na direção de nova abordagem em EAN, mais direcionados aos interesses e compreensão dos adolescentes, respeitando-os nas mais variadas formas do pensar e agir.

Aos educadores de nutrição e alimentação, cabe compreender os ruídos enfrentados pelos adolescentes e propor ações educativas subsidiando-os de elementos que lhes dêem habilidade e competência para escolher, de forma livre e consciente, os alimentos e preparações que irão compor seu ato alimentar, na perspectiva de escolhas saudáveis.

2 OBJETIVOS

Geral:

Analisar fatores que interferem na formação das preferências alimentares de adolescentes de 12 a 16 anos, matriculados nas escolas públicas e particular de Salvador – BA, visando compreender como esses balizam as práticas alimentares contemporâneas.

Específicos:

- Identificar preferências e práticas alimentares entre adolescentes;
- Diagnosticar como são formadas as preferências e práticas alimentares de adolescentes;
- Explorar fatores que interferem na formação das preferências e práticas alimentares de adolescentes;
- Explorar atitudes dos adolescentes relativas à alimentação, baseadas nas preferências e práticas alimentares.

3 REVISÃO DA LITERATURA

As preferências alimentares dos adolescentes supostamente são influenciadas por fatores internos – perceptivos e cognitivos - e externos – discurso social, influências familiares e de amigos (LOPES, 1998). Esses fatores, devidamente investigados, provavelmente esclarecem o quadro atual caracterizado por práticas alimentares ditas inadequadas e conseqüentemente situação epidemiológica preocupante para a saúde pública.

A Organização Mundial da Saúde – OMS define os adolescentes como sendo indivíduos de ambos os sexos com idade entre os 10 e 19 anos (World Health Organization, 1995). Para o Ministério da Saúde / Sistema de Vigilância Alimentar e Nutricional, a adolescência é o ciclo de vida compreendido da faixa etária de maiores de 10 anos e menores de 20 anos, (BRASIL, SISVAN, 2004). Diferentemente, o Estatuto da Criança e do Adolescente, estabelece como adolescente a pessoa com idade entre 12 e 18 anos. (BRASIL, LEI 8.069, 1990). A investigação desse estudo utiliza-se do conceito de adolescente para categorizar o grupo, em virtude da faixa etária dos pesquisados – 12 a 16 anos.

Uma das grandes conquistas da Constituição de 1988 foi criar as condições para a elaboração do Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, estabelecendo uma doutrina da proteção integral, na qual toda criança ou adolescente é considerado sujeito de direito e em fase especial de desenvolvimento. Dessa forma requer a proteção do Estado. (ESPÍNDULA, 2004).

O estado nutricional – EN tem definições no plano individual ou biológico como o resultado do equilíbrio entre consumo de nutrientes e o gasto energético do organismo para suprir as necessidades nutricionais, tendo três tipos de manifestações orgânicas: 1) EN de adequação nutricional ou eutrofia; 2) carência nutricional e 3) distúrbio nutricional. (BRASIL, SISVAN, 2004). Do ponto de vista biológico, o resultado

aqui definido como diagnóstico, é pontual, utilizando medidas de classificação percentilar do índice de massa corporal – IMC, segundo idade e sexo. O diagnóstico coletivo é definido como reconhecimento da situação de saúde e nutrição de uma coletividade, quer seja de pessoas atendidas nos Serviços de Saúde (clientela) quer seja de população de uma determinada região geográfica (comunidade). (BRASIL, MS, SISVAN, 2004).

Observa-se com esses conceitos que a alimentação e nutrição exigem cuidados especiais para a fase da adolescência, requer proteção do Estado como garantia do direito dos adolescentes e possui metodologia de diagnóstico definida pelo SISVAN.

No entanto, a situação verificada de forma pontual do estado nutricional da população brasileira não apresenta índices satisfatórios de sanidade, apresentando “números” preocupantes que precisam ser investigados na tentativa de uma compreensão detalhada de suas causas. A pesquisa qualitativa, visando a superação dos dados, unicamente objetivos da pesquisa quantitativa, produz segundo Richardson aprofundamento da compreensão do fenômeno social – neste caso, estado nutricional da população – por meio de entrevistas em profundidade e análises qualitativas da consciência articulada dos atores envolvidos no fenômeno – neste caso, os adolescentes. (RICHARDSON, 1999).

De acordo aos propósitos deste projeto, os aspectos biológicos e médicos anteriormente citados servem como ponto de partida do entendimento da situação nutricional em que se encontra a população. A partir dessa “bússola”, o projeto parte para compreensividade das preferências alimentares dos adolescentes, no intuito de entender como as atitudes, que supostamente levam ao quadro agravante de saúde, podem ser “trabalhadas” em ações educativas de promoção da saúde. Neste sentido, os conceitos a seguir seguem a linha mais ampla para melhor delinear o estudo.

Indagando sobre as mudanças que estão ocorrendo na sociedade, a qual a globalização supostamente tem impacto na alteração do estilo de vida e refletem conseqüentemente em novos hábitos alimentares da população, especialmente dos adolescentes, cabe aqui inserir o conceito clássico de hábitos alimentares.

Hábitos alimentares para Mead e Guthe (1945 *apud* GARINE, 1995, p. 130) é [...] *el estudio de los medios por los que los individuos, o grupo de individuos, respondiendo a presiones sociales y culturales, seleccionan, consumen y utilizan porciones del conjunto de alimentos disponibles.*

Contreras (1995, p. 87) considera, conforme já abordado que as terminologias uso, preferência e gosto devem fazer parte dos estudos sobre o comportamento alimentar, sugerindo “*que las propiedades sensoriales de la comida producen placer a esa persona*”. (CONTERAS, 1995)

Considerando que o comportamento alimentar é moldado por preferências e práticas alimentares e são estabelecidas por cada indivíduo de forma subjetiva, este estudo parte da premissa de que, indiretamente, o comportamento é reflexo do constructo de vertentes, a exemplo do gosto, prazer, representações sociais, influências sociais e familiares e discursos sociais. Tais vertentes formam um conjunto de fatores que moldam as preferências, influenciam as escolhas e estabelecem relação direta para o comportamento, através do consumo alimentar.

A literatura discute as variáveis que formam ou levam a um determinado consumo alimentar, mas há divergências principalmente quando se trata de concretizar o(os) elemento(s) formador(es) das preferências. O que na verdade leva um sujeito a preferir um determinado alimento em opção a um outro (ou outros)?

A preferência num conceito amplo é definida por Wright como:

Preferência é necessariamente relativo ao sujeito. Uma preferência é sempre a preferência de alguém. Uma

preferência, além disso, é relativa não apenas ao sujeito, mas também a certo momento ou ocasião ou situação na vida dos sujeitos. Não apenas pode haver diferentes pessoas com diferentes preferências, mas um e o mesmo homem pode rever suas preferências ao longo de sua vida... (WRIGHT apud CECCONI, 2006)

Nessa direção a metodologia qualitativa com enfoque exclusivamente exploratório se mostra como o meio mais indicado para este tipo de pesquisa, onde o subjetivo é o foco da investigação.

Reforçando a escolha do grupo de adolescentes para este projeto, vale ressaltar a afirmação de Mennel, Murcott e Van Otterloo (1992) de que a maioria das pesquisas sobre hábitos alimentares é realizada com adultos e criança, pois se argumenta que as principais rotinas alimentares são formadas ainda no período da infância.

Ressalva ainda para o estudo de MacLeod e Barthelemy (MACLEOD E BARTHELEMY 1996 apud BORGES, 1999) sobre hábitos e preferências de franceses entre 10 a 20 anos. Eles verificaram que entre os mais jovens, a escolha de alimentos associa-se às chamadas comidas familiares, enquanto entre os mais velhos, o consumo era maior e associa-se aos chamados “snacks”³⁵. Demonstrou ainda que após a puberdade, alimentos antes rejeitados passavam a fazer parte de rotinas alimentares, comprovando que nesta etapa, os jovens adultos já começam a formar suas próprias opiniões e preferências, experimentando outros alimentos que não aqueles freqüentemente consumidos em casa e podem até mudar, em determinados casos, suas preferências.

Consciente de que o modo de constituir a si seguindo prescrições alimentares não é novo, vem desde a Grécia Antiga (LOPES, 1998). Os filósofos gregos pregavam uma ética da temperança. O regime devia estabelecer uma medida: o da boa

³⁵ Snacks: lanches.

saúde e do bom estado da alma. Seguir as recomendações era antes de tudo atributo de uma firmeza moral (LOPES, 1998). Nos estudos de Foucault (FOUCAULT, 1985), a prática do regime como arte do bem viver é uma maneira de se constituir diante de um corpo justo, necessário e suficiente. O cuidado atravessa a vida cotidiana e faz das atividades da existência uma questão de saúde e de moral.

Os estudos referidos anteriormente se apresentam atualmente como esclarecedores de alguns determinantes de práticas alimentares da população mundial. Em países desenvolvidos e em desenvolvimento, diversos estudos apontam o culto ao corpo como um dos fatores que a população, em especial os adolescentes, se fundamenta para suas práticas alimentares. (LOPES, 1998).

Estudo realizado por (VILELA et al, 1998) com escolares, em localidades do interior de Minas Gerais, aponta que dos 1.059 alunos pesquisados, 59% encontravam-se insatisfeitos com sua imagem corporal, sendo que 48% gostariam de parecer mais magros e 52% gostariam de parecer mais gordos. A predominância dos alunos que gostariam de parecer mais gordos foi do sexo masculino. Na mesma pesquisa VILELA, constata que a atividade física era praticada com a finalidade emagrecer por 56%, com predomínio significativo do sexo feminino.

Para Marcos Palácios, citado por Nascimento, o corpo passa a ser compreendido no contexto da sociabilidade pós-moderna da seguinte forma:

O corpo vai ocupar, nos contextos da revolução eletrônica e da sociabilidade contemporânea, um papel cada vez mais central, (quicá determinante), chegando-se ao “culto do corpo”; à “política do corpo” com todos os seus desdobramentos. (PALÁCIOS apud NASCIMENTO, 2006).

Os dados do estudo de VILELA se assemelham aos de outros estudos em países desenvolvidos, a exemplo da pesquisa realizada por (ZULLIG et al, 2006), que após verificação objetiva dos dados, assinala que os adolescentes do sexo masculino

mostram interesse no ganho de peso, supostamente pela intenção da significância de ser “viril”. Enquanto as adolescentes do sexo feminino têm intenção de emagrecer numa significância de tornar sua imagem corporal mais próxima possível à imagem dos modelos e ídolos.

Acrescenta Lopes que, sendo o culto ao corpo um elemento constituinte da dietética e da socialização do adolescente, algumas instituições disputam legitimidade social a ponto de estabelecer o domínio do poder de dizer ao sujeito como ele deveria se portar para que pudesse ser socialmente respeitado, considerado e valorizado.

Esse poder de dizer ao sujeito é confirmado quando observada as inúmeras informações sobre alimentação que ocupam canais de TV, jornais, revistas e, em decorrência de novas demandas geradas pelo estilo de vida atual, ao sujeito é imposto o discurso desses canais de comunicação social, numa notável relação de força e poder (LOPES, 1998).

Estudo desenvolvido pela USP, sobre *Quantidade e Qualidade de Produtos alimentícios na Televisão Brasileira*, revela que cerca de 60% dos alimentos anunciados pela TV são gordurosos; que 57,8% estão no grupo das gorduras, óleos, açúcares e doces, e que há completa ausência de frutas e vegetais nos anúncios apresentados. O quadro agrava-se: a exposição de 30 segundos a comerciais de alimentos é capaz de influenciar a escolha de crianças a determinado produto. Os alimentos representam mais de 27% das propagandas veiculadas pela TV e, no Brasil, adolescentes passam cerca de quatro e meia por dia diante da televisão. (ALMEIDA; NASCIMENTO e QUAIOT, 2002).

Em estudo sobre a problematização como estratégia de educação alimentar e nutricional para adolescentes, Rodrigues evidencia situações de tomada de consciência do adolescente que existem mecanismos de manipulação do comportamento alimentar empregado pela propaganda. Ao perceberem como são manipulados,

elaboram uma crítica a esse sistema econômico que os mantêm presos a uma rede consumista, a exemplo dos relatos do referido estudo (RODRIGUES, 2006):

"Ah, eu tô assim na TV e no filme [de uma emissora de TV] fala 'agora sente no seu sofá, abra [um refrigerante] e acompanhe o filme'. Você precisa abrir [um refrigerante] pra assistir o filme? Eles fazem com a gente que nem fantoche" (José, 13 anos, I).

"A propaganda põe gente bonita, magrinha, fazendo acreditar que é isso" (Pedro, 13 anos, I).

Ciente das necessidades, geradas por novos estilos de vida e concatenada aos discursos midiáticos, é notório o crescimento da indústria alimentícia, com produtos semi-prontos, práticos e que, em suas marcas, registram promessas de saúde, boa forma, vida saudável, "sem esforços", mesmo com pouca disponibilidade de tempo.

Encantados com o discurso da mídia e em busca de um corpo perfeito, supostamente os adolescentes formam a religião de adeptos de maior interesse para as duas instituições – mídia e indústria alimentícia.

Segundo (GARCIA, 2003) o comportamento alimentar é complexo, incluindo determinantes externos e internos ao sujeito. Assinala Garcia que os avanços tecnológicos na indústria de alimentos, na agricultura e a globalização da economia influenciam as práticas alimentares contemporâneas, e estas, têm sido objeto de estudo das ciências da saúde desde que os estudos epidemiológicos passaram a sinalizar relação entre dieta – afluyente – e algumas doenças crônicas associadas à alimentação.

Nessa mesma direção onde a percepção do adolescente é referenciada, a utilização dos alimentos está representada e reduzida para os adolescentes a duas possibilidades: *comer certo* e *comer errado*. O *comer certo* está associado aos alimentos por eles considerados *bons* e, o *comer errado*, aos *maus*. (RODRIGUES, 2006). No mesmo estudo, o *comer certo*, torna-se um ideal inatingível porque é

percebido como restrição e anulação do prazer, implicando, portanto, a exclusão sumária de um grande número de alimentos que fazem parte da cultura alimentar e da vida social.

Este projeto justifica-se por abordar essas mesmas representações culturais como fatores que precisam ser compreendidos pelos profissionais de saúde que trabalham com educação alimentar e nutricional, e que ainda utilizam técnicas tradicionais de abordagem do problema, que é a noção de um comer certo e um comer errado. Como afirma Rodrigues, é preciso romper esse padrão dicotômico de pensamento, de forma que o adolescente passe a perceber que não existem apenas duas formas de alimentar-se. E acrescenta, a curiosidade natural dos jovens e o vínculo com o profissional são condições para que ele passe a problematizar as questões do cotidiano, buscando desenvolver estratégias próprias de enfrentamento.

Ao tentar responder sobre o que se come, Rotenberg cita *Giard*, informa que se come aquilo que se pode oferecer e o que gostamos de comer. (ROTENBERG, 2004). O “poder”, acrescenta esse autor, é remetido ao disponível, ao acessível, ao assimilável pela digestão, ao permitido pela cultura, ao valorizado pela organização social.

As preferências alimentares, objeto de estudo deste projeto, há de ser entendida nesse contexto. Segundo Rotenberg, as práticas alimentares devem ser compreendidas não somente quanto aos alimentos consumidos, mas também às condições que favorecem que sejam habituais e consumidos [...] a alimentação do ser humano não é instintiva, é construída e aprendida cognitivamente e ideologicamente nas relações sociais.

Cabe nesse contexto inserir o conceito dado por (POULAIN, 2004) sobre “espaço social alimentar” que diz: a alimentação humana está condicionada por fatores fisiológicos – o homem alimenta-se tanto de carne quanto de vegetais – e ecológicos – sua dieta depende do lugar onde ele vive e de aspectos econômicos e tecnológicos. Esses condicionantes, segundo Poulain, permitem uma zona de liberdade, onde o

homem pode fazer suas escolhas sem imposições. Essa região seria o espaço social alimentar.

Todos esses estudos, métodos e técnicas já pesquisados e consolidados como de significância para a educação alimentar e nutricional voltada para realidade do adolescente na contemporaneidade, merecem ser devidamente contemplados nas ações que buscam reverter o quadro epidemiológico em que se encontra a população em geral, em especial os adolescentes.

O quadro epidemiológico ora citado aponta para prevalência dos transtornos alimentares aumentada intensamente nas últimas décadas. Essa prevalência crescente está associada a fatores sócio-culturais, como o culto obsessivo ao corpo esbelto (imperativo do corpo magro como padrão estético universal de beleza) e o excesso de regras visando a promoção de saúde e adoção de hábitos saudáveis, tais como: proibição de fumar e comer alimentos com alto teor de gordura, preocupação com a forma física e severa disciplina alimentar. (SANTOS, 2004).

Obesidade é um problema de saúde pública em cuja etiologia, determinantes sociais têm relevância, sendo que intervenções com adolescentes encontram condição biopsicossocial complexa que exige que se trabalhe com abordagens amplas que considerem os determinantes culturais e sociais do problema. Da mesma forma as doenças crônicas não-transmissíveis - DCNT também ocupam um patamar de significância como problema de saúde pública.

O relatório do Grupo Técnico Assessor do Ministério da Saúde do Brasil para análise da EG aponta que nas últimas décadas as doenças crônicas não-transmissíveis – DCNT passaram a liderar as causas de óbito no Brasil. Segundo a OMS, as DCNT foram responsáveis por 59% da mortalidade, cerca de 31,7 milhões de óbitos e 43% da carga global de doenças em 1998. No Brasil, as DCNT foram responsáveis pela maior parcela dos óbitos e das despesas com assistência hospitalar no Sistema Único de Saúde – SUS, totalizando 69% dos gastos com atenção à saúde em 2002. As DCNT são de etiologia multifatorial e compartilham com fatores de riscos modificáveis, como o tabagismo, a inatividade física, a alimentação inadequada, a

obesidade e a dislipidemia. Pesquisas comprovam que as doenças cardiovasculares seriam causa relativamente rara de morte na ausência dos principais fatores de risco. Stamler e colaboradores mostraram que, aproximadamente, 75% dos casos novos dessas doenças ocorridos nos países desenvolvidos, nas décadas de 70 e 80, poderiam ser explicados por dieta e atividade física inadequadas, expressas por níveis lipídicos desfavoráveis, obesidade e elevação da pressão arterial associados ao hábito de fumar. (MS - Grupo Técnico, 2005).

Associado ao quadro epidemiológico, tem-se a transição do consumo alimentar no Brasil. Segundo o relatório de análise da EG/OMS (MS – Grupo técnico, 2005), a disponibilidade de alimentos para o consumo no Brasil. Os dados a seguir referem-se à estimativa da disponibilidade de alimentos para consumo humano no Brasil, no período 1965-1997, todas as estimativas foram produzidas pela ONU, através do sistema FAOSTAT - *FAO Statistical Database, da Food and Agriculture Organization* - (FAO)/ONU). O FAOSTAT define como disponibilidade, os dados da produção, exportação e importação de alimentos, descontado estimativa de desperdício e as frações dos alimentos utilizadas na alimentação animal, na indústria ou como semente.

No Brasil a disponibilidade total aumentou de 2.330 kcal por pessoa/dia em 1965 para 2.960 kcal por pessoa/dia em 1997. Este aumento ultrapassou o aumento correspondente aos requerimentos médios diários de energia estimados para a população brasileira, que passou de 2.096 kcal em 1965 para 2.328 kcal em 1997. As principais modificações na composição da disponibilidade alimentar foram: o aumento na participação relativa de gorduras (de 15,7% para 24,9% das calorias totais) e a diminuição na participação relativa de carboidratos (de 73,7% para 64,5% das calorias totais). A participação de proteínas na oferta alimentar manteve-se constante no período (em torno de 10% das calorias totais), ainda que venha crescendo, continuamente, a proporção de proteína de origem animal no total de proteínas (32% em 1965 e 51% em 1997).

Em 1965, a quantidade média de alimentos disponível para cada brasileiro já excedia em mais de 10% os requerimentos médios em energia. Em 1997, essa margem de segurança passou a 25%. Embora os valores médios ignorem a distribuição individual real dos alimentos, o excesso médio de 25% no total de calorias disponíveis para consumo indica que o país ocupa uma situação confortável.

Quanto à proporção de proteínas na alimentação, não há problemas visto se manter dentro da faixa recomendada (10-15%); ademais, a proporção de proteínas de origem animal (as de maior valor biológico) tem crescido substancialmente, já significando 50% do total das proteínas disponíveis. A substituição de carboidratos por gorduras não deve representar problema para as modalidades de subnutrição (ao contrário, pode ser vantajosa, sobretudo no caso da deficiência energética), mas, certamente, é desvantajosa para a maioria das DCNT, especialmente se a diminuição de carboidratos estiver ocorrendo por conta de carboidratos complexos. A proporção de 24,9% de gorduras embora se encontre dentro da faixa recomendada para a ingestão desse nutriente (15-30%), a tendência é de aumento. Infelizmente, a FAO/ONU não fornece informações sobre a proporção de gorduras saturadas na disponibilidade total de alimentos.

Quanto à disponibilidade relativa de grupos específicos de alimentos, as maiores mudanças entre 1965 e 1997 foram: a) redução na disponibilidade de cereais (de 36% para 31%); b) redução na disponibilidade de leguminosas (de 12% para 6%); c) aumento na disponibilidade de açúcar (16% para 19%); d) aumento na disponibilidade de carnes (de 5% para 11%); e) aumento na disponibilidade de óleos vegetais (de 4% para 11%); e f) aumento na disponibilidade de leite e ovos (de 6% para 8%). O aumento da disponibilidade relativa de açúcar (19% das calorias totais) excede em quase 100% os valores máximos recomendados para o seu consumo (10%).

Estimativas produzidas por estes autores, a partir das Pesquisas de Orçamento Familiar (POF) realizadas pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) nas áreas metropolitanas brasileiras, no início da década de 60 e em

meados das décadas de 80 e 90, confirmam as características desfavoráveis da evolução do consumo alimentar no que diz respeito às DCNT. Indica tendências de redução no consumo relativo de cereais e de leguminosas e crescimento no consumo relativo de açúcar, carne, leite e derivados e gorduras em geral.

Diante da análise de disponibilidade de alimentos, verifica-se, embora de forma pontual, que problemas nutricionais da população devem ser esclarecidos a partir de outros aspectos, já que o Brasil possui um lugar de conforto do ponto de vista da estimativa da disponibilidade.

Outro aspecto a ser verificado é a situação brasileira de transição demográfica. Projeta-se para os próximos 20 anos, a duplicação da população idosa, de 8 para 15%, o Ministério da Saúde do Brasil vem desenvolvendo ações objetivando promover a qualidade de vida e controlar as DCNT. Isso leva o MS a reformular os modelos adotados pelos sistemas de saúde, centrados na atenção médica, quase que exclusiva, para a perspectiva da promoção da saúde. (BRASIL, MS, Grupo Técnico Assessor, 2005). Em números absolutos a população brasileira para o ano 2.010 é de 190.977.109, sendo 16.383.688 (8,58%) de jovens da faixa etária entre 12 e 16 anos, distribuídos em 8.299.463 homens e 8.084.225 mulheres. (BRASIL, IBGE, 2007).

Desde a Carta de Ottawa, em 1986, que sintetiza o resultado da 1ª Conferência Mundial pela Promoção da Saúde, a promoção da saúde é definida vinculada ao bem estar físico, mental e social dos sujeitos e coletividades que só pode ser alcançado por meio da capacidade de identificar e realizar aspirações, satisfazer necessidades e adaptar-se ao meio ambiente. Desde então, o conceito de saúde amplia-se, saindo do lugar de objetivo para o de recurso para a vida diária. (OPAS, 1986).

Concatenado a essa proposta, O MS do Brasil estabelece como prioridades para 2005 a implementação de políticas promotoras de modos de viver saudáveis, enfatizando as diretrizes da Estratégia Global para Promoção da

Alimentação Saudável, Atividade física e Saúde, proposta pela OMS. Esta prioridade está expressa na Política Nacional de Promoção da Saúde. (BRASIL, MS, SVS, 2005)

A Política Nacional de Alimentação e Nutrição – PNAN, homologada em 1999, está inserida no contexto da Segurança Alimentar e Nutricional – SAN e compõe o conjunto das políticas do governo voltadas para a concretização do direito universal à alimentação e nutrição adequada.

A Lei Orgânica de Segurança Alimentar e Nutricional - LOSAN estabelece o conceito de SAN de forma ampla, como: “realização do direito de todos ao acesso regular e permanente a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente, sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais, tendo como base práticas alimentares promotoras de saúde, que respeitem a diversidade cultural e que seja ambiental, cultural, econômica e socialmente sustentáveis”. (BRASIL, LOSAN, 2006).

Entender a ciência da nutrição de forma ampla como representada no conceito da SAN é o princípio deste projeto, iniciando por compreender que fatores formam as preferências alimentares, que aqui passa a ser admitida como a primeira etapa do ato alimentar. Nestes termos, o projeto visa contribuir na identificação dos fatores que supostamente explicitam o porquê de práticas alimentares ditas inadequadas dos adolescentes, e assim, favorecer na construção de novas abordagens educativas em prol da alimentação saudável.

4 METODOLOGIA

Considerando que este projeto se propõe a explorar os fatores formadores das preferências e práticas alimentares, a pesquisa se referencia como qualitativa.

Os dados estatísticos apontam para uma situação de fenômeno social, caracterizado por inadequado estado alimentar e nutricional dos adolescentes. O projeto visa compreender de que forma os adolescentes formam suas preferências e práticas e, a partir daí, produzir uma descrição coerente e diretiva da situação, baseada na subjetividade dos atores representativos na situação.

Para Richardson (RICHARDSON, 1999) a pesquisa qualitativa é caracterizada como a tentativa de uma compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentadas pelos entrevistados. Acrescenta que para muitos pesquisadores qualitativos, as convicções subjetivas das pessoas têm primazia explicativa sobre o conhecimento teórico do investigador. Dessa forma, o fenômeno atual dos aspectos alimentares e nutricionais dos adolescentes investigados neste projeto, concatenados à teorização e análises quantitativas dos agentes causais, é esclarecido pela subjetividade declarada pelos atores envolvidos – os adolescentes.

Na análise de Godoy (GODOY, 1995) as investigações qualitativas se diferenciam das demais pesquisas pelas seguintes características: 1) existência de contato direto do pesquisador com o meio e a conjuntura que está sendo verificada; 2) a pesquisa visa uma maior compreensão do assunto através da descrição mais apurada dos dados coletados e todas as informações coletadas são importantes e precisam ser analisadas; 3) os pesquisadores procuram compreender os fenômenos que estão sendo estudados a partir da perspectiva dos participantes, confrontando sua percepção com a de outros pesquisadores; e 4) não partem de questões fechadas, elas vão se formando no transcorrer do processo de investigação.

Estudar as preferências e práticas alimentares exige criteriosos métodos de coleta de dados com os quais se possam analisar os sentidos dos pesquisados, ou seja, demonstrar aquilo que os indivíduos pesquisados fazem realmente, aquilo que eles dizem fazer, suas opiniões, atitudes e os valores dados por estes em relação à alimentação, permitindo uma análise dos fenômenos sociais da alimentação. Desta maneira, a pesquisa qualitativa é a mais adequada a este projeto, visto que os dados coletados dão conta do que pensa o pesquisado e a observação participante analisa a forma como se dá o comportamento no sentido real. Este último, quando avaliado apenas através de questionamento como “o que você come” ou “como você come”, como na pesquisa quantitativa, este pode descrever aquilo que lembra, podendo haver viés de memória e viés de informação. Diferentemente, avaliando através da observação do comportamento, todos os comportamentos e atitudes são descritos para análise, configurando-se o comportamento real.

A pesquisa de campo está baseada na metodologia qualitativa pelos motivos expostos anteriormente. O estudo de campo será realizado com um grupo de adolescentes de 12 a 16 anos, matriculados em escolas públicas e particular da cidade do Salvador, no período de março a maio de 2008.

As etapas da pesquisa de campo são: 1) levantamento das escolas públicas e particulares da cidade do Salvador; 2) seleção das escolas participantes da pesquisa e consentimento dos diretores das respectivas escolas; 3) caracterização das escolas e dos respectivos bairros aos quais estão inseridas; 4) palestra de explanação da pesquisa com todos os adolescentes das escolas participantes; 5) dinâmica de grupo pelo método de grupo focal – GF, com abordagem temática e aplicação da narrativa escrita com os escolares, seletos por meio da adesão voluntária; 6) análise da dinâmica do GF e leitura flutuante das narrativas; 7) definição dos critérios para seleção dos adolescentes para pesquisa em profundidade; 8) seleção dos adolescentes para pesquisa em profundidade, elaborados através das abordagens surgidas do GF e das narrativas; 9) sensibilização do grupo participante da entrevista em profundidade sobre a pesquisa; 10) aplicação da entrevista em profundidade, semi-estruturada.

O levantamento das escolas públicas e particulares consiste em estudo bibliográfico dos dados oficiais da Secretaria Municipal de Educação de educação, reunindo informações sobre categorização das escolas – porte, tempo integral ou não, séries atendidas, números de escolas por distritos, números de escolares matriculados, estratificação dos escolares por gêneros, raça, série e portadores de necessidades especiais.

Paralelo as etapas 1, 2 e 3, ocorre a etapa “observatório” que consiste em duas visitas aos pátios, salas, cantinas e demais dependências de duas escolas – uma pública e outra particular - nos turnos matutino e vespertino, visando coletar dados situacionais do ato alimentar, sem abordagem direta. Nesta etapa, a coleta de dados se refere por um lado à busca do “sentido das coisas”, ou seja, o porquê de como o ato alimentar acontece dessa ou daquela forma. Por outro lado, identificar o “sentido”, as “definições” e as “ações” que o grupo de adolescentes estabelece no ambiente escolar durante o ato alimentar. Nesta etapa de observação, são feitas anotações de todo o contexto _ ambiente, situações de escolha, aquisição e consumo alimentar, formação de grupos para partilha alimentar, discussões sobre alimentação, opiniões surgidas no ato alimentar, entre outras exploratórias.

As etapas subseqüentes referem-se à dinâmica pelo método GF e à narrativa escrita com os adolescentes seletos por adesão voluntária, limitando-se a no máximo 30 alunos. Concluída essa fase, será realizada a análise da dinâmica GF e a leitura flutuante de todas as narrativas para categorização das abordagens surgidas destes dois instrumentos de coleta.

Para aplicação da entrevista individualizada, serão selecionados dois alunos de cada série (da 7ª do ensino fundamental a 3ª do ensino médio), um do sexo masculino e outro do sexo feminino, por critérios formulados na etapa 7. Respalda pelo Termo de Consentimento Livre Esclarecido a entrevista semi-estruturada será gravada, para posterior transcrição e análise. Será aplicada em local que ofereça facilidade de

comunicação com o entrevistado, evitando assim interferências nos depoimentos e distorções de comportamentos ou declarações. A conclusão da aplicação dar-se-á no momento em que o ponto de saturação apresente-se como indicativo de “tradutibilidade”³⁶ da pesquisa qualitativa.

As respostas obtidas serão analisadas utilizando-se o modelo de “empilhamento”, ou seja, os dados serão primeiramente lidos na “vertical” ou leitura flutuante, identificando temas e relações comuns que serão posteriormente codificados. Após essa etapa, os dados são recortados e reorganizados em “pilhas” que refletem tópicos chaves. A metodologia bem como o software a ser utilizado será o do Discurso do Sujeito Coletivo – DSC, desenvolvido pela USP e de autoria de Lefreve (LEFREVE, 2002). Todas as informações serão analisadas, de forma que permita reconhecer elementos centrais referidos pelos escolares sobre o processo de formação de suas preferências e na definição de suas práticas alimentares, buscando-se assim uma visão ampla sobre o assunto, sem restringir ou simplificar as informações proporcionadas pelo grupo pesquisado.

As categorias serão separadas em duas dimensões que, por pressuposto, servem de guia à compreensão da formação das preferências alimentares: fatores internos ao sujeito - perceptivos e cognitivos - e externos – discurso social, influências familiares e de amigos. Para cada dimensão serão abordados temas como: que alimentos/preparação prefere, razões e motivações para as preferências, origem percebida das preferências, entre outras vindas da dinâmica do GF e narrativas, de forma que possam somar para o alcance dos objetivos do estudo. Além deste enfoque, buscar-se-ão respostas dos entrevistados sobre a tradução das preferências em práticas alimentares e fatores intervenientes.

Ao final, a análise realizada deverá permitir ao pesquisador, à luz do que vem sendo preconizado e realizado no campo da educação alimentar e nutricional,

³⁶ Tradutibilidade: termo utilizado por Janet Wart-Schofield (1993) para retratar o processo de descrição detalhada do conteúdo e contexto da pesquisa. De tal maneira que possa ser generalizado a exemplos semelhantes, o que se assemelha aos supostos positivistas da generalização.

argumentar em torno do que precisa ser considerado na abordagem do adolescente tendo em vista os resultados alcançados pelo estudo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. de S; NASCIMENTO, P.C.B.D.; QUAJOT, T.C.B. Quantidade e qualidade de produtos alimentícios anunciados na televisão brasileira. **Rev. Saúde Pública**. v.36, 2002. Disponível em: www.scielo.br/nutricao/periodicos/*.pdf. Acesso em 10 jun.2007.

ANJOS, L.A; VEIGA, G.V; CASTRO, I.R.R. **Revista Panam Salud Publica**. Distribuição dos valores do índice de massa corporal da população brasileira até 25 anos. Disponível em: www.scielo.br/nutricao/periodicos/*.pdf. Acesso em: 03 abr.2007.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Vigilância Alimentar e Nutricional – SISVAN**. Brasília, 2004. 120p.

_____. **Estratégia global para alimentação: ações no Brasil**. Ministério da Saúde do Brasil. Brasília, 2005. Disponível em: http://portalbrasildtr.saude.gov.br/nutricao/documentos/*.pdf. Acesso em: 17 nov.2006.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Política Nacional de Alimentação e Nutrição**. 2ed ver. Brasília, DF, 2003.

_____. **Código de defesa do consumidor**. LEI N 8.078, de 11 de setembro de 1990. Ministério da Justiça do Brasil. Brasília, 1990. Disponível em: <http://www.mj.gov.br/DPDC/servicos/legislacao/cdc.htm>. Acesso em: 12 nov.2006.

_____. Revistas do censo. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2000, Divulgação dos resultados**. Ed.nº. 10.. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/censo/divulgacao_digital.shtm. Acesso em: 24 nov.2007

_____. **Lei Orgânica de Segurança Alimentar e Nutricional - LOSAN**. Ministério da Saúde do Brasil. Brasília, 2006. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/consea/static/eventos/losan.htm>. Acesso em: 16 nov.2006.

_____. MS: Ministério da Saúde. Grupo Técnico Assessor. Epidemiologia e Serviços de Saúde. **Relatório da Análise da EG/OMS**. 2005. Disponível em: http://portalbrasildtr.saude.gov.br/nutricao/documentos/*.pdf Acesso em 30 abr.2007.

_____. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei 8.069, 1990.

BORGES, C.M. **Hábitos alimentares dos estudantes universitários: um estudo qualitativo**. UFMS. 1999. Disponível em: www.scielo.br/periodicos/doc/*.pdf. Acesso em 13 mar.2007.

CFN. Conselho Federal de Nutricionistas. **Revista CFN**: Publicidade de alimentos precisa de regulação. Brasília. n.15, 2005.

CONTRERAS, J. **Alimentación y Cultura**. Estudi General, Ciències Humanes i Socials, 1995.

DREWNOWSKI, A. *Taste preferences and food intake*. **Annual Rev. Nutrition**, 1997. Disponível em: arjournals.annualreviews.org/ufba.br. Acesso em 17 jan.2008.

ESPÍNDULA, D.H.P; SANTOS, M.F.S. Representações sobre a adolescência a partir da ótica dos educadores sociais de adolescentes em conflito com a Lei. Recife, 2004. **Revista Psicologia em Estudo**. v.9, n.3, Maringá. Disponível em: www.scielo.br/periodicos/*.pdf. Acesso em: 27 abr.2007.

FISBERG, Regina Mara et al. **Inquéritos alimentares: métodos e bases científicos**. Editora Manole, Barueri, SP, 2005.

FOUCAULT, M. **A História da Sexualidade 3. - O cuidado de si**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.246p.

GARCIA, R.W.D. Reflexos da globalização na cultura alimentar: considerações sobre as mudanças na alimentação urbana. **Revista de Nutrição**. 2003. Disponível em: www.ufba.br/periodicos/*.pdf. Acesso em 25 fev.2006.

HOUAISS, A. **Houaiss: Dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro, 2003.

KAZAPI et al. Consumo de energia e macronutrientes por adolescentes de escolas públicas e privadas. **Revista de Nutrição**. UFSC, v.14, 2001. Disponível em: www.scielo.br/periodicos/*.pdf. Acesso em 10 nov.07.

LEFREVE, A; LEFREVE, F. **Discurso do Sujeito Coletivo**. USP, 2002. Disponível em: <http://www.ipdsc.com.br/scp/index.php>. Acesso 24 nov.07.

LOPES, P.F.C. **Comer, beber, viver: o discurso midiático sobre a dietética contemporânea**. [dissertação, UFPI, 1998]. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/alaic/chile2000/11%20GT%202000Discurso%20e%20Comunic/CarvalhoLopes.doc>. Acesso em: 26 jul.2006.

MEAD, M.; GUTHE, C.E. Manual for the study of food habits. In: GARINE, I. Los Aspectos Socioculturales de la Nutrición. In: CONTRERAS, J. (ORG). **Alimentación y Cultura**. Estudi General, Ciències Humanes i Socials, 1995.

MENNELL, S.; MURCOTT, A.; VAN OTTERLOO, A. H. **The Sociology of Food: eating, diet and culture**. London: Sage, 1992.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Disponível em: <http://www.unesco.org>. Acesso em 24/02/2006.

_____. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Análise da Situação de Saúde. DCNT no contexto do SUS brasileiro. 2005. Disponível em: http://portalbrasildtr.saude.gov.br/documentos/*.pdf Acesso em 15 mar.2007.

NASCIMENTO, ANGELINA BULCÃO. **Comida: prazeres, gozos e transgressões**. Salvador - BA. EDUFBA, 2006.

OPAS. Carta de Ottawa de 1986. **I Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde**. Nov.1986. Disponível em: <http://www.opas.org.br/promocao/uploadArq/Ottawa.pdf>. Acesso em 10.abr.2007

POULAIN, JEAN-PIERRE. **Sociologia da alimentação: os comedores e o espaço social alimentar**. Trad. CONTE, Jaimir; PROENÇA, Rosana P. da Costa e RIAL, Carmem Silva. Florianópolis, Ed. Da UFSC, 2004.

RICHARDSON, R. JARRY; WAINWIGHT, DAVID. **A pesquisa qualitativa pode ser crítica e válida?** Pesquisa social, capítulo 6. São Paulo: Ed. Atlas, 3ª Ed. 1999.

RODRIGUES, E.M; BOOG, M.C.F. Problematização como estratégia de educação alimentar e nutricional com adolescentes obesos. Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**. v.22 n.5 Rio de Janeiro maio 2006.

ROTENBERG, S; VARGAS, S.de. Práticas alimentares e o cuidado da saúde: da alimentação da criança à alimentação da família. **Revista brasileira de saúde materno infantil**. Recife, PE, mar.2004. Disponível em: www.scielo.br/periodicos/*.pdf. Acesso em 30 abr.2007.

SANTOS, M.A. et al. **Mulheres plenas de vazio: os aspectos familiares da anorexia nervosa**. v.1 n.1, São Paulo, 2004. Disponível em: www.scielo.br/periódicos/usp/*.pdf. Acesso em: 03 abr.2007.

SARGENT, R.G., KEMPER, K.A., SCHULKEN, E. Dietary behaviors of south Carolina adolescents. **Journal of the South Carolina Medical Association, Columbia**. v.90, n.6, p.263-269, 1994.

VILELA E.M et al. Transtornos alimentares em escolares. **Jornal de pediatria**. Rio de Janeiro, RJ, Vol. 80, nº1, out.2004. Disponível em: www.scielo.br/periodicos/*.pdf. Acesso em: 23.out.2007.

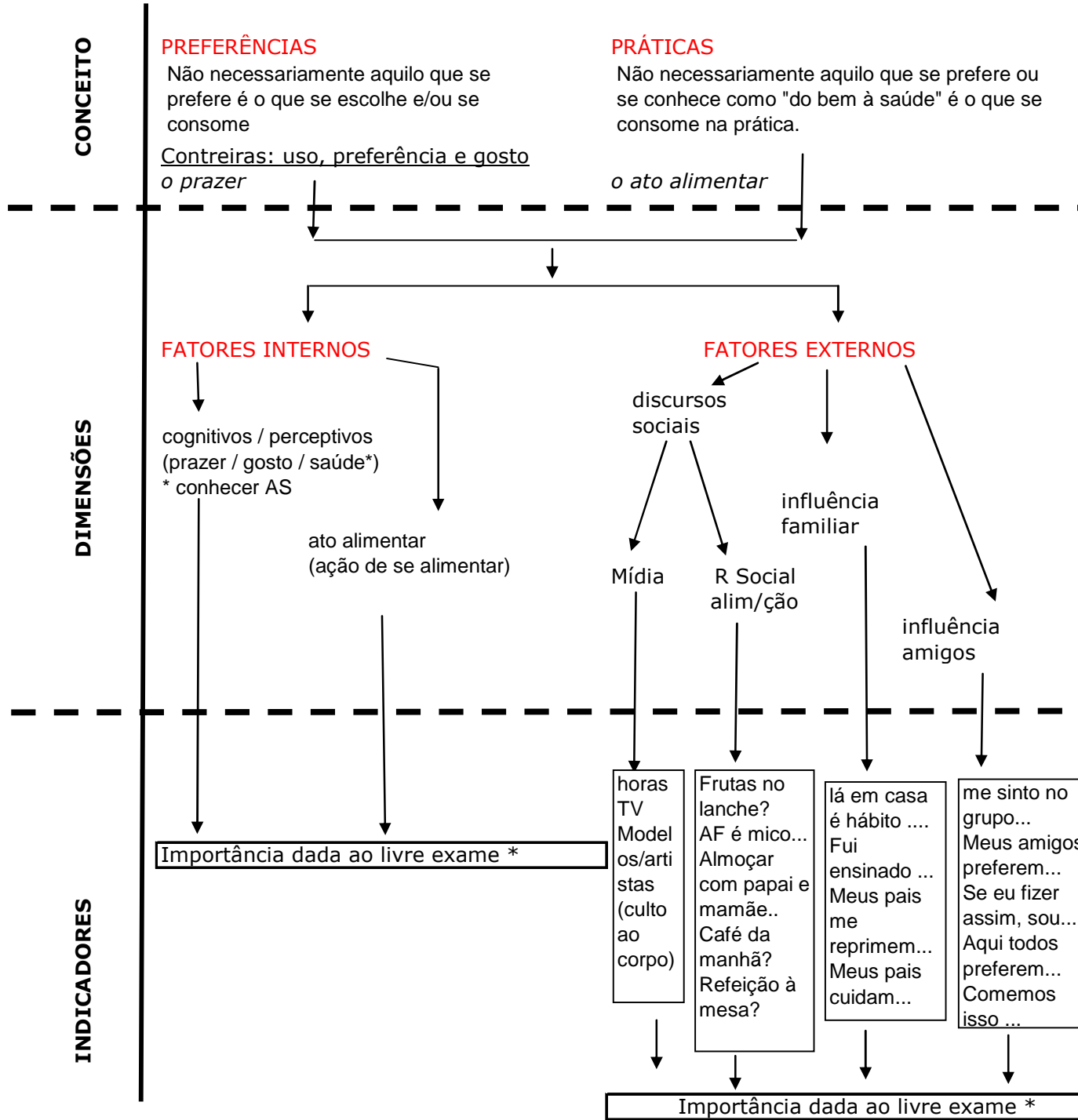
ZULLIG, KEITH et al. Self-Reported weight perceptions, dieting behavior, and breakfast eating among high school adolescents. **Journal of school health.** Mar.2006, vol 76, nº. 3. Disponível em: www.scielo.br/periodicos/*pdf. Acesso em 10 abr.2007.

WHO. World Health Organization. **Child and Adolescent Health and Development.** 1995. Disponível em: http://www.who.int/child-adolescent-health/OVERVIEW/AHD/adh_over.htm. Acesso em: 10 nov.07

APÊNDICE

B MODELO DE ANÁLISE

APÊNDICE B - MODELO DE ANÁLISE



Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)